Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 23 DE JUNHO DE 1972 N.º 17780 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

Desafio à França inflexível

Cinco dos seis pára-quedistas contra as experiências nucleares. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

PÁRA-QUEDISTAS EXPÕEM A VIDA CONTRA OS ENSAIOS ATÓMICOS

Continuam na Austrália as manifestações contra os ensaios. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Seis pára-quedistas contestatários fazem hoje os últimos preparativos para descer perto do centro francês de ensaios nucleares, no Pacífico, onde poderão juntar-se aos iates «Greenpeace» que se dirigem a toda a velocidade para o atol de Mururoa. Uma petição com 17.500 assinaturas foi entregue entretanto, na Austrália, ao primeiro-ministro e ao cônsul francês em Sydney. Estas são algumas das medidas de protesto tomadas em várias partes do mundo contra as experiências. (R.).

mesa redonda

Sumário de hoje

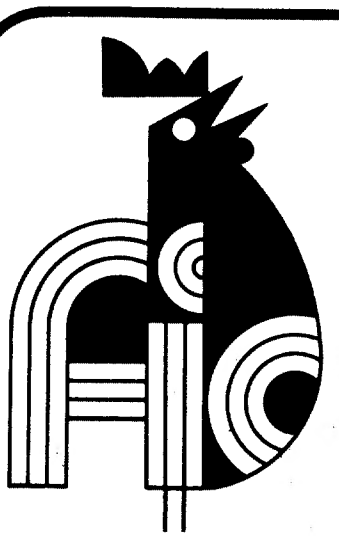
- O PROBLEMA DA REVISÃO DAS RENDAS DE CASA DE LISBOA E PORTO — por M. Roque Laia
- A FALSA VIDA DOIRADA DO PROFISSIONAL DA BOLA — inquérito de Ribeiro Cardoso
- ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL — TUDO ISTO É TRISTE... — por Calvet de Magalhães
- ALTERAÇÕES AO CÓDIGO PENAL E AO CÓDIGO DO PROCESSO PENAL — A resposta do deputado Sá Carneiro
- OS EXAMES NOCTURNOS PARA ADULTOS — por Urbano Tavares Rodrigues
- NOTAS DE LEITURA — «ESTADO DE DIREITO E SOCIEDADE DEMOCRÁTICA» — por Amadeu Lopes Sabino
- UMA COOPERATIVA REAL: DE LAFÕES VEM O EXEMPLO — de Armando Pereira da Silva
- CASAS PARA TODA A GENTE: LISBOA, CINTURA DE LATA — por Avelino Rodrigues
- FALEMOS DE TRANSPORTES — por Manuel de Azevedo

RESUMO

LIBRA

O Governo britânico anunciou hoje que, a partir da próxima terça-feira, vai autorizar a flutuação da libra. Esta decisão, que equivale na prática a uma desvalorização, é o resultado das fortes pressões a que a moeda britânica esteve sujeita durante a semana passada. O mercado londrino de divisas permanecerá encerrado hoje e segunda-feira para permitir a adaptação às novas condições. Ontem foi aumentada a taxa de desconto em um por cento, (F.P., R. D.L.).

HOJE: 36 PÁGINAS



ESCOLHA O CANTOR PORTUGUÊS PARA O FESTIVAL DO RIO

O «DL» começa a publicar no próximo domingo os cupões de voto que darão aos seus leitores a oportunidade de elegerem o intérprete português que representará o País no VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro. A publicação dos cupões prolongar-se-à até ao dia 10 de Agosto. Durante esse período, o leitor ficará com a responsabilidade de uma selecção difícil mas, ao mesmo tempo, com a possibilidade de contribuir (tantas vezes quantas quiser!) para uma escolha significativa.

DL /VIDA NACIONAL

VASCO LEÓNIDAS EM BRAGA

Mentalidade industrial para a agricultura

«O aspecto moral das políticas de desenvolvimento deve residir no conceito de igualdade de oportunidades para todos os grupos sociais», afirmou esta tarde em Braga o secretário de Estado da Agricultura, eng. Vasco Leónidas ao inaugurar a Exposição Agro-72. A caminho de Braga o eng. Vasco Leónidas visitou as instalações da Cel-Norte e em Ponte de Lima inaugurou as novas instalações da Adega Cooperativa tendo pronunciado um discurso alusivo ao acto.

Na Agro-72 o eng. Vasco Leónidas aludiu às diferenças entre a velha e a nova agricultura nos seguintes termos:

«Enquanto os antigos sistemas sociais se encontravam sempre voltados para o passado, na sua segurança relativa, a nova agricultura prefere encarar decididamente o futuro, com a porção de incerteza que apresenta e o estimulante desafio que encerra.

«A inserção da agricultura na civilização industrial implica uma aceitação plena da tecnologia (entendida como «a ciência das técnicas»), a funcionalidade racional (especialmente nas diferentes formas de cooperação e administração) e uma perfeita coordenação das atribuições dos indivíduos, segundo as suas capacidades e os conhecimentos de cada um».

Pinto Eliseu em Coimbra

O secretário de Estado das Obras Públicas, eng. Pinto Eliseu reuniu-se, esta manhã em Coimbra, no edifício do Governo Civil com o chefe do distrito, os presidentes das Câmaras Municipais, o subdirector geral das Construções Escolares, o director das Construções Escolares do Centro e outros técnicos desse departamento do Ministério das Obras Públicas.

OS DESPEDIMENTOS NOS LANIFÍCIOS

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo distribuiu o seguinte esclarecimento:

1.º Surgiram recentemente na Imprensa Diária algumas notícias em que se expuseram as preocupações que neste momento assoberbam os trabalhadores da indústria de lanifícios, perante o problema dos despedimentos que se fazem esperar na empresa Consórcio Laneiro de Portugal.

2. O Consórcio justifica a sua atitude com a alegação de prever falta de matéria-prima, para manter em laboração os três turnos que têm trabalhado até agora, e afirmando que a causa desta previsível falta de matéria-prima se deve atribuir às modificações introduzidas este ano no regime de garantia que vinha sendo concedido às lãs trabalhadas por conta da Lavoura.

3. Com a publicação da Portaria regulamentadora da Campanha Lanar de 1972, manteve-se a política que foi seguida até 1971: continuou a ser livre a compra e venda de lãs de produção nacional: e continuaram os Grémios da Lavoura e Cooperativas a promover a concentração das lãs e a prévia classificação e avaliação da Junta, para serem vendidas em leilão, beneficiando do preço mínimo de garantia deste Organismo nos estados de suja, lavada e penteada.

Para além da elevação substancial dos preços de garantia a pagar à produção, a única alteração introduzida no regime da ração introduzida no regime da portaria anterior foi a que consistiu em fazer depender da apresentação prévia em leilão dos lotes de lãs sujas, a possibilidade de beneficiarem dos preços de garantia. Fica, todavia, o produtor da lã com a liberdade de antregar e retirar as lãs apresentadas a leilão, em face dos preços que ali lhe sejam oferecidos.

Não tem esta medida outro objectivo que não seja o de permitir à lavoura um melhor conhecimento dos preços formados no mercado, optando por estes ou pelos de garantia, em regime de inteira liberdade. Ao mesmo tempo dá-se um passo importante no sentido de criar autênticos mercados livres de lãs, à semelhança do que se pratica nos grandes países produtores.

4. As eventuais necessidades de despedimento de pessoal invocadas pelo Consórcio Laneiro poderão explicar-se por outras razões, a saber: elevação dos preços das lãs no mercado mundial a um nível tal que voltou a despertar nos comerciantes e industriais de lanifícios portugueses, interesse pelas lãs nacionais, com a consequente competição nas compras, que resulta naturalmente um apreciável aumento dos preços oferecidos; ausência de uma conveniente organização da produção em volta dos seus organismos representativos, que não lhes permite acompanhar as condições oferecidas pelo comércio e pela indústria. Deve referir-se que a quantidade de lãs submetidas a leilão representa cerca de 1/6 da produção do País, e que nos primeiros leilões realizados este ano, o Consórcio indicou de um modo geral, valorizações industriais de nível mais baixo do que os preços dotados pelos compradores; e mecanização recente de algumas tarefas pelo Consórcio, tal como refere, aliás, o comunicado do Sindicato.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 23 (L.) — O Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola, distribuiu hoje o seguinte comunicado especial:

«1. Os movimentos terroristas têm ùltimamente tentado aumentar o número de infiltrações de homens armados.

«2. Tendo-se tido conhecimento da infiltração de um grupo pela fronteira norte, foi accionado o plano Novidade, visando a sua intercepção.

Graças a excelente trabalho de pisteiros, numa zona em que a altura do capim não permite reconhecimento aéreo de trilhos, foi possível fazer o seguimento desse grupo que acabou por ser detectado e fixado numa mata, a sul do rio M'Bridge.

«3. Atacado, por uma força de pára-quedistas heliotransportada, o grupo, foi totalmente disperso depois de sofrer seis mortos e três presos e de ter deixado no terreno o seguinte material que foi capturado:

Uma metralhadora ligeira, quatro espingardas e três pistolas metralhadoras;

Vinte e uma minas, quarenta e quatro granadas, cinquenta carregadores de munições e onze mil e quinhentos cartuchos diversos;

Muitos volumes com fardamento, equipamento, medicamento e material diverso.»

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

Já pensou em automóvel para as suas férias?

Então visite a exposição carros de serviço que lhe proporciona: J. J. GONÇALVES SUCRS, AUTOMOVEIS, LDA.

AUSTIN COOPER «S»
AUSTIN MINI-1000
AUSTIN MINI-1000-MISTA
AUSTIN MINI-1275-GT
AUSTIN-1300-2 PORTAS
AUSTIN-1300-4 PORTAS
AUSTIN-1300-GT
AUSTIN MAXI-1750
AUSTIN-1800
AUSTIN-1800 «S»
TRIUMPH-1300-TC

Todos estes veículos têm garantia

Rua Ferreira Lapa, 16-20
(à Rua do Conde Redondo)

72 CAU—08

A GRANDE REVISTA 1972

ENCENAÇÃO E DIRECÇÃO: CÉSAR DE OLIVEIRA
DIRECÇÃO DE MONTAGEM E FIGURINOS: PINTO DE CA
» COREOGRÁFICA: ANTÓNIO BARDIS
» MUSICAL: JOÃO VASCONCELOS
CENOGRAFIA: JOSÉ MANUEL E VICTOR REBOCHO

HOJE: 2 SESSÕES 20.45 e 23 H.

ATENÇÃO: A 1.ª sessão principia à hora exacta, pelo que a Empresa pede ao Ex.mo Público que não perca a abertura desta revista.

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H.

Opinião

BRAÇAIS E SERVIÇOS MENORES

Algumas vezes aqui temos falado das centenas de milhares de portugueses que andam por longe, pelas Franças e Alemanhas, trabalhando em ambientes de que não conhecem sequer as primeiras letras, lutando contra a hostilidade de populações que não querem ou não podem resistir a impulsos racistas, embora sejam directas beneficiadas daqueles que para elas trabalham. No fim de tudo, fica-nos a certeza de que a brutalidade da selecção (não diríamos natural...) forjará homens mais conscientes, seguros dos direitos conquistados, capazes portanto de enfrentarem criticamente o mundo, em vez de passivamente o suportarem.

Para muitos de nós, porém, será surpresa a notícia de que muito perto, na vizinha Espanha, milhares de compatriotas nossos trabalham em condições igualmente difíceis, às voltas com problemas não muito diferentes daqueles que se lhes deparam em terras de mais exótica linguagem. Que fazem esses portugueses no meio de «nuestros hermanos»? Di-lo o «ABC» numa notícia recente, que começa desta maneira: **«As hierarquias eclesiásticas de Gerona e Barcelona abordaram conjuntamente os problemas de toda a ordem, especialmente nos terrenos social, cultural e, naturalmente, espiritual, postos a ambas as dioceses pela presença de trinta mil imigrados procedentes do Norte de África e de Portugal. Ambas as comunidades encontram fácil acolhimento nas duas províncias, dada a abundância de trabalho não especializado, derivado das obras públicas («metros» e auto-estradas, principalmente) e como braçais nas fainas agrícolas, dando serventia na construção, além de serviços menores de hotelaria».**

Nada de novo, como se vê. Somos «não especializados» de vocação, trabalhamos em «serviços menores», mão-de-obra fácil e barata para uma Europa industrializada que já não quer sujar as mãos em tarefas pesadas e desagradáveis.

Mas não ficamos por aqui, como se concluirá de mais esta transcrição do jornal espanhol: **«Contudo, as condições humanas e sociais em que se desenvolve deixam muito a desejar. Marginados voluntária ou involuntàriamente pela comunidade que os rodeia, ou porque nem sempre contam com a documentação laboral em regra ou porque em si mesmos preferem não relacionar-se, o certo é que vivem desassistidos por aqueles a quem servem com o seu trabalho».**

Da análise desta situação, feita por iniciativa do arcebispo de Barcelona, resultaram algumas medidas que exprimem, sobretudo, as boas intenções de quem projecta pô-las em prática. Parece-nos, contudo, sofrerem elas de um mal muito frequente, o de começar as construções pelo telhado, sem o prévio levantamento das paredes, sem a indispensável abertura dos caboucos. Segundo o «ABC», para os portugueses, «**vai solicitar-se o envio de sacerdotes do país vizinho (o nosso, naturalmente), a fim de criarem equipas com os espanhóis e uma série de centros assistenciais e de orientação. Assistentes sociais cuidarão das famílias que progressivamente vão chegando também, e tratarão de incorporá-las na sociedade que os acolhe».**

De mais conhecemos esta linguagem e a falta de eficiência de medidas desta natureza: os portugueses em Espanha terão de fazer a sua vida à sua própria custa...

URBANO TAVARES RODRIGUES

MAIS UM INIMIGO DO POVO

Os espectáculos fora dos circuitos comerciais começam entre nós a multiplicar-se. Quer sejam ou não integralmente a expressão de um grupo, ainda quando aceitam o texto original (e até aqui de dramaturgos do passado, mesmo por causa das facilidades que daí derivam), tendem para uma colectivização cada vez maior. Todos os elementos técnicos e artísticos (nos «Bonecreiros», «Comuna», Grupo do Atlético de Campolide, «Casa da Comédia») actuam — ou pretende-se que actuem — a um nível de participação profunda. E, nalguns dos casos, a um nível de igualdade. Nada melhor, como ponto de partida, para a grande campanha que se esboça no sentido de um autentico teatro popular, que vá ao encontro das camadas trabalhadoras, que as estimule a popularizarem elas próprias o teatro. É claro que nada disto se pode fazer sem especialistas, sem trabalho aturado, disciplinado e intenso. A aposta consiste em acreditar que, prescindindo das hierarquias, a liberdade, a corrente de entusiasmo, de fervor que se estabelece no grupo são capazes de render mais na construção do espectáculo, no contributo efectivo deste para a expansão do gosto pelo teatro, da sua necessidade, da transformação de estruturas.

Agora que as «cegadas» estão na ordem do dia, aconteceu chegar-me precisamente ás mãos este julgamento (o quarto) de uma cegada da Nazaré, de criação rigorosamente popular ali apresentada no Carnaval de 1971. E i-lo, em transcrição fidelissima com corruptelas e tudo:

«4.º JULGAMENTO

Acusação — Como é que você se chama?

O réu — Amandio Farmacinhas.

Acusação — O réu sabe que é acusado de não ter falado nos jornais em tempo devido e com mais insistência nos charutos, camisas e outros fudores que pairaram durante a época balnear na praia de banhos, obrigando assim os banhistas a fumarem charutos marca roscofe patente três vinte dá cá lume não queiras, motivando o afastamento de grande parte deles. Como não ganhou nada com isto, visto que ainda não começaram as obras eu apelo a este tribunal a pena máxima para o réu.

Defesa — Protesto Sr. Dr. o meu cliente, no Verão passado, teve uma má fama por ser correspondente dum jornal da capital, mas não teve culpa do que se passou.

REU — Na verdade Sr. Dr. nem só eu sei escrever e peço clemência a este tribunal visto eu ter únicamente tentado zelar pelos interesses da Nazaré, pois eu, além de ser da botica sou também correspondente do jornal, mas note-se não sou correspondente do jornal da Nazaré, porque esse, anda atrazado seis meses, pois em Novembro recebi os jornais relativos aos meses de Julho, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, mas isto num só jornal. Chama-se a isto a caça à assinatura.

Acusação — Pois por não ter previsto a avaria é que o senhor sofreu esta acusação.

Juiz — Sendo assim o réu vai ficar sujeito à seguinte sentença: — É intimado a ir banhar-se dia sim, dia não também no mar de rosas que lá estava. Obrigamo-lo a pagar todas as rendas do mês de Setembro das casas que ficaram por alugar e depois aconselho-o a ir para as termas da Piedade para curar o mal de pele que isso lhe irá causar. E por hoje damos por terminada esta série de inchentes, Xau, p'ró ano há mais.»

Que está por detrás deste comentário jocoso (e levemente verrinoso) a episódios da vida provincial nazarena. Segundo toda a aparência, houve um farmacêutico, correspondente de um jornal de grande informação que, em notícia (considerada na cegada a contratempo, ou destemporada) deu o «inoportuno» alarme sobre um foco de infecção ali existente nesse Verão, melhor nessa estação balnear.

A atitude crítica do «povo», autor colectivo da cegada, cuja composição social não nos é fácil determinar com exactidão, manifesta-se verberando e condenando o «Farmacinhas» («inimigo do povo», porque inimigo dos seus interesses na medida em que lançou o descrédito sobre a praia e por isso as casas geralmente dos pescadores — ficavam por alugar. Aliás, a crítica estende-se ecléticamente, daquele que denunciou a podridão aos que nada fizeram por a sanar.

O estilo é vivo, oral, a expressão escrita por vezes incorrecta, mas saborosa e cómica.

Os «inimigos do povo» estão na moda no nosso teatro: houve o do Ibsen-Sttau Monteiro, houve já depois o Solnado a inaugurar o chafariz de água envenenada em «Prá Frente Lisboa» (um discurso dos mais notáveis que em palcos portugueses já se ouviram) e afinal havia até, sem de nada sabermos, o obscuro inimigo do povo da Nazaré.

Os conflitos de interesses nem aos pobres poupam, quando a vida corre torta, quando o mundo se não desentorta.

CARTAS

AS ASSOCIAÇÕES DE AGRICULTORES

A propósito de um editorial do DL o Gabinete de Imprensa da Associação Central da Agricultura Portuguesa enviou-nos a seguinte carta:

No «Diário de Lisboa» de 19 do corrente, na secção «Opinião»-que é um exemplo de bom jornalismo incisivo e sucinto — sob o título «Atacado ontem, defendido hoje», fazem-se algumas considerações a propósito do último discurso do sr. Secretário de Estado da Agricultura sobre a necessidade dos agricultores se associarem.

Sem discordância com o essencial dos vossos comentários ou com as palavras daquele membro do governo, vínhamos aproveitar o acolhimento que esse jornal sempre deu às diversas opiniões, para dar também a nossa porque, neste assunto, nos sentimos especialmente responsáveis como a mais velha e maior associação livre de agricultores que desde a fundação sempre tem vindo a acolher todas as outras.

Ao verificarem-se tantas promoções para que os agricultores se associem debaixo de diversas formas, pode muita gente pensar ou reafirmar o que erradamente se tem dito: que os nossos agricultores não têm espírito de associação. Ao contrário, sempre manifestaram através da história um grande espírito associativo que vem de séculos.

São conhecidos os celeiros comuns no século XVI e já se fazia, por exemplo, crédito agrícola pelo sistema da mutualidade antes de aparecerem entre nós os primeiros bancos conhecidos pelos bancos «escoceses». Foram conhecidas também as mútuas seguradoras de gado em grande quantidade feitas pelos processos mais simples, sem quotizações ou escritas complicadas mas apenas firmadas na palavra dada pelos associados de contribuirem com um montante determinado prèviamente para cobrir no momento o acidente ou doença de gado de qualquer deles.

A nossa própria Associação, fundada em 1860, na mesma época das suas congéneres europeias, tinha já no fim do século passado e princípio deste, como seus associados os primeiros Sindicatos Agrícolas (assim se chamavam então as associações de lavradores) e suas Federações livremente dirigidas e geridas. A nossa Associação, em 1911, colaborou com o Governo de então na organização da legislação global das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo para acorrer ao desenvolvimento que então vinham a tomar as Caixas Rurais desde o fim do século passado.

Embora no vosso jornal se faça apenas referência às cooperativas de transformação e distribuição que também se iniciaram cedo entre nós (mas apenas com a importância relativa ao movimento dos mercados de então) pensamos também que todos estes movimentos associativos foram muito prejudicados a partir de 1930 com a demasiada preocupação de os centralizar e uniformizar, embora pudesse haver a melhor intenção de os desenvolver.

Assim as Caixas de Crédito Agrícola Mútuo, por exemplo, logo que passaram a depender da Caixa Geral dos Depósitos sofreram sucessivos cortes à sua autonomia, culminando com a limitação há pouco tempo do montante do crédito a conceder.

Logo que os Grémios da Lavoura substituíram os Sindicatos Agrícolas, foram proíbidos de pagar quotas à nossa Asso-

Continua na pág. 9

DL/NACIONAL

RENOVAÇÃO DA AVENIDA

O plano de urbanização da Avenida da Liberdade encontra-se já em adiantada fase de estudo — de um modo geral todo o lado nascente e metade do lado poente já foi estudado — e o decreto-lei ontem publicado no Diário do Governo determinando a suspensão, pelo período de um ano, de todas as obras de demolição, construção ou ampliação, bem como o abate de árvores ou maciços em toda a zona envolvente da Avenida, destinou-se especialmente a possibilitar a intervenção efectiva da Câmara Municipal no seu coordenamento e crescimento. Com efeito, a existência de um plano de urbanização naquela área tinha originado forte pressão por parte dos proprietários junto da Câmara do próprio grupo de arquitectos que trabalham no plano, criando um ambiente pouco propício à sua elaboração. Com este decreto, a calma volta novamente ao gabinete onde se processam os estudos (pelo menos durante um ano...), ao mesmo tempo que a Câmara beneficia de nova margem de tempo que lhe permite congelar o licencismente de construções na Avanida, enquanto o respectivo plano director não for ultimado.

Como tinha acontecido na Avenida da República, onde a construção desenfreada nada respeitou, também na Avenida da Liberdade a deterioração urbana crescia de dia para dia. A pressão existente no sentido de instalar na 1.ª via de çlisboa as sedes das grandes empresas e os escritórios de prestígio, levou à destruição de uma parte da Avenida, que se viu invadida de construções sem escala e de muito discutível valor arquitectónico. Agora, a Câmara decidiu considerar a Zona da Avenida como um todo, condicionando as intervenções ao plano director.

Este plano começou a ser estudado em fins de 1970 e as suas linhas gerais foram aprovadas na sessão camarária de 18 de Março de 1971. O grupo de arquitectos, chefiado pelo arq. Pedro de Almeida, constituiu-se depois em Gabinete da Avenida.

Segundo esse plano, que dá a máxima atenção ao território dos peões e à possibilidade de uma apropriação dos espaços urbanos por parte do público, vão ser tomadas várias medidas: conservar alguns edifícios considerados de interesse arquitectónico; preservar toda a zona do iardim Botânico, incluindo a hipótese de o alargar; manter o Parque Mayer como polo de animação urbana, introduzindo-lhe embora várias modificações (o teatro Capitólio será intocável); condicionar a utilização dos dois primeiros pisos dos prédios a construir — são eles que definem a imagem de uma artéria — criando uma galeria de peões rés-do-chão e no primeiro andar; aproveitar o interior dos quarteirões para construção de jardins; controlar o volume dos quarteirões, integrando convenientemente os edifícios a conservar — o que implica que a altura dos mesmos não seja uniforme. Todas estas medidas pretendem fazer com que a Avenida, além de ganhar uma certa coesão, constitua um polo de desenvolvimento urbano, evitando que se transforme num eixo voltado para dentro e portanto contra a própria cidade.

Os edifícios da Avenida da Liberdade que serão conservados devido ao seu valor arquitectónico são os seguintes: lado nascente — edifício do «Diário de Notícias», palacete «árabe» (de H. Lousseau) edifício do arquitecto Norte Júnior, Hotel Vitória, cinema Tivoli, palacete Lambertini e Companhia das Aguas; lado poente — cinema Eden, café Palladium e embaixada de Espanha.

FIL
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
JUNHO
9 - Inauguração
10
11
12
13 só para visitantes
14 profissionais!
15
16
17
18
19 NB: O LUGAR DE ENCONTRO DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS
20
21
22
23 - Encerramento.

HOJE
ÚLTIMO DIA DAS
17 ÀS 24 HORAS

PÁGINAS AMARELAS: UMA VIDA COMPLICADA

Paga mil contos aos seus 73 vendedores uma empresa a quem os vendedores dão a ganhar, só em Lisboa e Porto, 10 000 contos por mês.

É de treze contos o máximo de **retirada** mensal dos angariadores de inscrições nas **páginas amarelas** das listas telefónicas. As compensações de «fim-de-campanha», após a publicação de cada lista anual, elevam a média mensal para vinte contos. A empresa editora recebe dos assinantes em todo o país prestações que totalizam 17 000 contos de **entrada** mensal, caucionada por uma sanção imperativa: o telefone será deslidado se o assinante não pagar a factura dos T. L. P. ou dos C. T. T., em que são contabilizados conjuntamente o aluguer do aparelho, o preço das chamas e o das inserções especiais nas listas fabricadas pela Imprimarte.

Tanto nas cartas dirigidas à empresa como na exposição recebida pelas autoridades corporativas, os 73 comissionistas na angariação de anunciantes para as **páginas amarelas** afirmam-se **«decepcionados»** com a **«ética de vendas»** da Imprimarte, que já esteve na origem de alguns despedimentos muitas reclamações e vários processos judiciais.

À ESPERA DE HOJE

A exploração mundial das listas telefónicas é uma das mais surpreendidas fontes de lucro da **International Telephone and Telegraph Corporation (ITT).** Trust americano, abarcando quase todos os campos concebíveis de actividade e ramificado por 80 países, a ITT facturou 7,3 biliões de dólares em 1971, declara-se **«ao serviço dos povos e nações de toda a parte»** e tem lema **«crescer, crescer, crescer».** A **Imprimarte (Publicações e Artes Gráficas)** é um dos seus braços portugueses. Os seus «vendedores» dizem que trabalhar para a Imprimarte **«não é um modo de vida, é um modo de morte».** No culminar dum processo **«de luta com a empresa, mas sempre de acordo com ela»**, que está a ser investigado pelo Ministério das Corporações, quatro deles foram despedidos por falta de **«espírito para trabalhar no momento».**

A Imprimarte prometeu para hoje, dia 23, uma **«comunicação aos vendedores»** sobre o seu estatuto na empresa. Espera-se que a integração destes seja a decisão final, mas ignora-se se as condições de trabalho impostas coincidem ou não com os pedidos repetidamente formulados pelos vendedores. A Imprimarte afirmou **«ser, em princípio, esta, a melhor solução quer para a Empresa, quer para os vendedores. Julga-se que neste ponto os interesses são paralelos».** E nos outros pontos? **«A solução tem que ser encarada não só à luz das normas que regulam o direito geral do trabalho, mas também das especiais características desta actividade externa que se estende a todo o território o Ilhas.»** Hoje ainda se conhecerão os efeitos da ressalva.

UM MUNDO DE MORTE

Por efeito da concessão contratual recebida dos TLP-CRR, a Imprimarte não tem pràticamente concorrentes no mercado interno.

Secedendo ao ramo português da firma brasileira **Celsa** (fundada por um ex-funcionário da ITT), a Imprimarte resulta da associação no seio do grupo ITT, da nova concessionária das listas telefónicas (PLT: Publicações de Listas Telefónicas, S. A. R. L.) com uma organização tipográfica: a antiga Bertrand (Irmãos), agora em Queluz.

Considerados pelos patrões a **«trave mestra»** da empresa entre as 400 pessoas que emprega, os vendedores não têm de facto **emprego,** nem garantias, nem forma alguma de protecção social. Nenhum sindicato os agrupa, a nenhuma caixa de previdência podem recorrer. Trabalhadores em «regime livre», estão sujeitos a horário de tempo integral, à exclusividade na prestação de serviços à empresa, à subordinação hierárquica, a processos de trabalho com rigoroso controle de tempo, a sanções e castigos e a um sistema de remuneração que, por exemplo, possibilita à empresa ganhar seis contos com uma angariação pela qual são **descontados** ao vendedor 480 escudos.

«Somos a Empresa», dizem: trabalham doze a catorze horas por dia precisam de pedir autorização para tratar dos seus assuntos particulares e são pbrigados a usar pasta «Sansonite», caneta «Parker» e carro a expensas suas.

«Apesar de todas as tendências modernistas, a família continua a ser ainda o baluarte da sociedade;» escrevem eles na resposta ao inquérito que lhes foi dirigido pela Imprimarte, depois de terem exposto a sua situação numa primeira carta conjunta, em 10 de Janeiro passado. «Actualmente, com as exigências que nos são postas a nós vendedores PLT, a nossa família em vez de ser elemento estabilizador da nossa vida, é, pelo contrário, mais uma constante da tensão nervosa em que vivemos, pois reclama-nos obrigações que não podemos cumprir».

Porque **«trabalhar para a ITT é todo um modo de vida. E como se pertencessemos a uma ordem monástica».** — disse à revista TIME um antigo alto funcionário do **trust «A força específica da ITT reside em parte nesse sentimento de que estamos a trabalhar para uma Ordem e não simplesmente para uma empresa mortal».** Sentimento que os vendedores de Lisboa parecem não compartilhar, embora tivessem escrito: **«Nós, que já pensamos fazer «nossa vida PLT» apercebemo-nos de que é necessária uma segurança que nos permita afincadamente lutar até ao limite das nossas forças, e não pensar ganhar fundos durante dois quatro ou mesmo cinco anos, para depois abandonarmos a Empresa. (...) Não pretendemos criar desunião entre nós e a Empresa».**

PROCESSOS «MENOS ÉTICOS»

«O que nos pôs na rua foi termos atacado a supervisão com verdade», disse-nos um dos vendedores despedidos em 18 de Abril. Os supervisores são empregados da empresa, que **«impõem as exigências desta e têm por missão fiscalizar o trabalho dos vendedores».**

Os supervisores, além de revelarem **«tendências autocráticas»** e **«subserviência para com os superiores»** dão **«maus exemplos na ética de vendas». Um dos «factores negativos»** ligados ao mercado **«com influência directa sobre os resultados dos vendedores»** é, sempre segundo as palavras destes na resposta ao inquérito, **«a má vontade do público contra a nossa Empresa».**

A EMPRESA RESOLVE HOJE O CASO DOS VENDEDORES DESPEDIDOS

A mais frequente das «bitucas» profissionais é o arredondamento da ética que consiste em não impedir que o candidato candidato a anunciante se convença de que pagará muito menos do que a cifra que mais tarde aparecerá no recibo dos TLP-CTT: A confusão entre listas telefónicas de zonas diferentes, o engano no emaranhado das medidas tipográficas, a dificuldade de visualização das dimensões relativas e do aspecto final do anúncio, são outras tantas armadilhas possíveis para o leigo que quer publicidade sem saber como ela é feita e acabará por pagar mais publicidade do que pretendia.

«O índice de crescimento da Imprimarte, em Portugal, é nìtidamente superior ao de qualquer outra empresa congénere, pertencente ao grupo ITT e existentes nos diversos países» — dizem os vendedores no memorando que recebemos. **«E ainda de referir que o troféu respeitante ao maior contrato do mundo, conseguido pelas empresas de listas telefónicas do grupo ITT, no ano de 1970, foi atribuído a Portugal, por um contrato efectuado com uma empresa portuguesa».**

Mas é aos vendedores PLT que compete fazer tudo, desde os estudos de mercado ao projecto gráfico do anúncio a apresentar ao cliente, continuando pelos trabalhos de classificação e preparatórios de maquetagem, passando pela **obtenção** da venda e as relações públicas.

NEM SEQUER SOMOS EMPREGADOS

«Somos ou não empregados da empresa?» — perguntavam os vendedores às autoridades corporativas. **«Será que temos alguns direitos ou só temos obrigações? Mas como é que podemos ter tantas obrigações, se nem sequer somos empregados?»**

Os vendedores pretendem apenas que a **«vida PLT»** que vivem não seja apenas um galope de abdicação ao serviço da nova Cavalaria do dólar.

O regime de trabalho, que origina as primeiras diligências junto dos representantes da entidade patronal, ultrapassa todos os limites não já do imaginável, mas do fisicamente possível.

Quando a Imprimarte começou a interpretar como **«exigências»** as exposições dos colaboradores, quatro destes foram despedidos **«sem direito de apelo, pois a decisão era inabalável».** O seu objectivo de sempre, **«a integração nos quadros da empresa, com regalias sociais, Caixa de Previdência, Sindicato ou qualquer outra forma de protecção e defesa do trabalhador»**, parece no entanto em vias de solução: mas em que termos?

«SISTEMA ITT»

Os vendedores elaboraram uma crítica profunda ao sistema de remunerações em vigor, além de terem demonstrado a impraticabilidade do regime de trabalho que lhes é exigido.

Os ganhos provêm apenas de comissões sobre o valor dos contratos conseguidos pelos angariadores. As percentagens são de 20 por cento nos contratos para publicidade em nova lista, de 1 por cento sobre a manutenção dos contratos iniciados para listas anteriores e de 10 por cento sobre a diferença de valor entre o contrato antigo e o seu aumento ou redução na nova lista. A soma dos valores percentuais obtidos até ao fim da campanha (publicação da lista), cortejada com a soma das **retiradas** mensais, produz um saldo devedor ou credor na conta do comissionista. A possibilidade de **descontos** ao comissionista) explica-se pela já referida percentagem sobre a **diferença** de valor de dois contratos sucessivos: se houver uma redução de valor, o comissionista (que **trabalhou**, procurando e conferenciando com o anunciante, horas ou dias seguidos) **desconta** uma percentagem daquilo que a Imprimarte perde, em termos absolutos ou relativos.

São por conta do vendedor todas as despesas com o carro de que precisa para o exercício da sua profissão, as despesas de representação, a assistência médica e medicamentosa e o curto período de férias.

Pedem agora um sistema misto de ordenado fixo, percentagem das comissões e ajudas de custo, que lhes permitirá um rendimento mínimo de 16 800$00 mensais, acrescido de suplementos.

Mas pedem sobretudo **segurança** e **integração** na empresa, já que o problema não consiste de facto um reivindicar salários melhores mas em garantir a protecção do seu direito ao trabalho.

O ÂNGULO DA EMPRESA

Um representante da Imprimarte, sr. Teles da Silva, declarou à reportagem do «Diário de Lisboa» que a empresa **«tem em vista, como objectivo eventual, se tal solução se mostrar viável e obtiver o acordo dos próprios interessados, a vinculação dos vendedores aos quadros»**, segundo nos foi transmitido.

O nosso informador não se julgou habilitado a comentar o problema dos despedimentos e suas causas, nem da hipótese de alteração do sistema de remunerações que tem sido praticado. Considerou que o problema dos vendedores é **«problema de âmbito geral, que respeita a todos os agentes de vendas e não apenas aos da Imprimarte».**

«O problema dos vendedores talvez fosse o mais premente da empresa», disse o sr. Teles da Silva, **«e a demora da sua solução deve-se a complexos e delicados problemas de organização interna».** Segundo ele, no entanto, **«foi a Imprimarte quem tomou a iniciativa de rever a situação dos vendedores».** Referia-se a uma declaração pública do administrador, eng.º Barradas da Silva em 8 de Janeiro de 1971, durante um jantar. Embora se trate **«de um problema herdado da Celsa»**, portanto com mais de treze anos de **«premência»**...

Pedimos ao sr. Teles da Silva que nos esclarecesse sobre o sentido das revelações sobre os **«processos menos éticos»** que a Imprimarte terá usado nas suas angariações. O nosso informador **(«pessoalmente, por mim, não tenho conhecimento dos casos judiciais»)**, disse-nos que **o objectivo das PLT - Páginas Amarelas não é que o anunciante pague o mais possível, mas a informação, a publicidade dirigida, para satisfazer as necessidades do público».**

«BITUCA»

Os casos de **«bituca»**, segundo o nosso informador, **«devem-se a deficiências de formação dos vendedores, que não ajam de acordo com o «Código de Ética» a que estão vinculados ou o desconhecem».** Este «Código» diz, por exemplo, **«ser indispensável que ofereçamos sempre aos assinantes dos telefones de negócio: perfeito esclarecimento do seu contrato, incluindo espécies, tipos e tamanhos das figurações, tarifas mensais e vigências da lista; razões para todas as normas, regulamentos e especificações aplicadas no seu programa de publicidade; manutenção de todas as promessas feitas».**

O preenchimento do contrato, muito complicado, é fonte frequente de **«faltas»** dos vendedores, que, segundo o nosso informador, são então **«retreinados». «O retreinamento é uma política constante da empresa»**, disse ainda. **«Se o caso for de fraude, a solução será outra».**

O despedimento, talvez. Mas não foi de «bituca» o caso dos quatro vendedores despedidos no termo de um processo em que tiveram parte activa e que poderá atingir hoje a primeira das suas metas. Que dirá sobre eles a «comunicação» de hoje?

3
PRODUTOS
DE ALTA
QUALIDADE
Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

ANDARES
MASSAMÁ — QUELUZ
Composto de 3 casas soalhadas, cozinha, c/banho, desp.ª, e hall, em prédio de construção moderna — pons acabamentos.
PREÇO 260 000$00. MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292 — Telf. 369384 5 6 — 328232/3 — 361756

DL/ESPECTÁCULOS TV

Ó LINDA TERRA DE GÓIS OS TEUS OLHOS ONDE ESTÃO?

Bom, bom, vamos a isto. Há que deitar mãos ao trabalho. Amanhã é dia de pica o boi. Não deram por isso, mas suspirei profundamente. O meu desejo era ficar aqui, ficar para aqui a derreter os olhos, como dois queijos da serra, diante da fita de George Stevens. Uma fita cheia de ternurinha, tudo muito amigo uns dos outros, a vida assim é um céu aberto, o tio Chris, cheio de massa a morrer (finalmente!) pobre porque dedicara a fortuna a ajudar os coxos porque: ele era coxo e por isso gostava de ajudar as criancinhas que sofriam das pernas, que tinham a rótula fracturada, etc., etc. Comoveu-me tanto e tanto aquela história da jóia que a mãe oferece à filha, a gente devia já estar vacinada contra estas lágrimas fáceis, depois de ter lido as histórias de O'Henry, mas não, as lágrimas são bichos estranhos, aptas sempre a ressuscitar das cinzas. Sim. O meu desejo era este: ficar para aqui de olhos afrouxados, fixados no televisor como um pretexto, mas andarilhos por núvens e éteres a sonhar com um tempo em que os homens não se lixassem uns aos outros. Não posso ficar. Já passa da meia-noite, sabe-se lá quando é que vem o fim disto...

Bom. Pela câmara de José Manuel Tudela e pelo texto de Fernando Midões, transportei-me até Góis e seus termos. Góis, uma terra portuguesa dos nossos dias. Andamos, andamos, vimos os monumentos, as igrejas, as casas. Soubemos umas coisas sobre os fundamentos da vida. Vimos casas, tornámos a ver casas. Paredes, varandas, telhados, Principalmente telhados. Telhados é coisa que não falta em Góis. Na vila também há ruas. Tortuosas, cheias de sol. E de solidão. Parece uma terra abandonada. Chamem-lhe Góis, chamem-lhe Ninive. De súbito, parece que o realizador nos está levando até aos confins de velhas civilizações, esquecidas no tempo. Um grupinho à porta da igreja, depois da missa, duas ninas a beber água no chafariz (de propósito para fazer o boneco, está visto) um molho de velhos, mulheres e crianças igualmente a posar para a posteridade. Fora isso, nem vivalma. As pedras muito quietinhas no chão, as ruas cheias de um grande silêncio de olhos espantados. Talvez como símbolo do progresso, uma azenha chora para a calha as suas lágrimas arrancadas ao rio...

O texto, diz-nos, fugidiamente, que são os maleficios da emigração. Fora isso, há flores, a «água passa longe mas o asseio é patente», pelas estradas serpeantes circula o automobilismo desportivo «que tem popularizado a região», no lugar do Colmeal há uma intensa actividade construtora, o único empreendimento industrial com dimensão é a fábrica de papel, o repovoamento é um problema a pedir solução, etc., etc. Lá de quando em quando, aparece-nos uma velhota à janela. Ou um gato, desconfiado das presenças estranhas. Ou uma pedrês a debicar. Assim nos aparece Góis e seus termos — uma terra do nosso tempo português, uma desolação a meter-se pelos olhos dentro. Fica a pensar-se que o principal ficou no tinteiro, faltaram os elementos concretos sobre a real actualidade do povo de Góis. Gastou-se demasiado tempo, demasiada película, nas casas, nas varandas, no interior dos templos, nas paisagens que a distância diluía. Pode pensar-se isto. Mas não seria uma redundância? Não estará tudo contado naquele silêncio até ao pescoço, naquelas ruas para decoração, naquelas janelas fechadas sem remédio?

A sensação resultante de tamanha tristeza precisava de ser forte e imediatamente combatida. Talvez por esta razão nos ofereceram um **TV Clube**, com dois cançonetistas. O primeiro, Gérard Stern, era do género

da primeira vez que te vi
tomavas banho, quase nua,
numa pequena ribeira...

O segundo, Alan Bastide, era do género «casa portuguesa»:

Uma casa tranquila e altiva,
rosas, crianças depois,
bela como flor de
larangeira,
nos braços do teu noivo...

Este era o género, embora haja uma certa dificuldade em explicar-lhes verdadeiramente o género. Os dois cançonetistas perdiam-se irremediàvelmente na fragilidade comercialona das interpretações, estavam perdidos, isolados. Pedro Martins teve razão quando os pôs naquela sala fria, vazia, deserta. Stern e Bastide pareçiam dar passos e mais passos nos estreitos limites de uma cela afastada do mundo real. Prisioneiros? É isso. Prisioneiros. E ridículos. Dramático e triste. Muito triste.

Prémios Crédito Predial de Televisão – 2.º trimestre

Considero que o melhor programa português apresentado neste trimestre pela Rádio Televisão Portuguesa foi _____

Nome _____

Morada _____

Envie este cupão para o Campo dos Mártires da Pátria, 59-6.º, Dt.º, Lisboa, até ao dia 2 de Julho (2 de Outubro, 2 de Janeiro).

No dia 10 realiza-se o sorteio de uma conta-depósito de Esc. 15.000$00 entre todos os cupões recebidos.

Um Banco moderno com uma longa tradição de dinâmica e eficiência.

BPM

Imprimimos um ritmo novo à técnica bancária, uma dinâmica própria capaz de solucionar com rapidez e eficiência os problemas impostos pelo dia a dia num mundo em constante evolução. Conquistamos tempo... ao tempo. Para atendermos melhor os nossos clientes, ajudando-os a encontrar soluções convenientes para as suas necessidades. Mas criamos uma exigência: a de mantermos o alto nível técnico dos nossos serviços.
Para que a nossa dinâmica se transformasse em tradição.

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

Visconti e Dreyer no Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa

Ana Magnani

O IX Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa vive hoje um grande dia, pois estão programados dois filmes óptimos, que têm, para além disso, os nomes de Visconti e Dreyer a assinar as respectivas realizações. Trata-se das películas «Belissima», de Visconti, e «Gertrude» de Carl Dreyer. Ambos os filmes foram de certo modo «esquecidos» quando da sua primeira exibição. A Casa da Imprensa, no louvável intuito de proporcionar aos amantes de bom cinema filmes que passaram quase despercebidos, repõe alguns deles, numa cuidada selecção que não é demais aplaudir-se. De notar, ainda, que o filme de Luchino Visconti tem um notável desempenho de Ana Magnani.

Como sempre, neste IX Ciclo de Cinema, há duas sessões, às 15 e às 21 horas, nos cinemas Eden e Alvalade, sendo os filmes exibidos pela ordem com que os indicámos na sessão da tarde do Eden e na noite no Alvalade, e pela ordem inversa na sessão da tarde do Alvalade e na da noite no Eden.

Para amanhã estão programados os filmes «Tempestade na Jamaica», de Mackendrix, com Anthony Quinn, e «Céu Aberto», de Howard Hawks, com Kirk Douglas.

Curso de teatro nos "Modestos do Porto"

No âmbito das Jornadas de Teatro Amador, organizadas pelo Grupo dos Modestos, vai, agora, ser promovido um curso intensivo de teatro sob a direcção de João Coimbra.

O curso, que se inicia no próximo dia 1 de Julho, inclui 19 disciplinas que vão desde a educação corporal até à interpretação dramática, passando por exercícios de concentração, tensão muscular e de expressão corporal.

As inscrições estão abertas na sede do grupo promotor.

Faça férias diferentes
e conheça o desconhecido.
Vá connosco aos países de Leste!
Descubra cidades estranhas e maravilhosas:
Moscovo, Leninegrado, Varsóvia.
Sófia, Zagreb, Praga!
Viagens I. T. a preços acessíveis,
desde 6450$00.

Consulte-nos.

agência de viagens da companhia nacional de navegação

Rua do Comércio, 85 Telefs. 323021-366315-35215

CRIANÇAS, BAMBÚ E MÚSICA

Enquanto milhares de crianças em Lisboa, noutras cidades, nas vilas, aldeias, por todo o país, passam os dias em brincadeiras amenas, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian procedia-se a uma «Apresentação de classes dos cursos de educação musical». Enquanto várias dezenas de crianças tinham oportunidade de contactar com música interpretada por músicos da sua idade, milhares, milhões, talvez nem um brinquedo tivessem à mão.

Nos bastidores as crianças, por entre brincadeiras, metidas nos seus fatos de cerimónia (a cerimónia possível nas crianças), preparavam os instrumentos, ajustavam os nervos. Na sala a assistência constituida essencialmente por pais e familiares dos executantes aguardava com expectativa.

Finalmente o espectáculo começou. Por entre vénias as notas vão surgindo, crescem para as pessoas, mexem com os nervos de quem vê os seus filhos começarem para uma carreira a que poucos têm acesso.

Vitória Reis dirige os jovens músicos

AS CRIANÇAS

São umas dezenas como já dissemos. Andam num curso de iniciação musical a funcionar na Fundação Calouste Gulbenkian, do qual é regente a professora Vitória Reis, e seus acessores os professores Luis de Almeida, Manuel Teixeira Ferreira, Ilídio Gomes, Tasso Adamapoulos, Carlos Laredo e Ortwin Noth.

Vê-se nos rostos destes pequenos a alegria de fazerem algo que lhes agrada, a alimentação cuidada, o estudo que têm oportunidade de fazer.

Distribuem-se por várias classes: iniciação musical, introdução ao piano, flautas de bambu, viola e violino. De resto foi com participação de todos esses instrumentos que se fez esta «apresentação».

As crianças que contactámos estavam todas elas contentes pelo facto de frequentarem estes cursos.

Curioso o processo como alguns deles fizeram o seu ingresso. Uns porque tinha havido alguém na família que gostava muito de música, ou em certos casos até teria sido executante. Outros porque já em casa tinham oportunidade de tocar e aqui tiveram oportunidade de aprender algo mais. Para as famílias resta a vantagem de poderem assim avaliar das aptidões e tendências musicais dos seus educandos.

O António José Oliveira Martins tem nove anos e anda na quarta classe. Diz ele:

— Foi o meu avô que era músico quem fez com que eu viesse para aqui. Toco violino e piano.

O «nosso» António ainda não tem ideias definidas a respeito de qual o instrumento de que mais gosta. De qualquer modo pensa continuar.

O BAMBU

A respeito dos cursos falamos com o prof. Manuel Teixeira Ferreira, professor de iniciação de violino e também executante da Orquestra da Fundação:

— Cada criança tem uma hora de ensino por semana, o que é muito pouco, já que algumas delas precisavam de assistência diária para que os progressos pudessem ser reais e efectivos. Quanto aos cursos já existem há alguns anos. O método de ensino é o de Edgar Willelms e Jacques Chapuy. Não temos nenhum curso.

Agora interessava saber quais os objectivos que se perseguem com os cursos aqui ministrados. Diz-nos ainda Manuel Ferreira:

— O nosso trabalho pretende detectar valores e não fazer próprìamente uma iniciação musical, coisa que seria impossível.

E já terão surgido alguns casos, entre tantas crianças, que mereçam um especial interesse?

— Sim, há alguns casos. Todavia é muito difícil e prematuro uma opinião acerca da continuação do interesse recíproco da criança em relação a nós. Mas dum modo geral devem gostar de andar aqui. Como já viu vive-se aqui um ambiente extraordinário. É preciso um grande amor por este tipo de trabalho, que eu tenho. Por isso, e apesar de gostar muito de ser executante sou capaz de me entregar, no futuro, a este trabalho.

Correndo dum lado para o outro, preocupada com os pormenores de que é preciso cuidar quando a hora está chegada, a professora Vitória Reis lembrou ao nosso entrivistado que não perdesse a ocasião de falar no «caso das flautas de bambu». E is do que se trata:

— Há interesse em que sejam as próprias crianças a construir o seu instrumento, trabalho interessante e simultâneamente difícil. Como lhe disse a prof. Vitória Reis é muito fácil comprar uma flauta já feita. Bom e difícil e que sejam os aprendizes a construi-la.

Disto também nos fala o George Miguel Nogueira, de doze anos, aluno do 2.º ano dos liceus e do 3.º do curso de flauta:

— No primeiro ano construi a flauta de «dó» e então aprendi a tocar nela. No segundo fiz a de «ré» e no terceiro a de «sol». A mais difícil de fazer é a de «sol» mas a tocar é tudo o mesmo.

Talvez daqui por uns anos haja muitos mais músicos. Oxalá.

ROGÉRIO VIDIGAL

SABA
O TELEVISOR ALEMÃO
Nº 1

Rodolfo Arena premiado no Rio

RIO DE JANEIRO — O filme brasileiro «A culpa», de Domingos de Oliveira, mereceu a «Coruja de Oiro» do Instituto Nacional do Cinema, como melhor película brasileira de 1971.

Rodolfo Arena, ao fim de 62 anos de actividade no cinema brasileiro, foi eleito o melhor actor, no filme «Em família» e Lilian Lemmertz a melhor actriz, em «Cordélia, Cordélia».

Um troféu especial «Coruja de Oiro» foi entregue à actriz brasileira Florinda Bolcan, pelo seu êxito no cinema europeu. Florinda participou, como presidente de honra, na cerimónia de entrega dos prémios, realizada no Cinema Palácio, na Cinelândia.

Foi prestada homenagem aos artistas falecidos em 1971-72: Glauce Rocha, Milton Ribeiro, Manuel Ribeiro, Lia Torat, Rozendo Marinho e Leilá Diniz (que morreu há dias num desastre de aviação).

O actor Paulo José, que trabalhou com Leila Diniz em «Todas as mulheres do mundo», lembrou, chorando no palco, um bilhete enviado da Austrália, pela actriz, a um amigo:

«Viva, ame e não tenha medo. Leila».

Ribatejo, Sol e Touros

Continuando a manter a regularidade e qualidade apresentamos aos Ex.mos Clientes mais duas excepcionais excursões

2 de Julho — V. FRANCA DE XIRA
«COLETE ENCARNADO»

Pequeno Almoço ribatejano
Largada de touros
Almoço regional
Corrida Mista

Dia 9 de Julho: Formidável FESTA CAMPERA

Verifique as suas faculdades de «diestro». Delicie-se com a boa cozinha regional fornecida pelo HOTEL ABIDIS de Santarém. Passe um dia maravilhoso onde estiveram as «Misses», no LEZIRÃO - Casa Branca da

CASA AGRÍCOLA FRANCISCO RIBEIRO

●

Em complemento destas realizações passe uns momentos agradáveis e faça uma Prova de Vinhos de Qualidade

INFORMAÇÕES E RESERVAS

VASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88-C—42185
Rua dos Caminhos de Ferro, 62-C—868588
ou na sua habitual AGÊNCIA DE VIAGENS

Peter Finch faz de Nelson

Peter Finch encarnará a figura do almirante Nelson no filme «O legado à Nação», baseado num drama de Terence Rattigan. A seu lado estão Glenda Jackson, no papel de Lady Hamilton, Peter O Toole, Anthony Qualye e Margaret Eighton.

Câmara Municipal de Lisboa
Casa da Comédia

APRESENTAM

Todas as noites pelas 21.45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»
de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo

JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local
HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO Grupo C — 14 anos

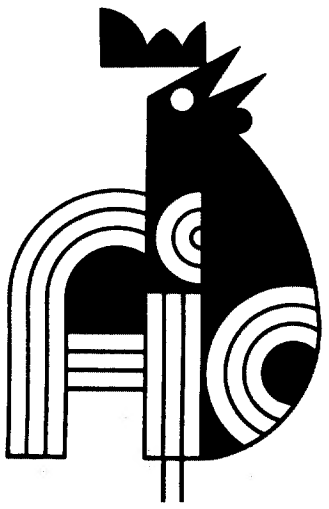
DL / ESPECTÁCULOS — CINEMA / TEATRO / MÚSICA

VII Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro VOTE NO INTÉRPRETE QUE PREFERIR

A publicação dos cupões de voto começa depois de amanhã

É já depois de amanhã que o nosso jornal começa a publicar os cupões que permitirão aos seus leitores a escolha de um intérprete português que represente a nossa canção no VII Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro. De posse do referido cupão o leitor apenas terá que pensar um pouco e indicar, com letra bem legível, qual o (ou a) intérprete que lhe parece merecer a honra de ser designado, como representante da canção portuguesa num festival com relevo que tem este do Rio. Fácil, portanto.

De Portugal sairão, aliás, dois representantes, cada um com sua canção (inédita), e ambos participarão nas eliminatórias internacionais do festival. Um deles, porém, está já



escolhido pela organização. Em breve diremos de quem se trata. Quanto ao outro (ou à outra...) tudo depende do interesse dos nossos leitores. Ao pensar deste modo na designação do intérprete que ainda falta escolher, quis o Diário de Lisboa responsabilizar o público por uma escolha que é difícil, não podendo, deste modo, ser acusado de facciosismo ou deformação. O responsável, portantõ, será o público. O papel (duplo) do nosso jornal é o seguinte, portanto: dar oportunidade aos seus leitores de escolher o (ou a) artista que mais garantias lhe dê e não se permitir uma designação que poderia ser discutida por todos. A escolha feita pela organização obedeceu a um critério rigoroso. Está, portanto, defendida a qualidade. Os votos dos nossos leitores designarão o artista popular. Confiamos-lhe, leitor, essa escolha.

JULIEN CLERC: a tradição presente

Com uma popularidade que lhe vem directamente de participação no «Hair», Julien Clerc é hoje um dos nomes mais cotados do cançonetismo francês.

Até meados de 1969 ele não passava dum intérprete promissor que a crítica destacava com alguma reserva. Com a entrada, porém, no quadro artístico do «Hair» francês o seu nome foi ganhando progressivamente relevo. Para além da participação neste espectáculo, onde estava também o português Sérgio Godinho, Julien Clerc ia fazendo os seus discos e actuando em locais determinados sempre que os deveres contratuais lho consentiam. Uma vez terminado o compromisso com o «Hair» fez uma «tournée» por França que culminou com uma actuação no Olympia registada em disco pela Pathé. Da gravação ao vivo constavam entre outros títulos «Le caravanier», «Carthage» e «Si Tu Reviens».

Festejado pela crítica e apoiado por um importante sector da imprensa musical, Clerc é neste momento um dos cantores com maior actividade em França. Superior a Dayde que de forma um tanto incipiente pretende explorar no mercado francês os truques da música «rock», fazendo por tabela pontaria a uma Europa que já tem a música inglesa para se entreter, Julien Clerc vem, de certo modo, perpetuar na música do seu país a tradição dos autores-intérpretes. Para tanto contraria a mecanização dos cantores que, sujeitos a um formulário comercial, aceitam de ânimo leve os repertórios feitos por medida.

Apercebendo-se, entretanto, da popularidade do cantor e das possibilidades de explorar comercialmente a sua «imagem», uma conhecida casa editora francesa dedicou recentemente um livro de cento e muitas páginas ao seu perfil e à sua obra cantada.

Com um estilo de vocalização que dum modo geral recorda — até no vibrato — os mais importantes cantores de França, Julien Clerc tem por vezes afinidades com Mouloudji que, apesar de se encontrar actualmente na segunda linha da canção francesa, foi, até pelo rigor de certas posições assumidas, um dos nomes que mais influenciaram as recentes gerações.

Povoada de imagens simples, de nomes acessíveis e duma ironia discreta, a música de Clerc aproxima-se, até nas canções do disco Pathé agora distribuído em Portugal. Clerc, Roda e Gil são os autores dos quatro temas que compõem o EP. «Ce n'est rien» na abertura do lado A é, do ponto de

soluções orquestrais, da canção de «Rive Gauche» nos seus melhores momentos. Sem a agressividade de Jean Sommer e a densidade de Ferré, nem a elaboração musical de

CRÍTICA DE JOSE JORGE LETRIA

Nougaro as canções de Clerc são, mesmo assim, peças importantes para o entendimento da canção francesa actual.

Moderado nas alusões e muito virado às regras do «showbusiness» que a maioria dos seus «mestres» Julien Clerc tenta manter na sua música uma dignidade que se manifesta, por exemplo, nas quatro vista melódico, e interpretativo o mais conseguido dos títulos. A orquestra dirigida por Jean-Claude Petit consegue um equilíbrio inteligente entre os ingredientes clássicos (acordeão, por exemplo) e os modernos (piano com um fraseado interessante), dando ao cantor a possibilidade de exibir as suas potencialidades interpretativas (vibrato característico e prolongamento das notas). O clima festivo do tema é valorizado com o arranque da orquestra que termina em «fade-out» à boa maneira das apoteoses do Olympia. «Rolo le Barouder» no lado B é também um tema conseguido que encontra no contraponto do coro o suporte ideal para a voz do intérprete. Os outros dois temas não ultrapassam a vulgaridade. Portanto: um disco que se recomenda, não pela riqueza musical das suas propostas, mas sim pela importância que Clerc começa a assumir no processo da canção francesa.

DL show

AVULSAS

Amanhã, às 21 e 30, procede-se no Pavilhão dos Desportos, à segunda apresentação da Grande Marcha de Lisboa, sob o título genérico de «Cantigas na voz do povo». Podem ainda ser ouvidos fados por profissionais e amadores.

Para amanhã, às 22 horas, está programado mais um espectáculo com «O auto do Curandeiro», no Clube Atlético de Queluz. A apresentação deste trabalho de Joaquim Carvalho e do Grupo de Teatro Amador da Madre de Deus destina-se a sócios do clube e da Proelium.

O programa do Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa inclui hoje mais dois filmes, conforme é habitual. São eles: «Belíssima», de L. Visconti, com Anna Magnani, e «Gertrude», de Carl Dreyer.

A terminar o seu «Ciclo de Cinema Novo», o ABC Cine-Clube de Lisboa, exibe hoje às 18 e 40, no Cinema Lys, o filme «Mikhael Kholas, o rebelde», de Volker Schlondorffer.

O Grupo Teatral Proscenium, do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do distrito de Lisboa, efectua amanhã, às 21 e 30, no Teatro Variedades a estreia da peça «Peraltas e sécias», de Marcelino Mesquita. O espectáculo, em estilo «pop», foi concebido por Pedro Lemos.

Filmes "Clássicos"

Com o intuito de trazer junto do público filmes esquecidos ao tempo da estreia, promove a Casa da Imprensa mais um Ciclo de Cinema. Deste ciclo consta a projecção diária, em dois cinemas simultâneamente, de obras importantes arrancadas à poeira das cinematecas. Até este momento foram já exibidos trabalhos de Orson Welles, Billy Wilder, Vincent Minnelli, Paul Newman, Hitchcock, Kazan e John Ford que apesar de discutíveis no processo da cinematografia contemporânea mereciam da parte do público uma recepção superior à que efectivamente lhes foi dispensada, pelo menos, até à data da redacção desta nota.

Sabemos que grande parte dos filmes importantes que se fazem actualmente, ou não chegam a Portugal, por razões que pouco adianta referir, ou não são pura e simplesmente apresentados entre nós. Nesta ordem de ideias ganha um especial significado todo o esforço desenvolvido no sentido de recuperar trabalhos esquecidos. Para quem nestas palavras encontrar alguma utilidade sugerimos os dois filmes de Visconti e de Dreyer que hoje são exibidos no Eden e no Alvalade.

JOSÉ JORGE LETRIA

Na sexta-feira cultural do Império é hoje exibido, às 18 e 30, a película baseada na obra homónima de Hemingway, «Por quem os sinos dobram».

A FNAT leva amanhã a efeito, em Évora, um Festival de Bandas de Música Civis, integrado na Feira de S. João a decorrer naquela cidade. O desfile está marcado para as 16 horas na Praça do Geraldo, e à noite há concerto de bandas de música no Jardim público. Há prémios pecuniários para os melhores classificados.

A Emissora Nacional inclui na sua programação de amanhã um rubrica com Beatriz da Conceição.

O prato forte da televisão para esta noite é a série «Lancer», com um episódio chamado «Um raio de luz». Pode ser visto um pouco depois das 22 horas.

«Empresta-me o teu apartamento» estará hoje em Abrantes, amanhã em Alcobaça, e, no dia seguinte, em Leiria. Nesta cidade haverá dois espectáculos no mesmo dia.

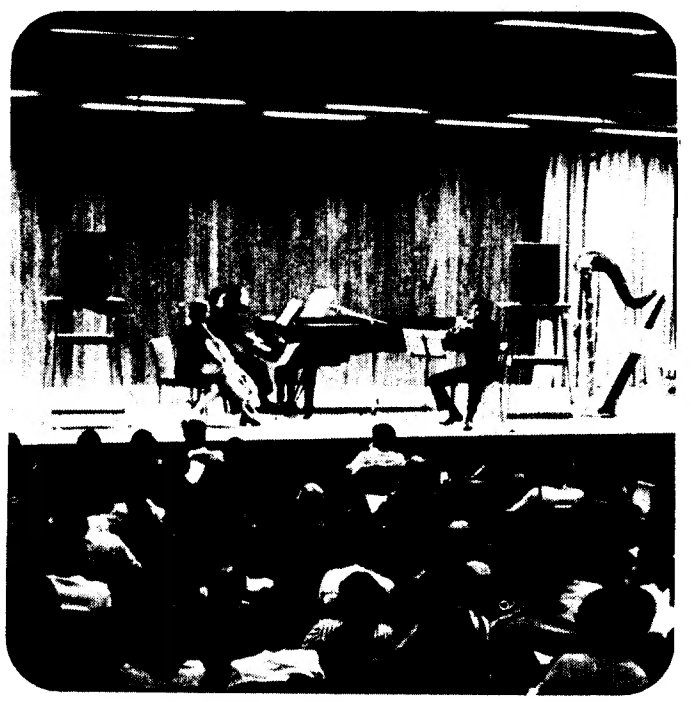
«Deseja-se mulher» continua na Casa da Comédia.

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que, depois de amanhã, domingo 25, e na próxima segunda-feira, dia 26, faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES, em virtude da Sala «COZINHA VELHA» se encontrar reservada para LANCHES DE CASAMENTO.

A DIRECÇÃO



Música Contemporânea em Lisboa

O grupo de Música Contemporânea de Lisboa exibiu-se no auditório Dois da Fundação Calouste Gulbenkian, dando o primeiro concerto de uma série que se prolongará durante alguns dias, como foi anunciado. Foram interpretadas obras de Filipe Pires («Figurações I, II e IV), Penderecki («Miniatury»), de Ramon Barce (Métrica II»), de Manuel Henriquez («Tres Invenciones») e de Jorge Peixinho («Harmónicas» e «Estudo n.º 1 sobre As Quatro Estações»).

Próximos concertos: no próximo dia 30, às 18 e 30, e no dia 4 de Julho, também às 18 e 30. Ambos terão lugar no Auditório Dois da Gulbenkian.

DL/NACIONAL

O dr. Domingos Arouca requereu o "Habeas Corpus"

Deu entrada na Relação de Lisboa, dirigido ao presidente do Supremo Tribunal de Justiça, um requerimento de «Habeas Corpus» a favor do dr. Domingos Arouca, advogado e escritor moçambicano, detido no Hospital-Prisão de São João de Deus, em Caxias.

O pedido, assinado pelo advogado dr. Francisco Salgado Zenha, funda-se no facto do dr. Domingos Arouca já ter cumprido, na integra, a pena que lhe foi aplicada pelo Tribunal Militar de Lourenço Marques — 4 anos de prisão maior e 3 anos de medida de segurança de internamento dado que a reforma do Código Penal de 31 de Maio deste ano mandar contar a prisão preventiva por inteiro. O dr. Arouca encontra-se preso desde 29 de Maio de 1965.

A GUERRA DOS YOGHURTES

A justiça deu razão a fabrica de yoghurt Grande Ponto

A guerra ao yohgurt! Aconteceu, como acontecem tantos factos passados nesta sociedade insaciável em que vivemos. A inveja, o despeito e algo mais por vezes levam o «Homem» a actos que toda a sociedade, alto ou baixo nível acabará por condenar, porque partem de princípios pouco firmes ou sem bases algumas, para poderem triunfar e imporem a LEI do mais forte.

Infelizmente, numa época em que pertencemos mais pròpriamente ao século XXI do que ao século xx, não porque possamos galgar os anos que faltam para atingirmos o fim deste século, mas sim porque o desenvolvimento social — económico — industrial, se processa a velocidade meteórica, é confrangedor assistirmos a casos desta natureza. Aspiramos a ir à LUA, porque a mentalidade das gentes a isso nos permite, mas para o mal as mentalidades ainda não progrediram, cada vez dão maiores sintomas de retrocessos...

A guerra ao YOHGURT! Porquê, se até os médicos o aconselham como poderoso alimento reconstituinte? A Fábrica de YOHGURT GRANDE PONTO, sentia o dever de dar esta satisfação à opinião pública. Chegou o dia de o fazer. Em comunicados publicados na Imprensa Diária, a Fábrica de Yohgurt Grande Ponto, afirmava sempre que esperava que a razão, e a verdade viriam mais tarde ao de cima, e acreditava cegamente na Justiça Portuguesa. E foi o que aconteceu.

O Pleito entre as Fábricas do YOHGURT GRANDE PONTO, e VENEZA, que tanta tinta fez correr e apaixonou a opinião pública, teve o seu fim. Ganhou a FABRICA DE YOHGURT GRANDE PONTO. Depois de várias audiências realizadas no Tribunal Civil da 5.ª Vara, teve o seu fim.

A Justiça deu razão à Fábrica de YOHGURT GRANDE PONTO, que soube sofrer as intempéris da ida.

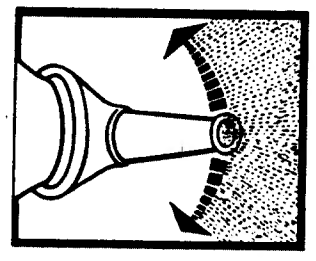
Ainda hoje a Fábrica de YOUGURTGRANDEPONTO, o primeiro que se fabricou no País, e manda Deus que se diga a verdade, sem receios de desmentido continua e continuará a ser preferido por todos os bons apreciadores de Yohgurt.

Como várias vezes afirmamos a guerra não foi por causa dos boiões, mas sim da qualidade do produto. Porque o YOHGURT GRANDE PONTO, mercê da alta qualidade da matéria prima utilizada, da sua confecção esmerada, poder nutritivo, dietético e até medicamentoso, conseguiu atingir larga e crescente aceitação entre o público.

E agora os Senhores do Yohgurt VENEZA que venham desmentir que o YOHGURT GRANDE PONTO não é o mais preferido, e o que maior aceitação tem no mercado.

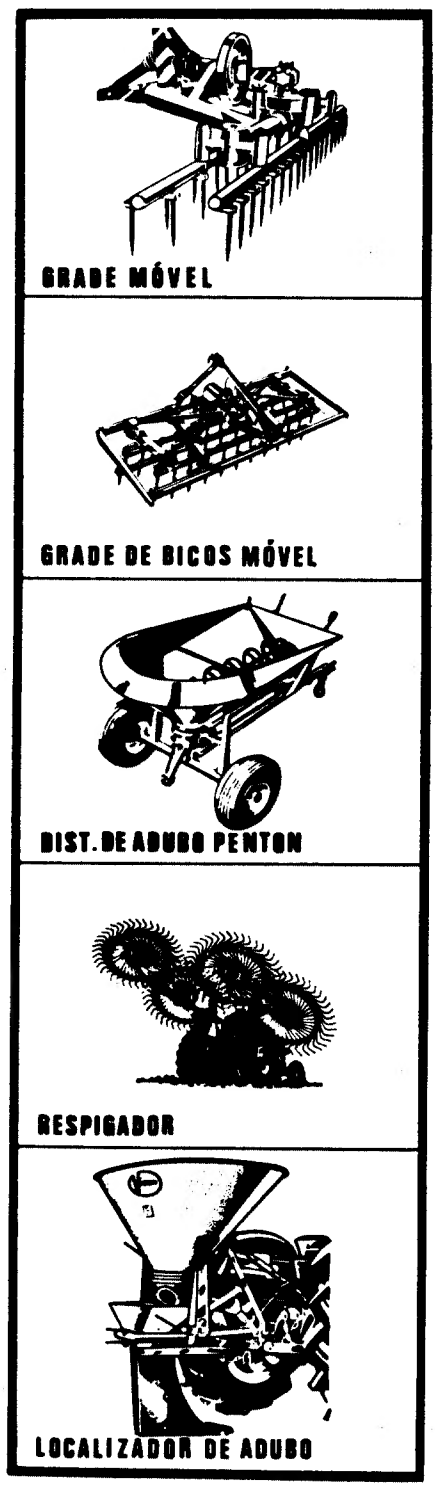
Resta-nos agradecer aos nossos estimados clientes, e ao Público em geral a preferência que sempre nos deram. Aos nossos colegas FABRICAS DE YOHGURTES LISBOA, OCIDENTAL, e MARTINS REBELO, que sempre estiveram ao nosso lado. A Justiça não se agradece, mas nós queremos agradecer.

Senhores da Fábrica de Yohgurt VENEZA façam um exame de consciência porque o saber esperar ainda é uma grande virtude. E foi o que fizemos. E agora para terminar porque lá diz o velho ditado... Quem semeia ventos, colhe tempestades, e foi o que aconteceu à FABRICA DE VENEZA.



o único sistema pendular
. preciso
. económico
. regular

Devido ao movimento pendular do tubo de projecção o DISTRIBUIDOR DE ADUBOS VICON espalha perfeitamente adubos granulados, em pó, cereais e todos os tipos de sementes.
Obtenha maiores rendimentos semeando e adubando com VICON.



Vicon
SOLICITE INFORMAÇÃO COMPLETA
NOME _____
DIRECÇÃO _____
— Corte e envie-nos colado num postal
AZINHAGA DOS LAMEIROS — ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR — LISBOA-4

J.J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L.
ao serviço da lavoura

71VC-05

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

Domingo, 25 de Junho, às 18 h.
Quinta-feira, 29 de Junho, às 18,30 h.
Grupo A — M/ 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Maestro:
MANUEL IVO CRUZ
Solista:
SEQUEIRA COSTA
(Piano)

PROGRAMA
PEQUENA SERENATA NOCTURNA
(MOZART)
QUINTETO, EM MI BM,K 407
(MOZART)
Jaime Guerreiro (trompa)
João Nogueira (violino)
Ana Bela Chaves (viola)
Rogério Gomes (viola)
Lurdes Santos (violoncelo)
CONCERTO N.º 2 PARA PIANO E ORQUESTRA
(BRAHMS)

Bilhetes desde 12$50

AVISO: O concerto marcado para o dia 22, às 21,45 h. foi adiado para 5.ª-feira, 29, às 18,30 h.

Marta da Silva Ribeiro

MISSA DE 7.º DIA

Armando da Costa Ribeiro, Armando da Silva Ribeiro, sua mulher, filha, genro e neto, Vasco da Silva Costa Ribeiro, sua mulher e filhos, Carmina da Silva Costa, seu marido e filha e mais família participam que amanhã dia 24 às 11,30 horas na Igreja de S. Domingos será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma de sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, bisavó, irmã e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P.N. A.M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 280022

MADEIRA TRANQUILA
7 DIAS DE FÉRIAS QUE V. RECORDARÁ
Partidas diárias de Lisboa, Porto ou Faro
Estadias em Hotéis e Residênciais de 1.ª classe.
Máximo conforto.
PREÇOS DESDE 2.740.00
(Casal por pessoa)
Se viajar com os seus filhos beneficiará de grandes reduções de preço.
Pague suavemente com o CREDI-STAR
Peça-nos informações detalhadas, e não perca muito tempo até decidir a sua inscrição.
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

CASA DA COMÉDIA
Tel. 677299
Às Janelas Verdes
HOJE
e todas as noites pelas 22 horas
«DESEJA-SE MULHER»
de
ALMADA NEGREIROS
Marc. pelo Telef. 67 72 99
Maiores 18 anos
Subs. Fundo Teatro

móveis sousa braga

tentamos cumprir
a missão de que fomos incumbidos
há 85 anos
demos mais um passo
na valorização dos interiores
do espaço habitável português
tome contacto com a nossa
linha sb85

13ª FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

DL/GERAL

AS ASSOCIAÇÕES DE AGRICULTORES

Continuação da pág. 3

ciação (não impedindo que agora se lhe estejam a associar em grande quantidade) possìvelmente à espera da outra organização central que por fim o Ministério das Corporações criou.

Não se pense também que o espírito de seguro mútuo se perdeu e não se actualizou. Como refere o Grémio da Lavoura de Elvas no relatório deste ano, há muito que a lavoura pediu um alvará para a criação de uma mútua geral de seguros silvo-agro-pecuários, modalidade que não existe entre nós.

Elaborou os estatutos, estabeleceu os contratos para os necessários acordos de resseguro e depositou, devidamente realizado, o capital inicial necessário. Mas muitos anos decorridos aguarda ainda esse alvará.

Devemos salientar o auxílio monetário dado pelo governo e muitas cooperativas, os aspectos positivos das Adegas Cooperativas e Leiteiras mas a crise do «corporativismo» que todos parecem denunciar parece-nos afinal estar na raíz do fraco desenvolvimento do verdadeiro espírito cooperativo.

Finalmente atrevemo-nos a discordar das palavras do sr. Secretário de Estado da Agricultura e do vosso jornal acerca da importância excessiva e decisiva que parecem dar à transformação e comercialização dos produtos agrícolas pelas organizações da agricultura.

Mesmo nos países onde o cooperativismo livre mais se desenvolveu — e o maior exemplo é a Dinamarca — se há alguns produtos agrícolas transformados e comercializados na sua quase totalidade por organizações cooperativas, como é o leite, em outros igualmente importantes essa actividade não chega a abranger a metade do seu montante ou até é insignificante.

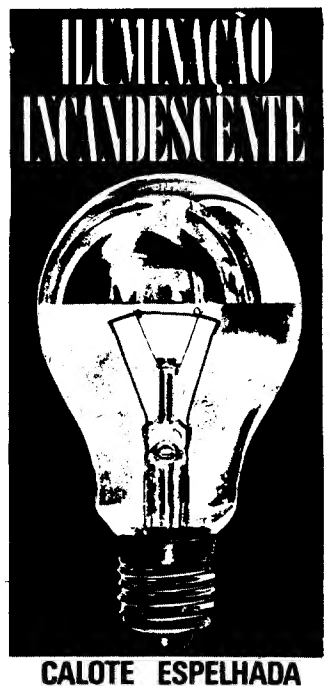
Por outro lado, quando se acha que a agricultura estará condenada ao empobrecimento se não participar no valor acrescentado da transformação dos seus produtos é reconhecer implìcitamente que os seus produtos lhe são pagos a baixos preços, situação que devia preocupar muito mais os nossos governantes e não a indicação dos caminhos provàvelmente mais difíceis e mais longos para resolver a situação.

Se a participação da agricultura nos circuitos de transformação e comercialização pode ser útil em muitos casos não vamos dá-la como remédio (impossível) para todos os males. Cada qual — o comércio, a indústria e a agricultura — têm a sua função e o esquecimento desta verdade simples pode dar origem até a situações caricatas.

É o caso das madeiras. Por causa da sua excessiva oferta e do monopólio da Madeiper, enquanto algumas fábricas plantam matas, alguns organismos da lavoura estão a preocupar-se com o fabrico e a exportação.

E parece-nos que seria mais simples resolver esse problema dos excedentes com a concessão de mais licenças de fabrico e largo crédito aos exportadores.

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE



CALOTE ESPELHADA

JF

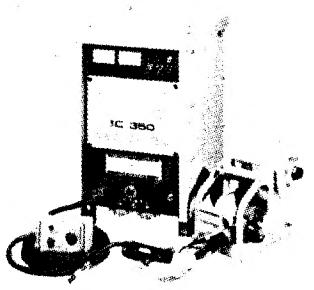
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

NATIONAL (JAPÃO)

APARELHAGEM DE SOLDADURA ELÉCTRICA

* TRANSFORMADORES
* RECTIFICADORES
* MAQUINAS SEMI-AUTOMÁTICAS
* MÁQUINAS AUTOMÁTICAS
* INSTALAÇÕES DE SOLDADURA EM ATMOSFERAS DE GÁS (TIG-MIG-MAG)
* MÁQUINAS DE SOLDAR POR PONTOS
* MÁQUINAS DE SOLDAR POR ROLETES



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
GOMES DE CASTRO & IRMÃO, LDA.

Av. Miguel Bombarda, 71
Telef. 45764/562257/73
Telex: 1647 WILCO-P
LISBOA-1

R. Santos Pousada, 842
Telef. 50013/4/5
Telex: 2331 OXINO-P
PORTO

CONSULTE A NOSSA SECÇÃO TÉCNICA

ALGARVE

Se comprou casa ou apartamento no Algarve, não terá problemas de mobiliário, tecidos e cortinados, se consultar uma casa especializada, associada duma fábrica de mobiliário do Norte.
Modelos económicos e estudados para o ambiente Algarvio.

CONFORTALIS – ARTIGOS DE DECORAÇÃO, LDA.

RUA DO COMÉRCIO, 39 — PORTIMÃO

venha à
AUTO-BOAVISTA, L.da
apreciar
a qualidade Ford
CORTINA

MARCA edão 72

DL/GERAL

TERMINA HOJE A REUNIÃO DOS ARMADORES

Termina hoje a assembleia anual da International Shipping Federation que se reuniu em Lisboa a convite do Grémio dos Armadores da Marinha Mercante. Cinquenta e três armadores de quinze países participaram na reunião.

Importantes problemas relativos à organização e exploração dos transportes marítimos em todo o mundo foram debatidos, tanto na assembleia anual, como nas reuniões do conselho geral da organização.

Além de questões relativas ao futuro programa da Organização Internacional do Trabalho, tratou-se ontem da agenda da próxima reunião da Comissão Paritária Marítima, que decorrerá em Genebra em Novembro próximo. Foi aceite o convite da Holanda para que a próxima reunião anual da I.S.F. tenha lugar neste país.

Hoje, depois de uma visita aos estaleiros da Lisnave, os visitantes passaram a tarde no Ribatejo, com uma tenda de reses bravas organizada pelo matador de toiros e empresário Manuel dos Santos no tentadero do Porto Alto.

A noite, o presidente da C.M.L. oferece aos armadores uma recepção e jantar no Castelo de S.Jorge.

Passeios turísticos e um almoço no campo.

S. JOÃO EM ALMADA

Com a realização da «Noite da Juventude» no recinto da praça de touros, prosseguem em Almada os tradicionais festejos de S. João, que compreendem diversas manifestações artísticas, desportivas e recreativas.

DR. MÁRIO FERREIRA BRAGA

MISSA DO 7.º DIA

Maria Eduarda Damasceno Ferreira Braga, Carlos Mário Ferreira Braga sua mulher e filhos, Maria Margarida Ferreira Braga Vaz Serra e Sousa seu marido e filha, Maria Luísa Ferreira Braga e demais família participam que se celebrará missa por alma de seu marido, pai, avô e parente amanhã, dia 24, pelas 11.30 horas na Igreja de S. João de Deus.

TERMALISMO SOCIAL É TEMA DE SEMINÁRIO

Decorre às 17 horas, num dos hotéis da capital, um seminário que analisará «A importância e o papel do termalismo social na defesa e prevenção da saúde da população activa». Esta sessão tem o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica em colaboração com o Grémio dos Conncessionários das Estancias Termais Portuguesas.

Serão apresentados na reunião trabalhos de vários especialistas em crenoterapia, nomeadamente do prof. Lamarche, da Universidade de Nancy, do dr. Ebrard, presidente da Federação Internacional do Termalismo e Climatismo assim como do prof. dr. Cerqueira Magro, da Universidade do Porto. Darão igualmente a sua participação os Serviços Médicos Sociais dos Distritos de Lisboa e Setúbal.

AUTO DINIS DE ALMEIDA & FREITAS, S.A.R.L.

CONCESSIONÁRIOS FIAT

COMUNICADO

Dada a dificuldade de estacionamento, vimos comunicar aos nossos clientes interessados na avaliação dos seus veículos para troca, que os nossos Stands da **AV. DA LIBERDADE, 208-216** e **RUA DE S. MARTA, 45-B,** têm espaço livre para parqueamento, quando necessário.

Prédios • Moradias • Quintas

VENDEM-SE

HIPOTECAS

Capital para empréstimos em 1.as hipotecas. s/ propriedades que ofereçam garantia em Lisboa ou próximo.

JOSÉ SANTOS, LDA.

CASA FUNDADA EM 1929

Rua dos Correeiros, 101-1.º — Telef. 30707-362662

ALUGAM-SE EM CASCAIS

ANDARES E MORADIAS À ÉPOCA E AO ANO, COM E S/ MÓVEIS.

Trata JOAQUIM BARAONA

Av.ª Valbom, 28-1.º Telfs. 28 23 45 / 28 23 88 — CASCAIS

AGENTES DISTRIBUIDORES

FIRMAS IDÓNEAS PARA A VENDA DE

APARELHOS DE AR CONDICIONADO

CHRYSLER AIRTEMP

ANTIGA E CONCEITUADA MARCA AMERICANA

ACEITAM-SE COM EXCLUSIVO DE VENDA PARA:

Povoa de Varzim, Famalicão, Braga, Viana do Castelo, Penafiel, Valença, Montalegre, Bragança, Miranda do Douro, Vila Real, Mirandela, Régua, Lamego, Espinho, Aveiro, S. João da Madeira, Viseu, Guarda, Covilhã, Coimbra, Leiria, Castelo Branco, Santarém, Portalegre, Lisboa, Setúbal, Elvas, Beja e Algarve.

— REPRESENTANTES EM PORTUGAL —

rost + janus

PORTO
RUA BARÃO DE FORRESTER, 914
TELEF. 43006

LISBOA
RUA D. PEDRO V, 21
TELEF. 366400

COMEMORANDO O SEU 12.º ANIVERSÁRIO

A. OLIVEIRA

ELECTRODOMÉSTICOS

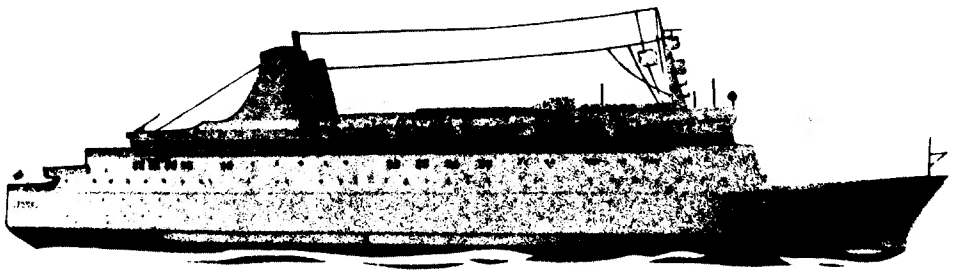
Avenida Almirante Reis, 91-A-Lisboa

COM A COLABORAÇÃO DA

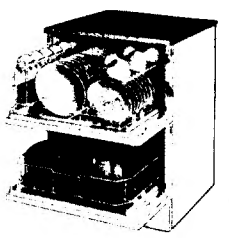
Candy

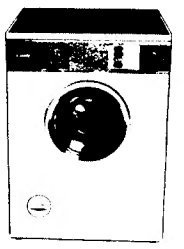
OFERECE COMPLETAMENTE GRÁTIS UM MINI-CRUZEIRO* AO

NORTE DE ÁFRICA



a todos os clientes que comprem no seu estabelecimento até 30 de Julho de 1972 uma máquina de lavar Candy a pronto ou a prestações, sem entrada e sem fiador





SEM SORTEIOS

UM CRUZEIRO INESQUECÍVEL

relax - alegria - música - piscina - dança - discoteca

*organização da CASA ATLANTICA DE VIAGENS

DL NACIONAL

AUMENTO DE PRÉMIOS DO SEGURO AUTOMÓVEL

Ainda a propósito do suposto aumento de prémios do seguro automóvel, sobre o qual publicámos ontem o esclarecimento que pedimos à «Mundial» (companhia que não praticou qualquer aumento na tabela de preços em vigor desde 1971, estando apenas a propor alterações de prémios em contratos antigos, excessivamente desactualizados e com uma sinistralidade anormal), recebemos do sr. Alberto de Jesus Mesquita, de Coimbra, a seguinte carta:

«Sou um leitor «diário» do v/ conceituado jornal, e nessa qualidade, referindo-me aos artigos publicados sobre o «aumento de prémios do seguro de automóvel» que as Seguradoras têm estado a praticar, permito-me vir à presença de V. Ex.ª para prestar alguns esclarecimentos sobre o assunto, muito embora não seja «accionista» de nenhuma Companhia, mas um simples representante, e também um segurado que paga tal qual como os outros, contudo, parece-me que talvez por falta de conhecimentos, se têm dito coisas que não estão dentro da verdade, e por isso há que esclarecê-las.

As tarifas praticadas por algumas seguradoras datam, salvo erro, de 1947, altura em que os prémios seriam suficientes para fazer face aos acidentes, mas daí para cá, um conjunto de circunstâncias, especialmente o número alarmante de acidentes e as suas consequências, leva a concluir que esses prémios não podiam de modo algum manter-se, pois de contrário o que seria das Seguradoras?

Assim, permito-me fazer algumas perguntas, às quais gostaria de ver dadas as respectivas respostas, mas com dados concretos, a saber:

1) A reparação de uma viatura, custa hoje o mesmo que em 1947, ou quantas vezes mais?

2) As indemnizações por morte, invalidez, etc., são hoje iguais às daquela data?;

3) As despesas médico-hospitalares, mantém-se?;

4) As despesas de administração e organização são as mesmas?;

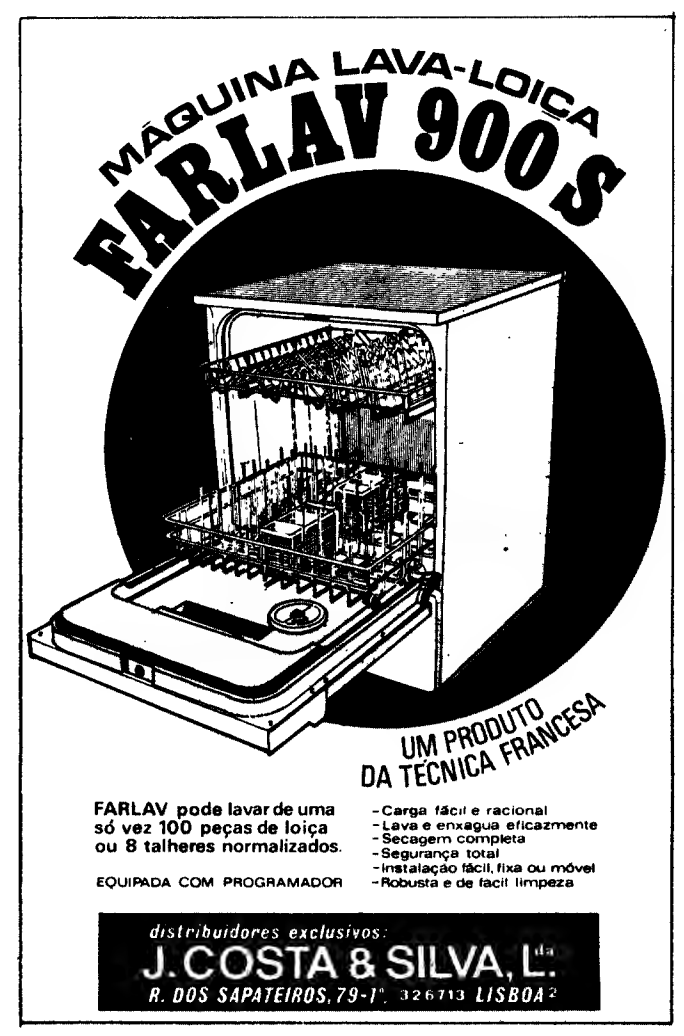
5) Os ordenados dos funcionários são os mesmos?.

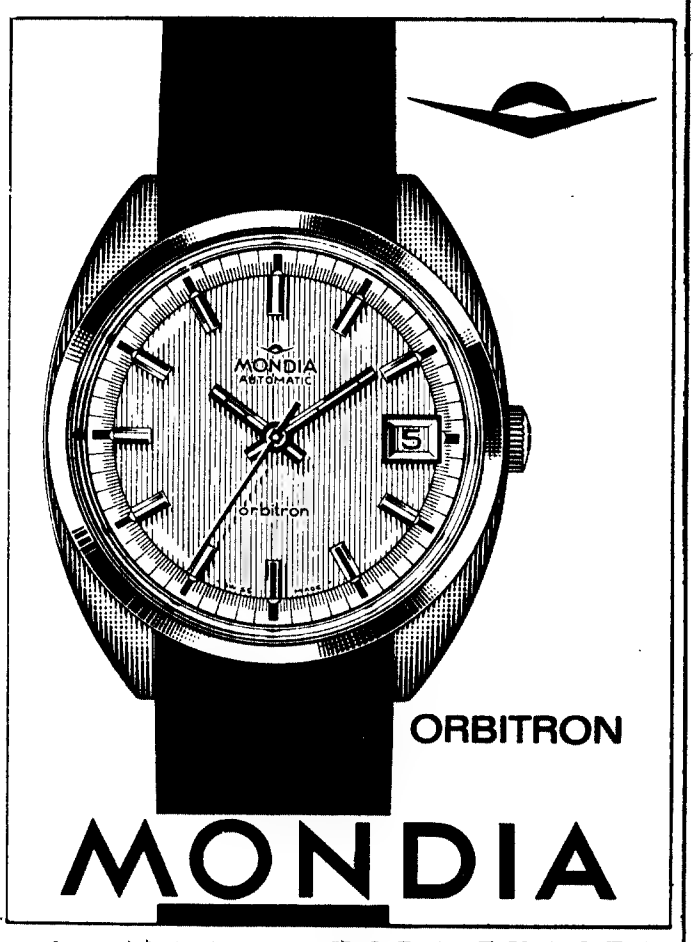
Isto não falando noutras despesas a que as Seguradoras estão sujeitas, e que são bastante grandes.

Evidentemente que uma Companhia de Seguros é uma organização que tem que ter lucros para defesa dos seus próprios segurados, pois de contrário o que seria destes?

Não me parece que uma Companhia atire «para a rua» um segurado, sem motivo, se o faz, está a defender os outros segurados, e portanto quando anula um seguro é sempre com motivo justificado. Não será isto verdade?

Permito-me ainda sugerir que fosse feita uma consulta ao Grémio de Seguradores, que melhor do que ninguém poderá prestar os devidos esclarecimentos».



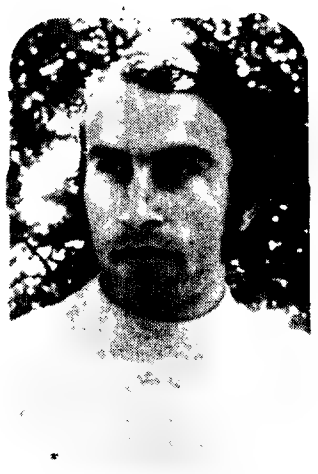


DL/GERAL

ORA DIGA-NOS ...

JÁ ANDOU À PANCADA?

Andar à pancada é uma das maneiras mais «naturalistas» de resolver as questões entre dois seres vivos. De uma maneira ou de outra o método aplica-se a quase toda a gente, desde criança, e pela vida fora como meio de apurar razões. Assim o confirma a maioria das pessoas a quem «DL» fez a pergunta.



— **De facto, já andei várias vezes à pancada,** diz-nos Carlos Manuel Neves, de 24 anos, angariador de publicidade — **Sempre por motivos pessoais. O mais forte foi uma vez no Ultramar, num jogo de futebol.**

Georgette Carvalheda, de 46 anos, chefe de cozinha, também já andou uma vez:

— **«Desconfiei que o meu marido andava com outra e fui esperá-los à saída do cinema. Foi mesmo ali em frente do Império.** (Ri-se). **Sabe, tenho muito génio. Às vezes, quando não me querem pagar, nunca me ensaio por oferecer uns safanões bons».**

Mas nem todas as pessoas são iguais e algumas têm a «noção das responsabilidades» como nos afirmou Mimi Gaspar (Maria Luísa Barros Queiroz, 39 anos) conhecida artista de teatro. **«Não sou tempestuosa, tenho um feitio calmo. Claro que em criança às vezes zangamo-nos. Mas desde que sou adulta nunca utilizei esse meio de persuasão.»**

A ACTIVIDADE TURÍSTICA AUMENTOU 15, 7% EM 1971

A crise monetária que pôs em causa o dólar como câmbio internacional e as diversas flutuações no valor de outras moedas, a quebra no crescimento dos rendimentos dos países industrializados da Europa e o agravamento dos preços dos transportes aéreos principalmente no Atlântico Norte — são as causas consideradas predominantes na diminuição relativa dos movimentos turísticos para a Europa, no ano de 1971, segundo o relatório de uma empresa de investimento turístico (a Torralta), recentemente publicado no «Diário do Governo».

No entanto, segundo o mesmo documento, a actividade turística portuguesa, no mesmo ano, «**continuou a progredir em ritmo acentuado**», verificando-se um aumento de 15,7 por cento em relação ao ano anterior — o que significa, em números absolutos, 3,8 milhões de entradas no país.

BALANÇA DE PAGAMENTOS

No período de Janeiro a Setembro, as receitas turísticas acusaram um acréscimo de 24 por cento em relação aos mesmos meses do ano anterior, sendo a sua participação na balança de pagamentos da ordem dos 15,2 por cento das exportações de bens e serviços.

«**Depois da fase de recessão turística de 1968**» — acrescenta o relatório — «**o turismo nacional parece readquirir o interesse das iniciativas privadas, necessário ao progresso económico. Também do ponto de vista de transportes, embora não se tenha conseguido ainda a total liberalização de voos de fretamento, há que salientar a intensificação verificada em 1971.**»

De 1969 a 1970, o nosso país aumentou 33 por cento as suas receitas turísticas, sendo de 31 por cento a média do crescimento anual nos dez anos anteriores; e se em 1960 a participação das receitas em relação à exportação de bens e serviços foi de 5,1 por cento, o relatório indica, para 1969, um valor da ordem dos 22,3 por cento.

De 1960 a 1969, a influência das receitas turísticas externas sofreu um aumento de 4,4 por cento na formação do P.N.B. português.

Não parece, no entanto, inferir-se dos elemntos publicados, um desenvolvimento correspondente nas infraestruturas do nosso país. Portugal é o segundo lugar europeu mais alto (sendo o primeiro a Turquia) em densidade Turística (130 habitantes por cama), sendo apenas de 3,2 por cento o aumento do número de camas, de 1969 a 1970.

Compreendemos ainda, pelos quadros apresentados, que Portugal se encontrava, em 1970, no quarto lugar mais baixo das percentagens de procura turística externa, em relação aos principais países da Europa, apresentando a Austria e a Suíça os valores mais altos.

Notem-se os seguintes aumentos em relação ao ano de 1969; Portugal, 33,8 por cento, Grécia, 23,5 por cento; Noruega, 22,3 por cento; Irlanda, 20 por cento; Reino Unido, 15,6 por cento; Dinamarca, 14,4 por cento; França, 13,2 por cento; Austria, 13,1 por cento e Espanha, 11,2 por cento.

Mas apenas 0,5 por cento dos 17 turistas que o relatório indica existirem por habitante português, dormem no nosso país, representando esse número um aumento de 17,3 por cento em relação às cifras de 1969.

PNB

Embora não sejam completos os dados sobre o peso do turismo interno na economia nacional para avaliar da participação das receitas turísticas internacionais no PNB dos países europeus membros da OCDE, a importância dessas receitas subiu, de 60 a 69, de 0,3 por cento. Portugal encontra-se entre os países considerados (pelo relatório) como dando uma maior participação ao seu PNB com o turismo (5,4 por cento), ao lado da Austria (6,3 por cento), da Irlanda (5,5 por cento) e da Espanha (4,6 por cento).

BALANÇA DE PAGAMENTOS

As receitas do turismo internacional representaram, em 1969, 5 por cento do conjunto das exportações de bens e serviços nos países membros da OCDE e 6 por cento nos mesmos países que fazem parte da Europa.

Assim, encontrando-se Portugal no quarto lugar mais baixo em valores absolutos de receitas turísticas (8680 milhares de contos), muito distante da Austria que imediatamente se lhe segue (21980 milhares de contos), ocupa o segundo lugar (22,3 por cento) na respectiva percentagem de participação na balança de pagamentos. A Espanha representa a maior participação (33,6 por cento) (de turismo) na exportação de bens e serviços, sendo a Itália o país que maiores receitas turísticas apresenta (45,696 milhares de contos).

Em 1970, segundo um quadro referido no documento, faz-se do seguinte modo, por ordem decrescente de valor, a distribuição de receitas turísticas e as suas taxas de crescimento (em relação ao ano anterior) nos países europeus membros da OCDE (em milhares de contos):

Espanha, receita turística 47040, taxa de crescimento em relação a 1969, 28 por cento;

Itália, 45864 — 0,4 por cento; França, 33348 — 11 por cento; Reino Unido, 29120 — 20,6 por cento; Alemanha, 28644 — 12 por cento; Austria, 27972 — 27 por cento; Suiça, 20524 — 14 por cento; Países Baixos, 11788 — 26 por cento; Bélgica, 9744 — 10 por cento; Dinamarca, 8792 — 21 por cento; Portugal, 6216 — 33 por cento; Grécia, 5432 — 30 por cento; Irlanda, 5404 — 3 por cento; Noruega, 4368 — 22 por cento; Suécia, 4004 — 13 por cento; Finlândia, 3360 — 43 por cento; Turquia, 1792 — 39 por cento.

Como informação final pode acrescentar-se que as receitas turísticas de 1970 cresceram de 12 por cento, cabendo aos países membros da OCDE 81 por cento do conjunto das receitas mundiais.

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

Prepare o futuro da sua filha
Se hesita na orientação a tomar no prosseguimento dos seus estudos;
Se prefere prepará-la especificamente para uma carreira bem remunerada e de prestígio social: deve escolher o
CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA
OFICIALIZADO POR DESPACHO DE 27-5-1971
Prepara a maioria das correspondentes em línguas estrangeiras e secretárias das grandes empresas
Ensino e distribuição das alunas pelas turmas conforme as respectivas habilitações.
PEÇA BROCHURA COM A ORGANIZAÇÃO DO CURSO
ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA
Rua de D. Estefânia, 126 (à Duque de Ávila)—Telefs. 44730 e 553575

SALVOR
—Sociedade de Investimento Hoteleiro, SARL
Aumento do Capital Social
Emissão de 50.000 acções
Entrega dos títulos definitivos
Para os devidos efeitos, avisam-se os Senhores accionistas que poderão levantar os títulos definitivos correspondentes ao último aumento do capital desta Sociedade a partir de 30 de Junho de 1972.
A entrega far-se-á em troca das cautelas, que deverão ser apresentadas nos estabelecimentos bancários onde se efectuou a subscrição, devidamente assinadas pelos respectivos titulares.
Lisboa, 23 de Junho de 1972
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

FUMAR OU NÃO FUMAR NOS TRANSPORTES "SUBURBANOS"

Quatro anos depois de ter sido proibido fumar nos transportes chamados de «urbanos» (metropolitano, autocarros, eléctricos) qualquer pessoa continua a estar protegida pela lei quando fuma calmamente o seu cigarro nos transportes chamados de «suburbanos» (comboios das linhas de Sintra e Cascais, cacilheiros, e outros barcos maiores que demandam terras do Barreiro, Seixal ou Montijo e autocarros, feitos da mesma lata dos da Carris, que circulam por estradas pertencentes a Loures, Oeiras, Almada etc.). Hoje ninguém discute a justeza da lei que proibiu o fumo nas grandes caixas pintadas de esperança que levam as pessoas do Cais do Sodré ao Marquês de Pombal mas quando se fala em alargar o alcance da lei até aos comboios que vão a Cascais ou a Sintra, há quem não saiba se tais disposições seriam encaradas da mesma maneira.

— **Eu sei que a maioria das pessoas seriam beneficiadas, afirma o fiscal Baptista dos comboios do Estoril mas também compreendo aqueles que fumam. A viagem não demora muito mas sempre apetece um cigarro. Há quem fale em pôr carruagens para fumadores mas isso só ia complicar a questão. É preciso ver que os fumadores são muito menos, por consequência as carruagens rolavam vazias nas horas de ponta e as outras muito cheias; isso não seria justo.**

No fundo está a velha questão das divisões administrativas inadaptadas ás realidades do tempo presente: o concelho de Lisboa tem uma fronteira e é servido por um certo tipo de transportes, o concelho de Loures, por exemplo, tem outra fronteira e é servido por outro tipo de transportes; diàriamente as pessoas passam de concelho para concelho sem darem por isso. Nos primeiros dez minutos de viagem podem fumar, nos dez minutos seguintes já não podem. Uma terra de 100 mil habitantes como a Amadora não é «urbana» e o comboio, tal como o autocarro que parte de Queluz, também o não é conceitos a saber a ferrugem herdados de outros tempos.

Matar o vício antes de embarque...

— **Claro que os fumadores e os não fumadores têm direitos e é sempre aborrecido fazer distinções. Mas é preciso que se compreenda que os transportes são pequenos, que o tempo que demoram do local de partida à estação de chegada nunca ultrapassa meia hora. Tudo isto pode justificar que os fumadores se abstenham de obrigar a maioria das pessoas a engolir o fumo do cigarro do parceiro. É a opinião de Luís de Barros e Cunha, estudante de engenharia.**

O facto de se falar agora tanto em poluição foi referido no depoimento de Manuel dos Santos, revisor de bilhetes:

— **Não acho bem que se fume nos comboios e nos barcos,** afirmou. **No Verão as carruagens estão abafadas devido ao calor e é difícil suportar o fumo, no Inverno anda tudo fechado e o ambiente é quase irrespirável. Agora que se fala tanto em poluição era a altura de resolver o problema.**

Há uma fumadora que não acha bem que se fume. E a Maria Teresa, empregada de escritório e há os que não querem que lhes falem na hipótese de perderem o direito de puxar uma fumaça no comboio:

— **Faz parte da viagem, diz Francisco Rodrigues, marceneiro. Todos os dias jogo uma suecada da Amadora até á estação do Rossio e não posso jogar a minha suecada sem o cigarrito, são velhos hábitos.**

Tudo se entende melhor na bela síntese de Francisco Rodrigues, marceneiro de 50 anos de idade: «são velhos hábitos.»

Nos comboios (ainda) é permitido fumar.

Dizem os leitores

ABUSO DE DEFICIENTES MENTAIS

Do nosso leitor sr. João Vila Chã, recebemos a carta que passamos a transcrever:

Dirigindo-me eu à estação da Parede para adquirir o jornal da tarde, deparei com o espectáculo que passo a descrever:

Tinha acabado de chegar de Lisboa um combóio que deixou na estação da Parede grande quantidade de pessoas regressadas dos seus empregos entre as quais vinha um pobre homem, com a cara por escanhoar, uma bóina basca na cabeça e uma lancheira na mão. Teria quarenta e poucos anos.

Sùbitamente, um grupo de adolescentes que ali estava, sem nada que fazer, acometeu o pobre homem e, um deles, tirou-lhe a bóina e tentou apoderar-se da lancheira, fazendo grande galhofa.

O homem reagiu de forma que logo me apercebi ser anormal, dando socos no ar, nele próprio e nas paredes, manifestando uma fúria necessàriamente contida.

Eis portanto um ser humano diminuído, com certeza doente, de foro neurológico a ser vítima das «macaquices» de uns rapazolas e — o que é mais grave, com o assentimento gozoso dos adultos que rodeavam a cena.

Podem imaginar o que isto tem de degradante e a revolta que incute às pessoas com um mínimo de humanidade que tenham de presenciar tais cenas.

Mais trágico ainda é sabermos que o que se passou com aquele homem se passa em muitos lugares onde os chamados «tontinhos» são o triste objectivo da idiotice e velhacaria colectivas, representando o papel de bobos nos pequenos aglomerados, como era o caso deste homem da estação da Parede.

E doloroso vermos como se aviltam as consciências que não se cultivam e acabam por se comprazer com estes espectáculos da mais absurda malevolência.

MONSTRO BUROCRÁTICO

Por outro lado, o sr. António Pereira Quartilho expõe-nos:

A situação que vou relatar reveste-se de tal gravidade que julgo não haver exagero se lhe for dada imediata inserção. Trata-se de um problema relacionado com os serviços da Direcção Geral dos Transportes Terrestres.

Em 15 de Março, pretérito, uma Brigada de Trânsito da G.N.R. na sua meritória actividade de estrada, nas imediações da cidade de Santarém, considerou que a minha carta de condução (P-80 554, de Fevereiro de 1959) se apresentava em «mau estado de conservação». Houve, por bem, desapossar-me do documento e conceder-me, em sua substituição, uma guia com a validade de 30 dias.

O prazo dado, no convencimento do diligente membro do corpo de fiscalização, seria suficiente para a normalização necessária. Porém, infelizmente, assim não veio a acontecer. Foram vencidos já 60 dias, após os «30» da guia, e não há novas nem mandadas.

Durante este largo transcorrer de tempo, dirigi à Repartição competente, a quem respeita tratar dos assuntos referentes à minha carta de condução — Direcção dos Serviços de Viação do Norte — Rua de Pombal — Porto — três cartas registadas, a última das quais com aviso de recepção. Nada. Recorri ainda, a telegrama, endereçado particularmente ao respectivo Director — Senhor Engenheiro Paulo de Lemos, e também nada resultou.

Como podem verificar, estou sendo uma das inúmeras vítimas indefesas do «monstro burocrático» e pergunto:

Para quando será possível recuperar a minha carta de condução? Qual vai ser a indeminização dos prejuízos ocasionados?

Estabelecimentos de luxo:

DEFINIÇÃO E REGRAS OFICIAIS

Uma portaria do Ministério da Economia, através da Secretaria de Estado do Comércio, define o que se entende por estabelecimento de luxo, em consequência do último diploma através do qual se pretende combater a alta dos preços.

Diz-se na portaria: «Para que a um estabelecimento comercial possa ser atribuída a classificação de estabelecimento de luxo tomar-se-ão em consideração: a) a natureza, tipo e categoria dos objectos vendidos, os quais devem ser constituídos predominantemente por artigos de moda ou objectos de adorno pessoal ou doméstico e caracterizar-se pela sua elevada qualidade e esmero de fabrico; b) a categoria das suas instalações, mobiliário, apetrechamento e decoração interior; c) o nível cultural, de preparação profissional e apresentação dos seus empregados; d) a localização.

Simultâneamente, uma portaria da Secretaria de Estado do Orçamento determina que as pessoas singulares ou colectivas sujeitas a contribuições industriais pelos grupos A, B ou C, cujos estabelecimentos de venda ao público tenham sido classificados pelas entidades competentes como «estabelecimentos de luxo», são equiparados aos grossistas abrangidos pelo Código do Imposto de Transacções e sujeitas a inscrição no registo e às demais obrigações estabelecidas no mesmo Código a partir da data em que começar a produzir efeito a referida qualificação.

CINQUENTA ANOS DE SURREALISMO

Com uma palestra do crítico Egídio Alvaro, acompanhada de projecções. O IADE — Instituto de Arte e Decoração — associa-se às comemorações do cinquentenário do Surrealismo, que estão a realizar-se em todo o mundo. A sessão decorrerá às 18 e 30, no Palácio Quintela, Rua do Alecrim, 70, em Lisboa e constituirá uma homenagem aos grandes criadores plásticos surrealistas, através da apresentação e análise das obras de Max Ernst, Salvador Dali, Magritte, Juan Miró, Matta, Giaconetti, Ljuba e outros. O conferencista sublinhará o papel da ironia, do sonho, da imagem inconsciente, da forma poética-imaginária na inventividade surrealista.

A palestra integra-se no ciclo «Para uma cultura visual» do Centro de Estudos Estéticos do IADE, que se destina não só aos alunos da Escola Internacional de Decoradores e de outros cursos daquele instituto mas também ao público em geral.

CHEFE DE MESAS

Muito competente, para Restaurante de luxo, a abrir brevemente no Porto. Carta à Estalagem da Via Norte — LEÇA DO BALIO.

Armazém aluga-se

Com entrada para carros, qualquer ramo, s/ trespasse. Somos os próprios.

RUA RODRIGO DA FONSEÇA, 9 — LISBOA

ANDARES

DAMAIA

IMPASSE «UM», LOTE 27, À RUA DE GOA

JUNTO AO BAIRRO DE BENFICA

Boa localização, em prédio de construção cimento armado, habitações compostas de 3 e 4 casas soalhadas, coz.ª c/banho, despensa, marq. e hall. PREÇOS 355/395 contos. MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292-1.º — Telefs. 369384, 5, 6 — 328232/3 — 361756

LOJA ALUGA-SE

À ALEXANDRE HERCULANO

qualquer ramo s/ trespasse 300 m2 somos os próprios.

RUA RODRIGO DA FONSECA, 9 — LISBOA

DL/ESTRANGEIRO

Contestatários pára-quedistas desafiarão os ensaios

SIDNEY, 23 (R.) — O director de uma firma australiana de fretamentos aéreos revelou que serão feitos hoje os últimos preparativos para largar de pára-quedas seis contestatários perto do centro francês de ensaios nucleares, no atol de Mururoa, no Pacífico.

Max Hazelton, director adjunto da Hazelton Air Services, declarou a noite passada que lhe fora pedido para levar os pára-quedistas até à área de ensaios e que procurou nos últimos dias obter autorização oficial para o voo.

O protesto dos pára-quedistas foi anunciado na quarta-feira, à noite, pelo director cinematográfico Gordon Mutch, de 33 anos, que disse que ele e os amigos desceriam no oceano com jangadas pneumáticas.

Mutch afirmou ainda que poderiam juntar-se ao iate canadiano «Greenpeace III», que realiza, também, um protesto e se anunciou encontrar-se na área.

Em Paris, funcionários franceses têm-se recusado a aceitar a responsabilidade por qualquer pessoa que entre na área dos ensaios. Um deles declarou: «Qualquer pessoa que deliberadamente desrespeite os nossos avisos e se aventure a entrar na área de perigo, fá-lo por sua conta e risco».

Em Wellington, fontes governamentais disseram que a Nova Zelândia estava a estudar um pedido da Greenpeace Foundation, em Vancouver, para assumir a responsabilidade pelo iate.

Ben Metcalfe, presidente da Greenpeace Foundation, que está a patrocinar a viagem do iate, fez o pedido num telegrama enviado ontem ao primeiro-ministro da Nova Zelândia, John Marshall.

O iate é tripulado pelo canadiano David McTaggart, pelo britânico Nigel Ingram e pelo australiano Grant Davidson.

Um segundo iate de protesto, o «Greenpeace IV», navega a toda a velocidade para o local de ensaios, segundo revelou um operador de rádio do arquipélago Cook.

Protestos contra o ensaio continuaram em toda a Austrália. Ontem, duas petições contra a experiência, com um total de 17 500 assinaturas, foram entregues ao primeiro-ministro William McMahon e ao cônsul francês em Sidney.

Técnicos australianos proibiram hoje transmissões do relato do segundo jogo da equipa francesa de râguebi contra a selecção australiana, a disputar no domingo, como protesto contra os ensaios.

O pessoal dos correios está a boicotar, também, a correspondência dos jogadores da selecção francesa.

PEDIDO A ALLENDE

SIDNEY, 23 (R.) — O presidente Allende, do Chile, recebeu um pedido de vários políticos oposicionistas australianos no sentido de autorizar o navio-escola da Marinha chilena «Esmeralda» a dirigir-se para a zona de experiências nucleares francesas no Pacífico.

O dr. James Cairns, «ministro-sombra» do Partido Trabalhista australiano, disse ter telefonado para Santiago, ao secretário do presidente Allende, comunicando que ele e vários outros australianos estavam dispostos a embarcar no «Esmeralda», que se encontra actualmente em visita a Sidney, se o navio for autorizado a partir para o atol de Mururoa.

«O presidente tomou conhecimento do nosso pedido e prometeu anunciar a decisão do Governo chileno amanhã», disse o dr. Cairns.

OS "FEDDAYIN" CONVIDADOS A DEIXAR O SUL DO LÍBANO

BEIRUTE, 23 (FP) — «Os «feddayin» são convidados a deixar o Sul» — anuncia hoje no título principal o «Le Soir».

No fim da reunião do Conselho de Ministros, escreve o jornal, soubemos que o presidente Salam tinha sido encarregado de entrar em contacto com os informadores da resistência palestiniana para lhes pedir a evacuação total da região fronteiriça.

Também o «Daily Star» dá a notícia e acrescenta: Poderá ser dada ordem no exército libanês para ocupar toda a zona fronteiriça com Israel. Mas, quanto ao «L'Orient-Le Jour», houve divergências no Conselho de Ministros.

Assim, a maioria dos membros do Governo teria concordado que o acordo do Cairo (entre Yasser Arafat, presidente da O.L.P. e o comandante em chefe do exército libanês sob a égide de Nasser) fornecesse um pretexto a Israel para agir contra as localidades do sul mas não concordaram quanto à oportunidade de reconsiderar aquele acordo nesta ocasião em que «poderia ser interpretado como uma abdicação perante as bombas e os morteiros israelitas».

Saeb Salam, chefe do Governo libanês e Yasser Arafat tiveram uma longa conferência ontem à noite mas recusaram-se a qualquer declaração.

«L'Orient-Le Jour» assinala que os «Jeeps» dos «feddayin» circulavam de novo ontem à noite nas ruas de Hasbaya, no meio dos escombros das casas destruídas pelo bombardeamento israelita.

Entretanto, várias aldeias libanesas das redondezas de Mardjayun foram bombardeadas durante a noite de ontem para hoje pela artilharia israelita, soube-se de fonte fidedigna.

Uma mulher morreu e foram destruídas sete casas pelo bombardeamento, acrescentam na mesma fonte.

DECISÕES SECRETAS NA CIMEIRA

MERSA MATRUH (Egipto), 23 (R.) — Os presidentes do Egipto, Síria e Líbia tomaram algumas decisões secretas relacionadas com a crítica situação no Médio Oriente, a seguir ao ataque de Israel contra o Líbano na quarta-feira.

Fontes bem informadas disseram que o presidente Anwar Sadat do Egipto, o presidente Hafez Al-Assad da Síria e o dirigente líbio Muammar Gaddafi, que terminam hoje as suas conversações ao mais alto nível, efectuaram ontem demoradas conferências privadas, a fim de discutir a tensa situação nas fronteiras israelitas com a Síria e o Líbano.

Os três Chefes de Estado, assistindo à quarta sessão do conselho presidencial da sua federação tripartida de repúblicas árabes, concordaram com uma série de decisões importantes acerca da actual situação precária.

No Cairo, Mahmoud Riad, recentemente nomeado secretário-geral da Liga Arabe, pediu a Kurt Waldheim, o secretário-geral das Nações Unidas, para intervir no sentido de conseguir a libertação imediata do pessoal militar capturado.

O «Al Ahram» acrescenta que notícias de Telavive, Beirute e Damasco indicavam que o ataque israelita no Líbano fora efectuado principalmente para capturar os oficiais sírios.

O PAPA ENTRE OS "HOMENS MAIS BEM FEITOS"

LONDRES, 23 (FP) — Robbie Stanford, alfaiate londrino que veste «toda a Londres do espectáculo» divulgou hoje uma classificação dos dez homens mais bem feitos, relativamente ao ano corrente.

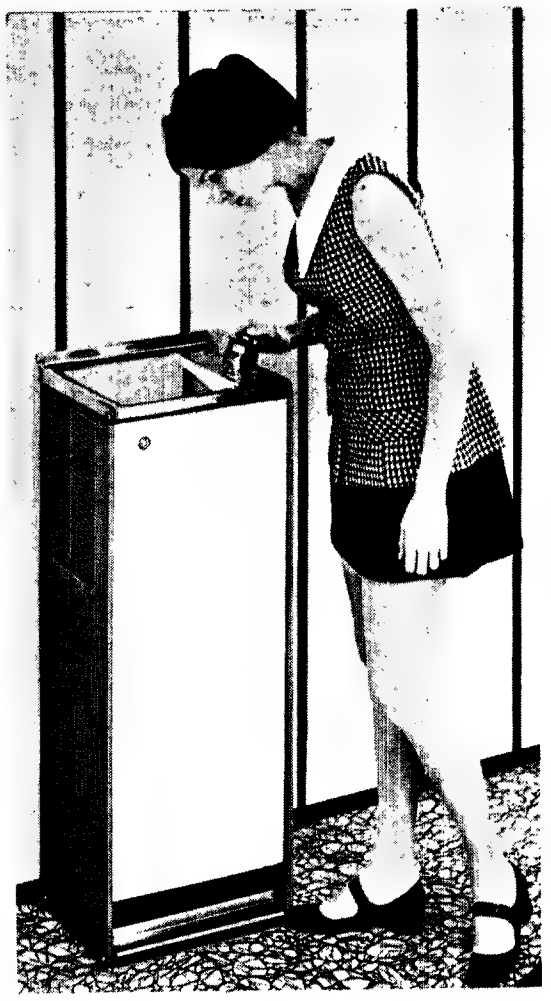
Para o mestre da elegância masculina, o príncipe Carlos, embora «não tenha a mínima elegância e pareça, muitas vezes, um empregado bancário do subúrbio», é, no entanto, «uma excelente matéria prima». Segundo Stanford, o príncipe deveria usar fatos mais bem feitos, com calças mais largas.

Stanford designou ainda Pierre Trudeau, primeiro-ministro do Canadá, o dr. Christian Barnard, Cassius Clay, o actor Richard Harris, o cantor Tom Jones e o... Papa. Este último — disse — possui «um bom físico para um homem da sua idade, devido à sobriedade e simplicidade que exige o seu ofício.»

beba água fresca a qualquer hora!

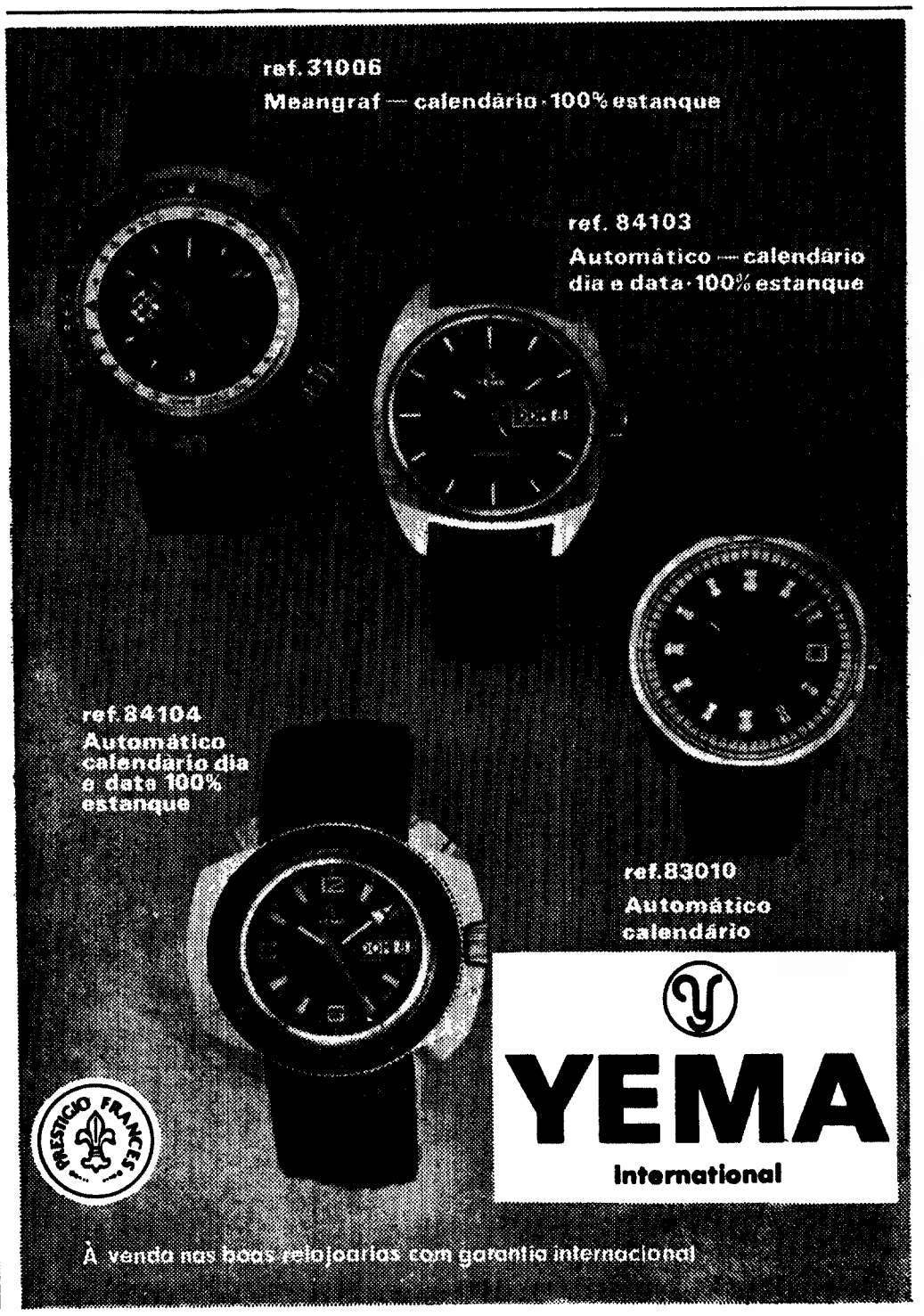
unigrupo

Tenha água fresca «instantânea» no seu escritório ou na sua fábrica, utilizando um refrigerador de água WESTINGHOUSE.
A WESTINGHOUSE põe ao seu dispor uma inovação revolucionária no campo dos refrigeradores de água.
Esta inovação é possível, graças a um dispositivo que liga o botão de pressão directamente à câmara de refrigeração, eliminando, assim, todos os mecanismos intermediários usuais nestes aparelhos.
Outra vantagem destes refrigeradores é a da água sair sempre à mesma pressão, independentemente da pressão da rede abastecedora; e se não puder ligar o refrigerador directamente à canalização, a WESTINGHOUSE possui um modelo equipado com garrafão.
Perfeitamente adaptáveis a qualquer decoração, os refrigeradores de água ocupam um espaço mínimo, são elegantes e tão robustos que se podem considerar «à prova de vândalos».

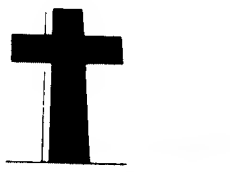


WESTINGHOUSE garante uma completa e eficiente assistência técnica.
Pode estar seguro se é Westinghouse

sonipol • AV. 5 DE OUTUBRO, 56 — LISBOA



DL/ESTRANGEIRO



AMÉRICO JORGE MARTINS

FALECEU

Luzia Morais Martins, Patrícia Maria Morais Martins, Paulo Jorge Morais Martins, Maria da Cruz Parreira, Leopoldo Carlos Martins, Carlos Alberto Martins, tios, primos, sobrinhos e restante família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade, que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, filho, irmão, sobrinho, primo, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 24, pelas 16 horas, da igreja dos Jerónimos para o cemitério de Carnaxide.

Agência Funerária Gonçalves, Ld.ª Calçada de Santana, n.º 183 - Lisboa - Telefs. 535796-532379

DESVALORIZAÇÃO

A LIBRA FLUTUANTE APÓS FORTE PRESSÃO

LONDRES, 23 (F.P. e R) — O governo britânico anunciou hoje que vai permitir a flutuação da libra.

O mercado de divisas estrangeiras permanecerá encerrado hoje e na segunda-feira em Londres para permitir uma adaptação ás novas condições.

A decisão do governo significa que quando o mercado reabrir, a cotação da libra não obedecerá obrigatóriamemte a limites fixos em relação ao dólar ou ás outras moedas, podendo flutuar livremente de acordo com a oferta e a procura.

Ao anunciar esta decisão, o informador do Tesouro britânico disse que a flutuação da libra será temporária, sendo intenção do governo regressar ao sistema normal de limites fixados pelo Fundo Monetário Internacional.

A flutuação da libra segue-se a uma semana em que aquela moeda esteve sujeita a forte pressão nos mercados internacionais, descendo a dois dólares e 57,5 centavos — a sua cotação mais baixa deste ano — o que levou o Banco da Inglaterra e vários bancos centrais europeus a intervirem em apoio da libra.

A situação agravou-se quando, na segunda-feira, Denis Healey, o «ministro sombra» trabalhista das Finanças, declarou que uma nova desvalorização da libra será inevitável em breve, o que provocou grande nervosismo no mercado, onde a oferta de libras passou a exceder a procura.

A flutuação equivale, na prática, a uma desvalorização, podendo flutuar segundo o mercado, a nova cotação da libra, correspondente a sua paridade real, só se saberá na próxima terça-feira quando reabrir o mercado de Londres.

KISSINGER DEIXA PEQUIM

PEQUIM, — 23 — (R) — O enviado especial norte-americano, dr. Kissinger, está a terminar a sua visita de cinco dias à China, a qual, nos últimos dois dias, se caracterizou pelas intensas conversações que teve com o primeiro-ministro chinês, Chou En-Lai.

O dr. Kissinger, que deve partir de Pequim hoje, aproveitou a manhã de ontem para visitar a Universidade Tsingua.

PERTO DE HUÉ: DILÚVIO DE FOGO

SAIGÃO, 23 (F. P.) — Nas últimas vinte e quatro horas, os combates redobraram de violência na frente setentrional do Vietname do Sul. Num raio de uma vintena de quilómetros a ocidente, a sudoeste e a noroeste da cidade histórica de Hué, as forças norte-vietnamitas e da Frente Nacional de Libertação atacam, bombardeiam e defendem a cidade.

A norte de Hué, a montante do rio My Chanh, onde os fuzileiros navais sul-vietnamitas operam há uma semana, as forças comunistas «enterradas» nas dunas da estreita faixa costeira, a «rua sem alegria», que se prolonga até à zona desmilitarizada, resistem num terreno saturado pelos bombardeamentos aéreos americanos e pelo fogo de artilharia da Marinha, que duram há semanas.

Para defender as redondezas de Hué, os bombardeiros gigantes «B-52» largaram, nas últimas 18 horas, cerca de 1500 toneladas de bombas, ou seja, tonelada e meia por minuto, ou 25 quilos por segundo.

MAIS PRÓXIMO

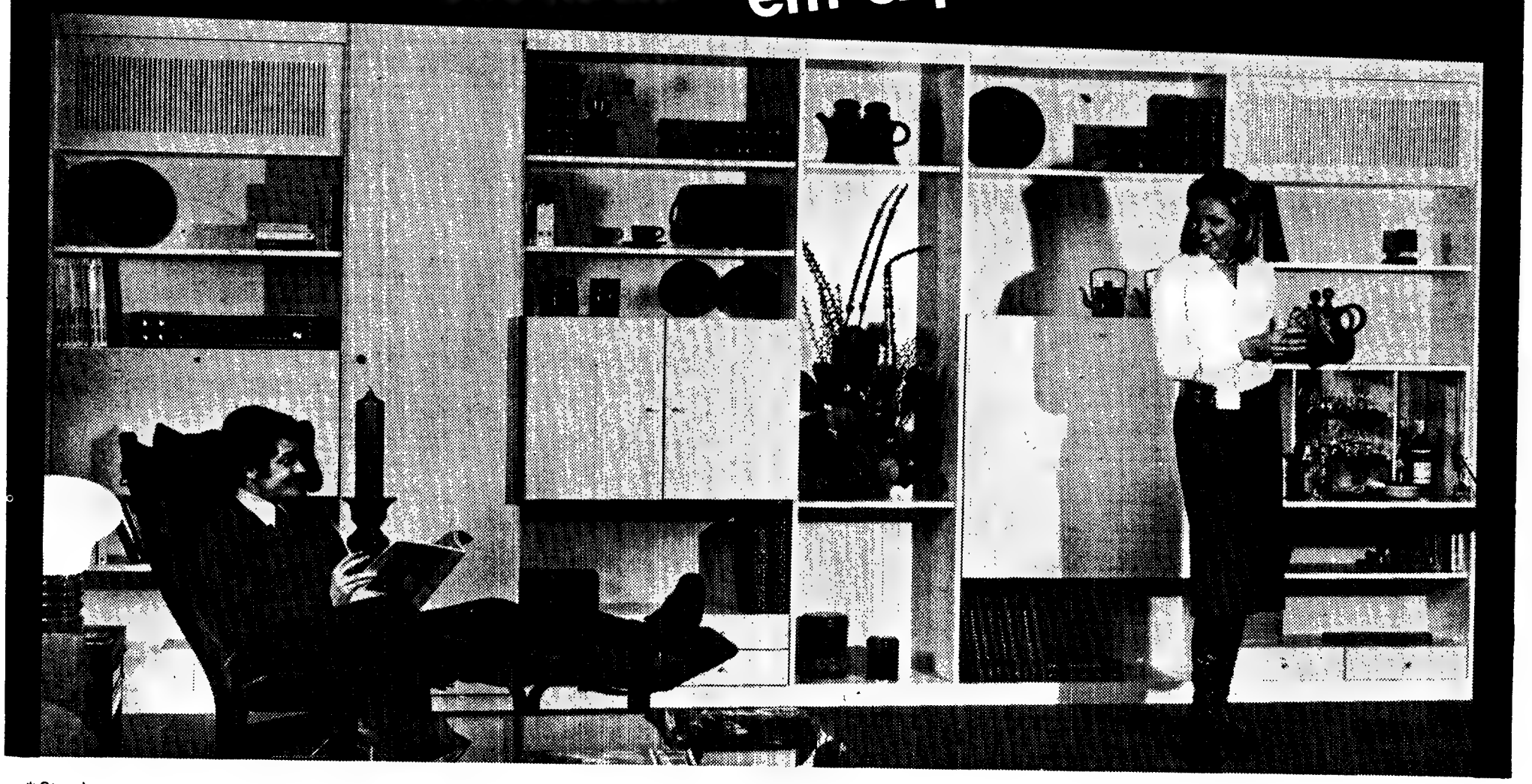
Com a vitória nas «primárias» de Nova York, o senador George McGovern garantiu 1333 dos 1509 delegados necessários para obter a nomeação democrática na convenção de Miami. Faltam-lhe, pois, apenas 176 delegados para que a sua candidatura se torne efectiva logo ao primeiro escrutínio. A lógica manda supor que o processo democrático americano não poderá rejeitar este homem surpresa. Na verdade, ao contrário do que aconteceu há quatro anos com Humphrey, McGovern obteve já todos estes delegados e quase todos através de votações populares e não de arranjos com os «bosses» do partido.

Uma derrota de McGovern em Miami fará correr riscos gravíssimos ao Partido Democrático, pois, a menos que o candidato viesse a ser Kennedy, a juventude afastar-se-á irremediàvelmente, preferindo talvez formas de luta não-eleitorais. A vitória, contudo, representa um perigo mais imediato: a quase certa derrota, por larga margem, no confronto com Nixon em Novembro. Este é o dilema em que se debaterão aqueles que podem ainda decidir da sorte dos cento e tal delegados.

Porém, não se deve afastar a hipótese de se vir a verificar uma daquelas surpresas em que os EUA se tornaram férteis. Pois não estamos nós a assistir ao facto extraordinário (?) de cinco pessoas — todas elas com antigas ou actuais ligações com a CIA — estarem presas por fazerem espionagem no quartel-general dos democráticos, aparentemente a favor dos republicanos, com ou sem conhecimento dos seus chefes nacionais?

interlübke mobiliário lacado de alta qualidade

em exposição* na FIL72



* Stand
Feira Internacional de Lisboa
Pavilhão nave central

Apartado 2488
Lisboa

mobiliário moderno
em elementos funcionais
concebido para o seu bom gosto

interlübke®

OS EXAMES DE ONTEM

1972

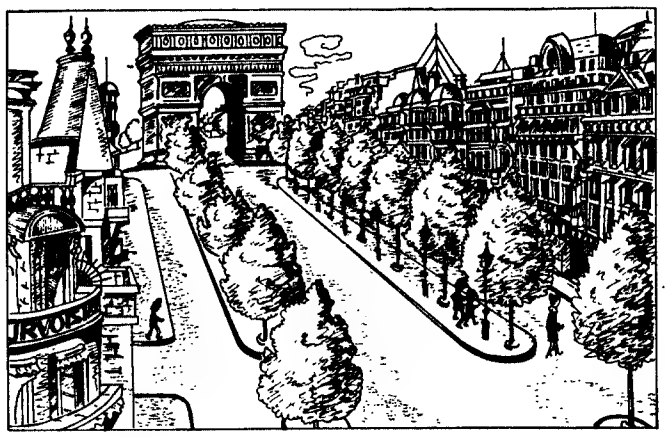
1.ª Chamada

Exame de fim do ciclo preparatório

Duração da prova: 1 hora e 30 minutos

Prova escrita de FRANCÊS

PARIS



L'Avenue des Champs-Elysées et l'Arc de Triomphe

Bruno habite à Paris. Il va passer les grandes vacances en Normandie, chez ses grands-parents. Là, il rencontre son cousin Jacques, qui ne connaît pas la capitale.

Jacques : — Dis, Bruno, c'est grand ton Paris ?

Bruno : — Oui, bien sûr, mais je ne le connais pas très bien.

Jacques : — Tu ne le connais pas ? Alors, le dimanche, tu ne te promènes pas ?

Bruno : — Si, mais assez peu. Je ne me promène pas beaucoup dans Paris. Je connais mon quartier, la Place de la République où est située mon école, et les commerçants de la rue Pasteur, où je vais avec maman faire des provisions.

Jacques : — C'est tout ce que tu connais de Paris ?

Bruno : — Non, quelquefois je prends le métro et je vais un peu plus loin.

Jacques : — Dans le métro, sous terre ?

Bruno : — Oui, naturellement, mais c'est un train comme les autres...

Quelquefois je prends le métro

Jacques : — D'accord. Mais je n'aimerais pas voyager là-dedans. J'aimerais mieux me promener à bicyclette.

Bruno : — Tu aurais des accidents. Les autos et les autobus se touchent presque et roulent à des vitesses énormes. On est toujours pressé à Paris.

Jacques : — Et l'Arc de Triomphe, le connais-tu ? Et les Champs-Elysées ? Et la cathédrale de Notre-Dame ? Et les cinémas ?...

Les autos et les autobus se touchent presque

Bruno : — Eh ! Arrête ! Quand tu viendras à Paris je te montrerai tout cela.

Alain Debraise et Max Forré
«Premier Livre de Lecture Courante»
(Adaptation)

I

1. Qu'est-ce que Bruno va faire en Normandie ?
2. Qui est Jacques ?
3. Est-ce que Bruno connaît bien Paris ? Pourquoi ?
4. Qu'est-ce qu'il connaissait bien de Paris ?
5. Pourquoi serait-il dangereux, pour Jacques, de se promener à Paris à bicyclette ?
6. Qu'est-ce que Bruno montrerait à Jacques quand il viendrait à Paris ?

II

1. **Écris sur ta feuille seulement** *oui* **ou** *non* **pour chacune des phrases a), b), c) :**

   a) Bruno va passer les grandes vacances à Paris.

   b) Il connaît toutes les rues de la capitale.

   c) Jacques connaît bien Paris, lui aussi.

2. **Mets en ordre ces phrases :**

   — Il se lave et prend le petit déjeuner.
   — Il arrive à l'école à huit heures vingt.
   — À Paris, Bruno se lève à sept heures et demie.
   — Il se dépêche pour prendre l'autobus.
   — Il rentre à pied à la maison, pour le déjeuner.

3. **Copie et complète avec** *facile, très facile* **ou** *difficile* **la phrase suivante :**

   C'est _____ de se promener à Paris à bicyclette.

4. Bruno répond :

   — La Tour Eiffel a plus de 300 mètres de haut.

   — Qu'est-ce que Jacques lui a demandé ?

III

A. **Copie et complète avec** *souvent, bientôt, jamais, beaucoup :*

À Paris il y a _____ de monuments et Jacques en parle _____ à Bruno; il n'est _____ allé à Paris, mais il y ira _____ pour les visiter avec son cousin.

B. **Attention à l'exemple :**

D'abord, Bruno montrera la capitale à son cousin.

En suivant l'exemple, copie et complète :

Dans quelques mois, Bruno et Jacques _____ la capitale à _____ cousins.

C. À Jacques, qui lui pose tant de questions, Bruno dit : «Arrête !»

En faisant attention à la phrase que tu viens de lire, copie et complète :

À ses autres cousins, qui lui posent les mêmes questions, Bruno dira : « _____ ».

D. a) **Copie et complète la question suivante avec les formes convenables des verbes** *aller* **et** *revenir :*

«Si Jacques _____ à Paris, est-ce qu'il _____ en Normandie ?

b) **Copie et complète la réponse à la question précédente avec** *en, y,* **ou** *ici* **et la forme convenable du verbe** *revenir :*

«Oui, il _____ _____ après sa visite.»

IV

Imagine que Jacques est enfin venu à Paris. Il est au téléphone et raconte à sa mère, qui est restée en Normandie, ses promenades avec Bruno, ses visites aux monuments de la capitale, qu'il est déjà allé au cinéma et ce que tu penses qu'il pourra encore lui dire sur Paris.

Mais attention ! Au téléphone on doit se limiter à peu de phrases.

Imagine et écris donc le petit dialogue.

CICLO PREPARATÓRIO

PROVA DE FRANCÊS

SOLUÇÃO

I

1 — Il y va passer les grandes vacances.
2 — C'est le cousin de Bruno.
3 — Non, Monsieur (Madame). Parce qu'il ne se promène pas beaucoup dans Paris.
4 — Il connaissait bien son quartier, la Place de la République où est située son école et les commerçants de la rue Pasteur, où il va avec maman faire des provisions.
5 — Parce qu'il aurait des accidents.
6 — Il lui montrerait l'Arc de Triomphe, les Champs-Elysées, la cathédrale de Notre-Dame et les cinémas.

II

1 — A) Non.
b) Non.
c) Non.
2 — À Paris, Bruno se lève à sept heures et demie.
— Il se lave et prend de petit déjeuner.
— Il se dépêche pour prendre l'autobus.
— Il arrive à l'école à huit heures vingt.
— Il rentre à pied à la maison, pour le déjeuner.
3 — C'est **difficile** de se promener à Paris à bicyclette.
4 — Combien de mètres a la Tour Eiffel?

III

A — À Paris il y a **beaucoup** de monuments et Jacques en parte **souvent** à Bruno; il n'est **jamais** allé à Paris, mais il y ira **bientôt** pour les visiter avec son cousin.
B — Dans quelques mois, Bruno et Jacques **montreront** la capitale à **leurs** cousins.
C — Arrêtez!
D — a) Si Jacques **va** à Paris, est-ce qu'il **reviendra** en Normandie?
b) Oui, il **y reviendra** après sa visite.

IV (Sugestão)

— Allô! Maman? Comment allez-vous? Moi, bien, merci! Maman, j'ai déjà fait une promenade avec Bruno.
...
Oui, Maman, nous sommes allés aux Champs Elysées, à l'Arc de Triomphe et aux Invalides, où est Napoléon.
...
— Oui, oui, Maman! Nous avons monté la Tour Eiffel! Et nous avons visité aussi le Musée du Louvre. Nous nous sommes promenés au Jardin des Tuilleries et au Jardin du Luxembourg.
...
— Nous sommes allés aussi au Sacré-Coeur. Et que c'est jolie la Place de la Concorde! Et l'église de la Madelaine...
...
— Maman! Je suis déjà allé au cinéma! C'est très intéressant! C'est trés amusant! Mais c'est trop tard! Au revoir, Mamant À bientôt! Au revoir...

ENSINO LICEAL

1972

CURSO COMPLEMENTAR

Tempo: 1 h 30 min

1.ª Chamada

Prova escrita de História

I

1) *O legado da Grécia para a civilização europeia foi muito importante. Entre os aspectos desse legado cita-se o desenvolvimento de uma nova atitude política.*

— Justifique, a propósito, as limitações da democracia em Atenas.

2) *A Idade Média, sem desconhecer o mundo clássico, caracteriza-se por um forte espírito associativo.*

— Esclareça esta afirmação.

3) *Na Idade Moderna os humanistas «redescobriram» a cultura clássica. Sabemos que o humanismo exerceu grande influência em Portugal.*

— Refira-se ao papel do «Colégio das Artes e Humanidades» na reforma do ensino feita por D. João III.

4) *As reformas do ensino podem ter ligação, por exemplo, com os progressos técnicos.*

— Prove que este facto se verificou em Portugal no século XIX.

II

Desenvolva o seguinte tema :

A Revolução Industrial Inglesa

a) Razões que explicam o seu aparecimento em Inglaterra na segunda metade do século XVIII.

b) Relações entre a revolução liberal portuguesa de 1820 e as condições gerais da economia europeia.

CURSO COMPLEMENTAR

Turmas-piloto

PROVA DE HISTÓRIA

SOLUÇÃO

1) Resp. — A democracia ateniense devida, em grande parte, à legislação de Clístenes, mas só estabelecida definitivamente com Efialtes e Péricles, conheceu sérias limitações. A principal consistiu na existência legal da escravidão, uma vez que a democracia implica, para ser perfeita, a igualdade de todos perante a lei. Atenas era pobre, e receava dificuldades económicas se estendesse o direito de cidadania. Era a luta entre os comerciantes, burgueses de então, com o povo (camponeses, operários). No século IV, a população ateniense e de toda a Ática, chegou a atingir os 400 mil indivíduos, dos quais apenas 45 mil eram cidadãos. Na realidade, a democracia só existia para estes. Os atenienses procuravam na escravidão os braços para as suas necessidades. E não eram só os escravos abrangidos por esta restrição. Até os estrangeiros (metecos). Se é verdade que Clístenes os considerou cidadãos, também é igualmente verdade que Péricles, verificando o seu rápido crescimento, revogou aquela lei.

Havia, ainda, quem tentasse justificar a atitude de Atenas com os escravos, com receio do poderio de Esparta. Foi, durante muito tempo, o pesadelo para Atenas.

2) Resp. — A Idade Média, nascida após a queda do Império Romano do Ocidente (476) teve de fazer frente ao caos do antigo império, impondo uma autoridade real indiscutível. Nasceram, assim, os principais estados europeus. Mais tarde, veio o feudalismo que, enfraquecendo o poder central concentrou essa mesma autoridade nos «nobres do rei». No século XI, agita-se o mundo dos negócios: comerciantes (burgueses). Aparece o grande comércio. Sente-se, então, a necessidade de lutar contra o sistema feudal. Surgem as associações juradas (secretas) que estão na origem das comunas; criadas estas, a burguesa impõe vida difícil à classe trabalhadora; esta une-se, e aparecem, as corporações (associações profissionais) regidas por uma forte disciplina, para defender a dignidade do trabalho e do trabalhador. Porém, a actividade comercial exige o increment da actividade intelectual. Fundam novas universidades, e todas elas regidas por corporações de professores e de alunos. Visavam a defesa dos seus interesses. Frente ao perigo da concorrência aparecem, também fortes associações de cidades, com intuitos económicos (as hansas). Foi, portanto, a necessidade que levou os povos na Idade Média a associarem-se, muitas vezes entre nações diferentes.

3) Resp. — D. João III, que reformou o ensino universitário, criou, em Coimbra o **colégio das Artes,** onde se ministravam os preparatórios para o ingresso na Universidade. Note-se ainda que este colégio foi, em dada altura, confiado aos membros da Companhia de Jesus, fortemente influenciados pela educação humanista.

4 Resp. — O ensino está sempre em relação com a vida de um povo; ora a actividade comercial, económica, é um dos aspectos da vida. Assim, em Portugal, só se estabeleceu o ensino técnico quando o País abriu ao progresso técnico. A ideia foi de Fontes Pereira de Melo que a par de uma política de grandes empreendimentos como a) o aumento da rede de estradas macadamizadas; b) o primeiro troço dos caminhos-de-ferro, ao qual outros se seguiram; c) novas pontes; d) a primeira linha telegráfica, etc. fundou o Instituto Industrial de Lisboa, a escola industrial do Porto, o instituto agrícola de Lisboa. Na verdade, o País começava a precisar de técnicos, então, apareceu o respectivo ensino. De contrário, para que serviria?

II

a) A revolução industrial inglesa foi condicionada por vários factores: 1) a actividade comercial inglesa com o Ultramar. Não se pode negar que esse comércio, feito em navios ingleses (Acto de Navegação) contribuiu para o aumento do capital dos comerciantes. 2) Esta grande actividade obrigou o comerciante a melhorar a produção e a acelerar a produção. Aparecem então a divisão do trabalho. 3) Aparecem as primeiras máquinas. Tem-se em vista fazer face à concorrência.

Ora, a transformação industrial pode entender-se como relacionada com a evolução verificada na agricultura. Desta vieram os grandes capitais. É que os nobres ingleses (os «landlordes») possuidores de grandes

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

PRONTO A VESTIR

Fatos leves. Casacos e calças. Vestuário para campo e praia e as últimas novidades em malhas, camisas, calções de banho e um bom sortido em tecidos para fatos por medida.

VERÍSSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8-C

— Telef. 72 73 35 —

PONTOS E SOLUÇÕES

propriedades tinham vivido indiferentes à exploração agrícola. Preocupavam-se apenas com o prazer e a vida fácil. Mas, depois de meados do século XVIII, começam a interessar-se. Aparece o «enclosure» (o emparcelamento), mas que só os grandes proprietários podiam fazer. Desaparecem assim as pequenas propriedades e o uso comunitário de certos territórios. Como consequência, surge um certo êxodo rural e aumento da população urbana. Assim as cidades costeiras crescem. (Bristol e Liverpool). Manchester torna-se o grande centro industrial.

Este incremento agrícola provoca um incremento comercial. Fundam-se sociedades por acções; verifica-se o interesse dos bancos pela economia. Esta excelente posição financeira veio possibilitar a formação de grandes empresas comerciais. Lancashire torna-se um grande centro têxtil (lã e algodão).

A aplicação da máquina a vapor, aperfeiçoada por Watt transformou a fábrica. Aumenta a produção, abrem-se vias de comunicação. As máquinas precisam de carvão que se começa a extrair das minas do País. A Inglaterra cobre-se das manchas negras do fumo das suas fábricas. É a Inglaterra Negra.

Os nobres ingleses, dotados de grande sentido de interesse e dinâmicos, livres de preconceitos que poderiam afectar a sua classe social, consagram-se à indústria. Abandonam, em grande parte, as explorações agrícolas, às quais se tinham dedicado no início do século.

Por outro lado, uma boa marinha garantia a venda dos produtos, e as matérias primas necessárias que a Inglaterra não tinha, mas que eram fornecidas pelos domínios ultramarinos. Está em presença de um império ao serviço da indústria da metrópole.

Não se pode esquecer ainda outro factor muito importante que possibilitou esta transformação: a vida política inglesa. Enquanto a Europa caminha nesse século XVIII para um absolutismo cada vez mais acentuado, tirando ao cidadão qualquer iniciativa; na Inglaterra, reina o sistema parlamentar, em que o cidadão é livre na sua actividade comercial. E toda esta transformação industrial partiu da iniciativa particular, mais activa, mais engenhosa do que a máquina do Estado.

Enquanto a Inglaterra deixa de ser um país agrícola, os grandes países da Europa estão ainda agarrados a velhas fórmulas de actividade mercantil, vivendo quase só da agricultura; ou de simples manufacturas.

b) A revolução portuguesa de 1820 não teve apenas causas ideológicas, isto é, não visava só a implantação do sistema liberal entre nós. Tem, também, causas económicas, em ligação com a situação europeia. A Europa estava a sofrer a sua grande transformação. E o industrialismo que penetra por toda a parte. A Inglaterra, a primeira nação a sentir os seus efeitos, deseja estabelecer íntimas relações comerciais com Portugal e os seus domínios ultramarinos. Daí a justificação da simpatia e do apoio que a causa liberal mereceu à Inglaterra e o auxílio que mais tarde veio dar a D. Pedro IV. Não desejava a manutenção das barreiras alfandegárias, nem simpatizava com as velhas leis que impunham um rígido monopólio comercial. E tinha receio que a nova política portuguesa contrariasse a decisão de D. João VI, quando ainda no Brasil, de abrir os portos brasileiros a todos os navios.

E é interessante focar que o factor económico que trouxe simpatias para a revolta de 1820, partiram de posições opostas. Assim, a Inglaterra apoia-se na doutrina do liberalismo económico: abolição de todas as barreiras alfandegárias, livre circulação dos produtos. Entende-se, para um país que começava a ter uma grande produção não lhe era indiferente o encerramento de um grande mercado como era Portugal e Ultramar (o Brasil estava incluído); em Portugal, precisamente, no Porto, onde a revolução tem início, esta é apoiada pelos burgueses, dentro ainda do espírito de mercantilismo, querendo a adopção das velhas leis comerciais. E é a esta luz que se deve considerar a atitude da constituinte para com o Brasil. O próprio desembargador Ferreira Borges estava ligado ao comércio dos vinhos.

Assim a nossa burguesa capitalista apoia calorosamente a política liberal. Quer reconquistar o comércio brasileiro.

Porém, note-se a nossa revolução, a exemplo do que já tinha acontecido com a revolução francesa de 1789 foi uma revolução simplesmente burguesa.

1972 — **CURSO COMPLEMENTAR**

Tempo: 1 h 30 min — **1.ª Chamada**

Prova escrita de Alemão

Lesen Sie den Text, ohne ihn zu übersetzen!

Unser Ferienort war schön und für seine Schönheit mit Recht berühmt. Berge, Höhen, ein prächtiges Seeufer — was will man mehr? Aber mein Tischnachbar und seine Frau, sicher zu Hause liebe, biedere Leute, mussten bei jeder Gelegenheit zeigen, dass sie eigentlich Besseres gewohnt waren: ein komfortableres Hotel, eine höhere Höhe, eine wärmere Sonne.

«Ja, voriges Jahr hatten wir es wesentlich schöner», begann er eines Tages wieder.

«Ach, und wie!» fiel sie sofort ein. «Da waren wir in Sils-Maria. Kennen Sie Sils-Maria?»

Sie waren fast beleidigt, als ich Sils-Maria auch kannte. Nun konnten sie mir nichts mehr vormachen.

«So», sagte ich, «in Sils-Maria, wo Friedrich Nietzsche war.»

I — a) *Beantworten Sie diesen Fragen!*

1. Was machten gerade die Leute, die im Text vorkommen?
2. Wo befanden sie sich?
3. Worüber sprach das Ehepaar?
4. Warum gefiel ihnen nicht, dass der Verfasser Sils-Maria auch kannte?
5. Waren sie mit dem Ort und der Unterkunft ganz zufrieden? Woher wissen sie das?

b) *Stellen Sie jetzt eine Frage auf diese Antwort!*
«Für seine Schönheit.»

II — *Übersetzen Sie ins Portugiesische!*

In der winzigen Pause, die entstand, merkte ich, dass sie keine Ahnung hatten, wer Nietzsche war. Kein Mensch sinkt in meiner Achtung, wenn er es nicht weiss, aber sie glaubten, sich diesse Blösse nicht geben zu dürfen.

«Wer?» fragte sie und tat schnell, als wäre sie etwas schwerhörig.

«Friedrich Nietzsche», erklärte ich, «der berühmte Philosoph aus Basel.»

«Natürlich!» schrie mein Gegenüber los. «Ich verstand vorhin den Namen nicht. — Ja, mit Nietzsche waren wir die ganze Zeit zusammen.»

Ich war manches von ihnen gewohnt, aber das hätte nicht kommen dürfen.

«Mit wem?» fragte ich betont ungläubig, um ihm noch den Rückzug offenzuhalten.

III — *Übersetzen Sie ins Deutsche!*

— Com Nietzsche? Era uma pessoa encantadora!

— E não tinha nada de filosófico, pois não, Emílio? — perguntou a esposa e acrescentou que era até um homem muito agradável.

— Os senhores parecem tê-lo conhecido muito bem. No entanto, eu não os julgava tão velhos. É que ele esteve em Sils-Maria, em 1888 e morreu em 1900.

— Ah! O senhor está a falar do velho Nietzsche. Nós referíamo-nos ao jovem Nietzsche, o filho dele.

IV — *In einem kurzen Aufsatz beantworten Sie folgende Fragen!*

«Wo verbringen Sie Ihre Ferien am liebsten? (im Gebirge, an der See, auf einem Bauernhof, in der Stadt, u.s.w.) Warum?»

Curso complementar

PROVA ESCRITA DE ALEMÃO

Solução

I

a)
1. Diese Leute verbrachten ihre Ferien in einem berühmten Ferienort.
2. Sie befanden sich an einem See unter Bergen.
3. Das Ehepaar sprach über die Orte, wo es frühere Ferien verbracht hatte.
4. Es gefiel ihnen nicht, weil sie immer zeigen wollten, dass sie in besseren Plätzen gewesen waren, die die anderen nicht kannten.
5. Vielleicht waren sie es nicht, weil sie sagten, dass sie wesentlich schönere Ferien gehabt hätten.

b) Wofür war jener Ferienort berühmt?

II

Na pausa mínima que se seguiu, notei que eles não faziam qualquer ideia de quem fosse Nietzsche. Ninguém desce na minha consideração por não o saber, mas eles achavam que não podiam revelar esta falha. «Quem?» perguntou ela, fingindo imediatamente que ouvia mal.

«Friedrich Nietzsche», expliquei eu, «o célebre filósofo de Basileia».

«Com certeza!» exclamou o homem que estava à minha frente. «Não percebi logo o nome. — Sim, passámos todo o tempo com Nietzche».

Eu estava habituado a muitas saídas deles, mas não deviam ter ido tão longe.

«Com quem» perguntei eu, mostrando bem incredulidade, para lhes permitir retirar o que tinham dito.

III

— Mit Nietzsche? Er war ein reizender Mensch.

— Und er sah gar nicht philosophisch aus, meinst du, Emil? — fragte seine Frau, und sie fügte hinzu, dass er sogar ein sehr anmütiger Mensch sei.

— Sie sprechen, als ob Sie ihn sehr gut gekannt hätten. Aber ich hatte keine Ahnung, dass Sie so alt sind. Ich meine, er war in Sils-Maria in 1888 und starb in 1900.

— Ach! Sie sprechen von dem alten Nietzsche. Wir meinten den jungen Nietzsche, seinen Sohn.

1972 — **CURSO COMPLEMENTAR**

Tempo: 1 h 30 min — **1.ª Chamada**

Prova escrita de Francês

César Birotteau, un riche commerçant, qui a été, depuis peu, nommé adjoint au maire du deuxième arrondissement, habite rue Saint-Honoré, avec sa femme, Constance. Celle-ci vient de se réveiller la nuit et, ne voyant pas son mari, elle se précipite hors de la chambre...

M.me Birotteau trouva le marchand parfumeur au milieu de la pièce voisine, une aune à la main et mesurant l'aire, mais si mal enveloppé dans sa robe de chambre d'indienne verte, à pois couleur chocolat, que le froid lui rougissait les jambes sans qu'il le sentît, tant il était préoccupé. Quand César se retourna pour dire à sa femme: «Eh bien! que veux-tu, Constance?», son air, comme celui des hommes distraits par des calculs, fut si exorbitamment niais, que M.me Birotteau se mit à rire.

— Mon Dieu, César, es-tu original comme ça! dit-elle. Pourquoi me laisses-tu seule sans me prévenir? J'ai manqué mourir de peur, je ne savais quoi m'imaginer. Que fais-tu donc là, ouvert à tous vents? Tu vas t'enrhumer comme un loup. M'entends-tu, Birotteau?

— Oui, ma femme, me voilà, répondit le parfumeur en rentrant dans sa chambre.

— Allons, arrive donc te chauffer et dis-moi quelle lubie tu as, reprit Madame Birotteau en écartant les cendres du feu, qu'elle s'empressa de rallumer. Je suis gelée. Étais-je bête de me lever! Mais j'ai vraiment cru qu'on t'assassinait.»

Le marchand posa son bougeoir sur la cheminée, s'enveloppa dans sa robe de chambre, et alla chercher machinalement à sa femme un jupon de flanelle.

«Tiens, mimi, couvre-toi donc, dit-il. Vingt-deux sur dix-huit, reprit-il en continuant son monologue, nous pouvons avoir un superbe salon.

— Ah çà, Birotteau, te voilà donc en train de devenir fou! rêves-tu?

— Non, ma femme, je calcule.

— Pour faire tes bêtises, tu devrais bien au moins attendre le jour, s'écria-t-elle. Voyons, Birotteau, parle donc. Qu'as-tu?

— Nous pouvons donner le bal.

— Donner un bal! nous? Foi d'honnête femme, tu rêves, mon cher ami.

— Je ne rêve point, ma belle biche blanche. Écoute! Il faut toujours faire ce qu'on doit relativement à la position où l'on se trouve. Le gouvernement m'a mis en évidence, j'appartiens au gouvernement; nous sommes obligés d'en étudier l'esprit et d'en favoriser les intentions en les développant.»

D'après *Honoré de Balzac*, «Histoire de la Grandeur et de la Décadence de César Birotteau»

I

Répondez aux questions sur le texte:

QUESTIONNAIRE A — **la compréhension**

1. Comment l'auteur a-t-il réussi à suggérer l'idée fixe qui absorbait Birotteau?
2. Quels sentiments s'expriment mutuellement les deux époux? Comment les dénoncent-ils?
3. Qu'est-ce qui rend comique toute cette scène? Complétez votre réponse à l'aide d'exemples empruntés au texte.

QUESTIONNAIRE B — **l'expression**

1. Justifiez et commentez l'emploi des expressions «donner le bal» (ligne 27) et «donner un bal» (ligne 28).
2. Justifiez le ton différent qui caractérise la dernière réponse de Birotteau.

QUESTIONNAIRE C — **l'interprétation littéraire**

1. Montrez que Balzac peint ses personnages à la manière d'un auteur dramatique. Trouvez d'autres exemples de cette même technique balzacienne — le portrait en action.
2. Peut-on affirmer que l'idée fixe, l'obsession, constitue une des caractéristiques des personnages balzaciens? Justifiez votre réponse en vous rappelant vos lectures.

II

Traduisez le texte depuis «Mon Dieu, César» (ligne 8) jusqu'à «assassinait» (ligne 17).

III

Rendez en français:

a) Às dez horas de uma noite de Janeiro de 1840, Cristina, convidada pela limpidez da luz, tão brilhante naquelas noites se o céu está desanuviado, chegou à janela, sem correr as vidraças. Do exterior não podia ser vista, que era completa a escuridão dentro; viu, porém, Cristina, dois homens parados na rua, com as cabeças muito conchegadas, em agitada e inaudível conversação.

b) Teve medo e correu ao gabinete do marido a chamá-lo. Casimiro, pé ante pé, segundo a esposa lhe recomendava, espreitou e, sem hesitação, disse:

— Um é D. Alexandre; o outro não conheço.

c) A arma única de Casimiro era uma enferrujada espada de seu pai. Tirou-a debaixo do leito e disse à esposa:

— Deixa-me a escada livre e não temas.

Camilo Castelo Branco, «O Bem e o Mal»
(texto com supressões)

IV

On affirme souvent que «le XIXème siècle a été le siècle du roman».

Êtes-vous d'accord? Qu'en pensez-vous par rapport à votre connaissance de la littérature française?

Discutez donc, dans une *composition*, ce jugement, en vous appuyant toujours sur votre lecture de l'oeuvre de quelques romanciers français. *(À peu près 200 mots).*

PROVA DE FRANCÊS

3.º CICLO

SOLUÇÃO

QUESTIONAIRE A

1) Honoré de Balzac suggère l'idée fixe de Monsieur Birotteu, qui est de donner um bal chez lui, en nous racontant son comportement étrange. En effet, el se lève la nuit sans prévenir sa famme, peu couvert sans se rendre compte du froid, pour prendre les mesures d'une pièce de sa maison. Toute autre action ou parole qui ne touche pas à son idée est machinale.

2) Les deux époux ont l'un pour l'autre une certaine tendresse. Madame Birotteau s'inquiète du sort de son mari et malgré l'originalité de celui-ci et le froid qu'elle ressent, elle cherche à comprendre les raisons de son comportement. Monsieur Birotteau de son côté prend soin de sa femme et lui dit des paroles gentilles.

3) La situation et l'aspect de Monsieur Birotteau sont comiques car nous l'imaginons parfaitement bien grâce aux détails donnés par l'auteur; «au milieu de la pièce, una aune à la main et mesurant l'aire, mais si mal envelopé dans sa robe de chambre d'indienne verte, à pois couleur chocolat, que le froid lui rougissait les jambes sans qu'il le sentit, tant il était préoccupé».

Est également comique le contraste entre le souci que se fait sa femme et l'insouciance de Monsieur Birotteau qui demande «Eh bien! que veux-tu», tout simplement, car il a l'esprit ailleurs.

Enfin, l'auteur nous tient en haleine et ce n'est qu'à la fin du texte que nous avons l'explication du comportement de Monsieur Birotteau: «Nous pouvons donner le bal».

QUESTIONNAIRE B

1) Entre les expressions «donner le bal» et «donner un bal», seul change l'article: **le** est défini, **un** est indéfini. Le bal, c'est celui auquel Monsieur Birotteau pense et pour lequel il échafaude des projets. Cette expression contient une nuance d'admiration de sa part. Un bal, c'est n'importe quel bal, un bal quelconque. Madame Birotteau avec cette phrase exprime son étonnement.

2) La dernière réponse de Monsieur Birotteau est une justification qu'il se donne à lui-même aussi bien qu'à sa femme. Il parle de sa position sociale et des devoirs qu'elle lui impose. C'est pour lui un sujet sérieux.

QUESTIONNAIRE C

1) Honoré de Balzac peint tous les personnages de sa Comédie Humaine avec un tel esprit d'observation et de précision presque scientifique que l'on dirait qu'il veut monter une pièce de théâtre.

L'auteur ne se borne pas à prêter sa voix à ses personnages. Ils existent car nous avons affaire à des créatures incarnées en lutte avec des obstacles concrets.

Eugéne Grandet e le Père Goriot, par exemple sont si vrais, l'une avec sa synpathique médiocrité et l'autre avec son avarice que l'on peut les imaginer sans difficultés depuis leur physique, leurs vêtements jusqu'à leurs manies e habitudes.

2) Savoir, expliquer, démonter: c'est le moteur de la Comédie Humaine et la biographie de Balzac est l'histoire de cette véritable idée fixe. D'autre part, la société peinte par Balzac est hantée par le pouvoir de l'argent et l'ombre de Napoléon.

II — «Meu Deus, César, como tu és original!» disse ela. «Porque me deixas só sem me prevenir? Quase morri de medo, não sabia o que pensar. Que fazes tu aí todo descomposto? Vais apanhar uma boa constipação. Ouves-me Birotteau?»

«Sim, minha mulher, eis-me», respondeu o perfumista regressando ao seu quarto.

«Anda, vem aquecer-te e diz-me que bicho te mordeu, retorquiu a Senhora Birotteau tirando as cinzas do lume, que se apressou de atear. Estou gelada. Que estúpida fui de me levantar. Mas acreditei mesmo que te assassinavam».

III — a) Un soir de janvier 1840

EXTERNATO DE ALVALADE
PRIMÁRIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO
Telef. 771965 LISBOA
Rua Isidro Viana, 12 Campo Pequeno

OS EXAMES DE ONTEM

à dix heures, Christine, attirée par la clarté de la lumière si vive ces soirs où le ciel est découvert, s'approcha de la fenêtre sans ouvrir les battans. On ne pouvait pas la voir de l'extérieur car dedans l'obscurité était complète; cependant, Christine vit dans la rue deux hommes arrêtés, leurs têtes très rapprochées, tenant une conversation vive et inaudible.

b) Elle eut peur et courut dans le bueau de son mari en l'appelant. Casimir, pas à pas, suivant ce que lui recommandait sa femme, guetta et, sans hesitation, dit: l'un est D. Alexandre et l'autre je ne le connais pas.

c) La seule arme de Casimir était une épée rouillée de son père. Il la prit de dessous du lit e dit à son épouse: Laisse-moi l'escalier libre e ne crains rien.

IV — (sugestão) — On peut dire que la période du roman en France commence en 1820. La littérature change de ton, d'inspiration, de public, de finalité. La révolution littéraire de la première moitié du XIXème siècle s'opère en opposition avec une actualité très troublée par des crises politiques, malaises sociaux, bouleversements de la révolution industrielle.

Poussée par un public qui appelle, par de nouveaux moyens de communications et par des nouvelles techniques d'imprimerie, une nouvelle littérature se dessine. Pour citer uniquement quelques uns des responsables de ce mouvement, nous pouvons rappeler Lamartine, Balzac, Vigny, Hugo, Dumas, Stendhal et Georges Sand.

La grande explosion romanesque se situe aux environs de 1836. C'est le début de la grande époque du feuilleton (Dumas, Sue). Parmi les oeuvres les plus connues de cette période, nous pouvons citer par exemple Notre Dame de Paris e les Misérables de Victor Hugo, Eugénie Grandet, la Père Goriot et la Vieille Fille de Honoré de Balzac, les Méditations de Lamartine, le Rouge et le Noir, La Chartreuse de Parme de Stendhal, Les Mystères de Paris d'Eugéne Sue, La Mare au Diable, La Petite Fadette de Georges Sand.

1972 — **CURSO COMPLEMENTAR**

Tempo: 1 h 30 min — **1.ª Chamada**

Prova escrita de Ciências Naturais

Ciências Geológicas

I

Atenda às condições da figura 1:

— A face F tem um parâmetro infinito, relativamente ao eixo $X\bar{X}$.

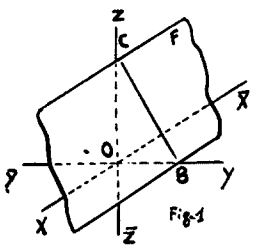
— $\overline{OB}$ e $\overline{OC}$ são os parâmetros da face F, relativamente aos eixos $Y\bar{Y}$ e $Z\bar{Z}$, respectivamente.

— Os eixos cristalográficos formam entre si ângulos de 90°.

1 — Considere a cruz axial representada pertencente ao sistema monométrico que estudou. Diga a que formas cristalográficas pertence a face F, nos casos seguintes:

a) $\overline{OB}=\overline{OC}$

b) $\overline{OB}\neq\overline{OC}$



2 — Considere, agora, a cruz axial representada mas pertencente ao sistema dimétrico possível. Mostre que $\overline{OB}$ é, necessàriamente, diferente de $\overline{OC}$.

3 — Se a cruz axial representada pertencer ao sistema trimétrico compatível com as condições da figura, a que forma cristalográfica pertence a face F?

II

A malaquite, quìmicamente, carbonato básico de cobre, que cristaliza no sistema monoclínico, pode ocorrer em formas de dodecaedro rômbico.

1 — Como explica este fenómeno?

2 — Depois de o minério estar concentrado, como se procede à extracção do cobre a partir da malaquite?

3 — A malaquite ocorre na zona de alteração de jazigos endógenos. Esquematize um corte longitudinal dum destes jazigos e assinale, com uma legenda, as diferentes partes que o constituem.

III

A figura 2 representa um cone de lavas.

Fig. 2

1 — Como caracteriza o tipo de erupção de que resultou?

2 — No distrito de Lisboa, como em outras regiões do território nacional, podem observar-se diques, chaminés e mantos de rochas vulcânicas. Como identifica estes três modos de jazida?

3 — No complexo basáltico de Lisboa, que assenta em discordância sobre o Cretácico médio, aparecem vários fósseis de seres terrestres e anfíbios, não característicos.

a) Que são fósseis não característicos?

b) Que pretende dizer-se com a frase: «O complexo basáltico de Lisboa assenta em discordância sobre o Cretácico médio»?

c) O complexo basáltico de Lisboa é mais antigo que o Cretácico médio? Justifique.

Ciências Biológicas

I

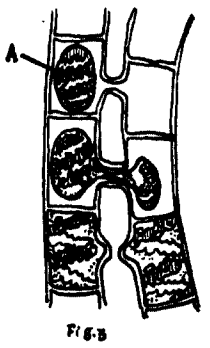


Fig-3

A figura 3 representa duas espirogiras a reproduzirem-se sexuadamente.

1 — Em que consiste a reprodução sexuada na Espirogira?

2 — O zigoto, representado por A, sofre uma meiose. Qual a importância biológica deste fenómeno?

3 — Deverá considerar-se a Espirogira como um ser haplodiplonte? Justifique.

4 — Descreva a geração do Pinheiro que corresponde à da Espirogira adulta.

II

A figura 4 esquematiza um tubo urinífero.

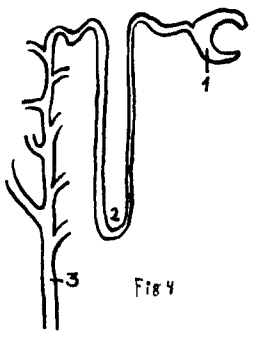


Fig 4

1 — Faça a legenda da figura.

2 — Explique o mecanismo da secreção urinária.

3 — Que sabe dizer sobre a evolução do aparelho urinário, nos Vertebrados?

4 — No bordo superior de cada rim, existe uma cápsula supra-renal. Que funções desempenha este órgão?

CAMIÕES OM

AMORTIZAÇÃO RÁPIDA

Investir em veículos de carga média exige ponderação.
A rentabilidade do capital tem de ser assegurada pela robustez dos veículos, manutenção económica e consumo reduzido.
Não é possivel também esquecer o condutor a quem se deve oferecer ampla visibilidade e conforto.
Tudo isto se encontra nos camiões OM CERBIATTO, a marca que é por si só uma garantia.

72-OM-01

J.J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L. LISBOA-PORTO-EVORA-BRAGA-REDE DE AGENTES

VENDAS E OFICINAS DE REPARAÇÕES:
Rua da Guiné — Prior Velho — Sacavém — tel. 2511380 — 2511405
Rua Delfim Ferreira, 84 — Porto — tel. 63826

Externato
Sebastião da Gama
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS
Av. Almirante Reis, 106, 1.º—Telefs. 822776/823531
(Frente à Cervejaria Portugália)

PONTOS E SOLUÇÕES

III

Uma criança, de grupo sanguíneo *O*, tem olhos azuis. O carácter «cor castanha» dos olhos domina o carácter «cor azul».

1 — É possível que algum dos seus progenitores tenha olhos castanhos? Justifique.

2 — A criança pode receber sangue do tipo *B*? Justifique.

PROVA ESCRITA DE CIÊNCIAS NATURAIS CIÊNCIAS GEOLÓGICAS 7.º ANO (Solução)

I

1 — a) Dodecaedro rômbico.
4 b) Tetraexaedro.

2 — Uma face com parâmetros **OB** (relativamente ao eixo dos YY) e **OC** (relativamente ao eixo dos ZZ) iguais, implicaria eixos dos ZZ e dos YY homólogos, o que não pode acontecer no sistema tetragonal, em que o eixo dos ZZ é, por definição, o eixo heterólogo.

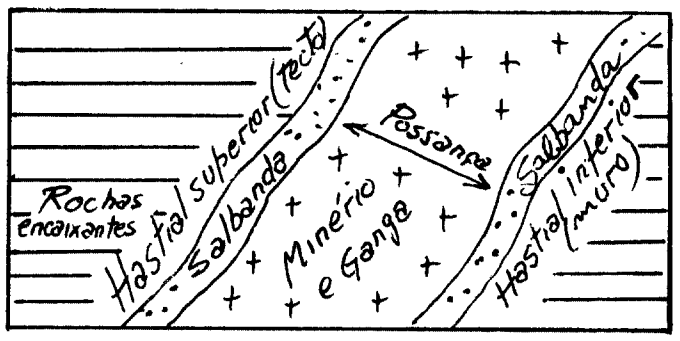
3 — Pertence à forma designada braquidoma.

II

1 — Pelo fenómeno de pseudomorfismo — ocorrência de espécies minerais que apresentam formas cristalinas típicas de outras; neste caso: cuprite (óxido cuproso) que, posteriormente, devido a actuação de águas contendo anidrido carbónico, se transformou em malaquite, sem alteração da forma cristalina inicial da cumprite.

2 — Procede-se a uma calcinação, visto tratar-se de um carbonato; se, porém, desta operação resultarem, em vez do metal, produtos oxidados deste, terá de efectuar-se uma redução.

3 — Um filão



III

1 — Tipo havaiano — as lavas são muito fluidas e arrefecem muito lentamente; os gases escapam-se com facilidade; não há explosões nem projecções sólidas. As lavas estendem-se em grande superfície, originando cones de lavas de pouca altura e grande diâmetro de base.

2 — Dique — trata-se de uma apófise emitida por um batólito ou um lacólito (filão), caracterizada por se dispôr quase na vertical e ter reduzida espessura relativamente ao seu comprimento.

Chaminé vulcânica — lava muito viscosa que consolidou no canal de saída de um vulcão, sendo, posteriormente, posta a descoberto devido a erosão dos terrenos circundantes.

Manto — quando as lavas são fluidas e provêm de uma cratera situada em terreno plano, pelo que se estendem em superfície.

3 — a) — Aqueles que não correspondem a indivíduos pertencentes a grupos de curta longevidade relativa, grande área de dispersão e fácil fossilização.

b) — Pretende dizer-se que as camadas superiores do complexo basáltico se encontram aplicadas sobre a superfície erodida das camadas do Cretácico médio, que lhe ficam inferiores.

c) — O complexo basáltico de Lisboa é mais recente que o Cretácico médio, visto assentar sobre camadas erodidas deste. Contudo a falta de fósseis característicos não permite datar rigorosamente as formações que constituem o complexo basáltico de Lisboa.

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

I

1 — No fim da Primavera, o conteúdo de duas células de dois filamentos diferentes que se encontram lado a lado junta-se numa delas através de um canal de comunicação, acabando os dois núcleos por se fundirem num só. Des[illegible] o energídio único result[illegible]te dessa fusão cerca-se de uma nova membrana, ficando assim, transformado num ovo ou zigoto. Este reveste-se de uma membrana espessa ficando em repouso durante o Inverno, até que na Primavera seguinte se segmenta, dando uma nova Espirogira. Esta segmentação é precedida de meiose no núcleo do zigoto, donde resulta uma tétrada de núcleos filhos, dos quais três degeneram e só um subsiste.

2 — Manter o número cromosómico típico da especie.

3 — Não, porque a fase diplóide está limitada ao zigoto, portanto, não apresenta, alternadamente, uma geração haplóide e uma geração diplóide. A Espirogira é, pois, um ser haplonte: as suas células vegetativas são haplóides.

4 — Geração gamotófica; Na parte feminina: o saco embionário (macrósporo) produz o endosperma (macroprotalo) que origina, por sua vez, o gâmeta feminino (oosfera). Na parte masculina: o grão de pólen (micróspero), por germinação dá origem ao tubo polínico (microprotalo), produtor do gâmeta masculino.

II

1 — Legenda: 1 — Cápsula de Bowmann
2 — Ansa de Henle
3 — Tubo colector

2 — Cada tubo urinífero começa na zona cortical pela cápsula de Bowmann, na qual vem alojar-se num sistema de capilares arteriais enrolados em novelo que constitui o glomérulo de Malpighi. Em seguida, o tubo dobra e depois de formar a ansa de Henle, cujo ramo ascendente se alarga, vai terminar no canal colector, que recebe um grande número de tubos semelhantes e se abre pelo poro urinário no vértice da pirâmide de Malpighi. O novelo de capilares de cada glomérulo deixa filtrar água com sais dissolvidos no interior da cápsula e esta água escoa-se, em seguida, para o tubo urinifero. Como este tubo, no seu trajecto, é envolvido por capilares, vai recebendo do sangue que neles circula, ureia e ácido úrico, que, misturando-se com água e com aqueles sais forma a urina. A urina vai caindo por pequenas gotas, no bacinete, donde segue para a bexiga pelo ureter e daí para o exterior pela uretera.

3 — Os ciclóstomos têm o prónefro, que é um orgão excretor embrionário, constituido por muitos canalículos mesodérmicos dispostos transversalmente. A extremidade anterior é dilatada em forma de funil ciliado e abre na cavidade geral. Os glomérulos são externos, colocados, em frente dos funis ciliados, que se reunem no canal de Wolf, que é o canal excretor, o qual termina na cavidade que vai constituir a futura bexiga. Nos outros vertebrados, o prónefro atrofia-se e aparece o mesónefro, que é substituido, a partir dos Batráquios, pelo órgão renal definitivo, o metânefro, sem funis ciliados, com cápsulas de Bowmann e canal de saída próprio — o ureter. O mesonefro funciona toda a vida nos Peixes e Batráquios. Nos Répteis, Aves e Mamíferos é o metânefro o rim funcional e definitivo.

4 — Segrega a adocralina, substância azotada que eleva a pressão sanguínea e diminui a fadiga muscular.

III

1 — Não, porque, como o carácter «cor castanha» domina a «cor azul», esta só pode apresentar-se fenotìpicamente quando se trate de duplo recessivo.

2 — Não pode, porque o indivíduo do grupo sanguíneo Q possui aglutininas anti-B, que causarão aglutinação em presença do sangue com aglutinogénio B. do dador.

Exame de fim do ciclo preparatório

1972

1.ª Chamada

Duração da prova: 2 horas

Prova prática de DESENHO

Lê cuidadosamente todo o texto e observa com atenção as gravuras correspondentes. Só depois disso, é que deves procurar executar o que se pede.

Estas imagens correspondem ao revestimento de parte do corpo de alguns animais.

Como sabes, a sensação que tens, ao passar a mão por um corpo [illegible] de penas, é diferente da que experimentas quando passas a mão por um [illegible] coberto de escamas, de pêlos ou de uma pele áspera, como a do elefa[illegible]

Estas sensações reveladas pelo tacto correspondem a *texturas* dif[illegible]es.

A tua mão, por exemplo, é macia mas não é lisa. Podes obser[illegible] unhas, pêlos, rugas (mais nítidas nas articulações dos dedos) e um[illegible] nita de pequeninas linhas... Tudo isto define a textura da pele [illegible]

1.º EXERCÍCIO

É, pois, uma das tuas mãos que vai servir-te de modelo.

Observa-a cuidadosamente:

1 — as «costas» da mão: unhas, pêlos, rugas, etc.;

2 — a «palma» da mão: «linhas» da mão... e repara nas impre[illegible] tais que tens no Bilhete de Identidade.

Desenha as duas observações que te pedem no espaço da prova [illegible] com o símbolo ●

2.º EXERCÍCIO

Enquanto uma das mãos esteve parada a servir de modelo, a outra (a que esteve a desenhar) mexeu-se bastante. Na verdade, o movimento que [illegible] mãos (abrir, fechar, apontar, juntar os dedos, etc.) modifica-lhes [illegible]

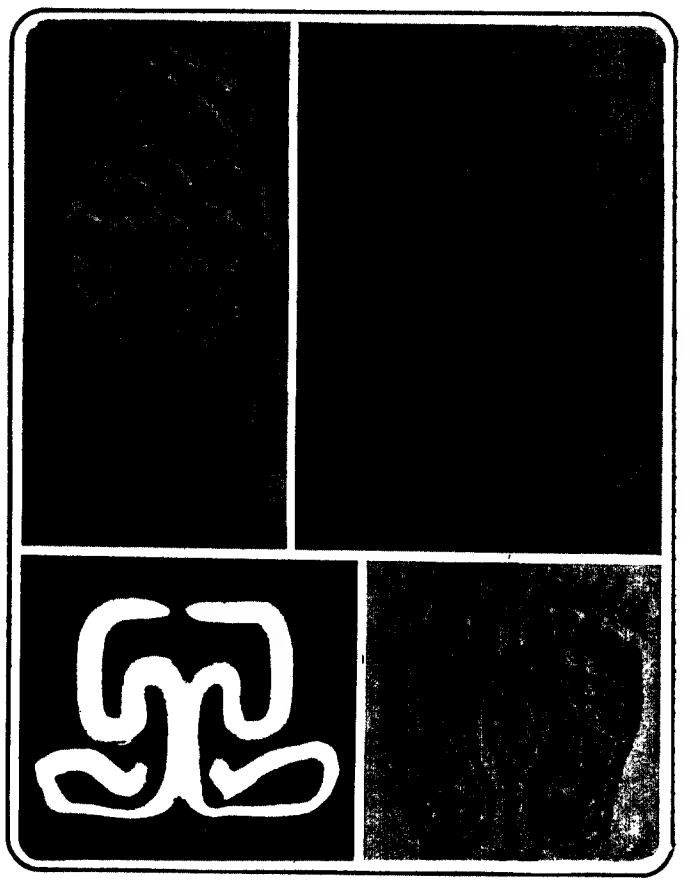
No espaço ●● da prova representa com um *traço contínuo* [illegible] formas que possa tomar a tua mão.

Ainda no mesmo espaço desenha a mesma forma e *pinta-a* com uma [illegible] ao teu gosto.

Repara que obtiveste o contraste LINHA-SUPERFÍCIE.

3.º EXERCÍCIO

As imagens que se seguem vão ajudar-te a recordar o que é a SIMETRIA.



Vais imaginar as tuas mãos numa posição simétrica e representá-las, nessa posição, no espaço ●●●, por meio de estampagem directa ou desenhando o seu contorno.

Enfeita-as com o que entenderes (luvas, anéis, relógios, flores, etc.). Mas não te esqueças de que neste jogo se um dedo tem um anel, o mesmo dedo, da outra mão, também o tem.

Pinta conforme o teu gosto.

4.º EXERCÍCIO

Desenha, com rigor, no espaço ●●●● da prova, duas circunferências concêntricas (raios: 4,5 cm e 4 cm).

Como vês, acabas de representar uma pulseira.

EXTERNATOS

São Vicente — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 864100
Marquês de Pombal — Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Tel. 82 02 21
Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74

CURSO DE FÉRIAS — EXAMES 2.ª ÉPOCA
LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

EXTERNATO VERBUM
CICLO PREPARATÓRIO E CURSO LICEAL
MANHÃ, TARDE E À NOITE
Av. Duque de Loulé, 86-3.º-Esq. - Telef. 57913, 51238

LICEU
E CICLO PREPARATÓRIO
(DIURNO - NOCTURNO)
Sá de Miranda
Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef. Secret. 45310 Direcção 537532

Preparação para os exames de Setembro e para aulas do próximo ano lectivo nos meses de Agosto e Setembro.
EXTERNATO LEAL CONSELHEIRO
Rua do Alecrim n.º 47, 2.º, tels. 327409/326957
EXTERNATO NOVO RUMO
Praça Luís de Camões n.º 6, 1.º esq., tel. 361426

EXTERNATO SANTA BÁRBARA
RUA PASSOS MANUEL, 24-r/c. — TELEF. 561383
★ CICLO PREPARATÓRIO
★ ENSINO LICEAL
★ DIURNO - NOCTURNO

DL/DESPORTOS

SPASSKY contra FISHER

Boris Spassky: a Rússia confia

Rússia-Estados Unidos: a compita-mor no xadrez

Por Henry Shapiro, da UPI: Exclusivo da ANI em Portugal.

MOSCOVO — Boris Spassky, campeão mundial de xadrez, declara que lamenta o seu adversário norte-americano Bobby Fisher, por ter a «mania de perseguição».

Ao responder às perguntas, numa conferência de Imprensa para jornalistas russos e estrangeiros, Spassky louvou Fisher, classificando-o de um «jogador notável» sem o qual «o mundo do xadrez seria muito triste».

— **Se tivesse a liberdade de escolher o meu adversário, pederia que fosse Fisher** — disse Spassky.

A referência à «mania de perseguição» veio em resposta aos pedidos de vários jornalistas para Spassky comentar as declarações de Fisher (de que venceria o campeonato mundial) e as suas acusações de que os russos tinham conspirado para o privarem do título, combinando realizar os jogos em Reykjavik, na Islândia.

Depois de se ter recusado a comentar, alegando que **«todos os homens têm o direito de dizer o que desejam, de acordo com a responsabilidade das suas consciências»**, Spassky disse:

— **As observações de Fisher causam uma estranha impressão. Parece sofrer de uma mania de perseguição e pensa que todos os jogadores russos de xadrez querem prejudicá-lo. Nada há a fazer e tenho pena de Fisher.**

Ao contrário do seu adversário — que tem declarado frequentemente que derrotará Spassky — este declarou:

— **Não sei quem sairá vencedor, mas estou certo de que será um interessante e notável acontecimento.**

Os dois grandes mestres defrontaram-se, pela última vez, na Alemanha Federal, em Setembro de 1970. Então realizaram cinco jogos, três dos quais ganhos por Spassky. Os outros dois ficaram empatados. Contudo, numa conversa com um jornalista ocidental, há alguns dias, Spassky declarara:

— **Seria o mais feliz dos homens se já não fosse campeão. Nunca garanti que seria campeão, como o fez Fisher.**

E acrescentou:

— **Gosto de jogar o xadrez como distracção e não para obter fama. A minha ideia de uma tarde agradável é tomar um pouco de vinho com alguns amigos e jogar o xadrez. Algumas vezes perco de propósito, só para agradar aos meus amigos. E penso em Reykjavik como se fôssem férias.**

Explicou que se sentia em «perfeita forma» para os jogos de Reykjavik, que começam a 2 de Julho, mas recusou-se a revelar como se estava a preparar, quer física, quer ps quicamente.

— **Isso deve continuar a ser um segredo profissional, que apenas será revelado depois dos jogos»** — respondeu Spassky. E admitiu, logo a seguir, que joga ténis — **«um jogo de que gosto, embora jogue mal»**.

Sabe-se, de outras fontes, que corre todos os dias alguns quilómetros e que também joga andebol. Dispõe dos relatos de todos os jogos importantes de Fisher e está a estudá-los com a ajuda do seu novo treinador o grande mestre internacional Yefim Geller.

Não quis falar sobre o tipo de jogo de Fisher, mas disse:

— **Tem pontos fortes e pontos fracos, mas isso são segredos profissionais.**

O campeão russo abordou as questões com suavidade, não se deixando arrastar por um debate mais cerrado sobre o alegado amor de Fisher pelo dinheiro, que quase pos em perigo a realização do encontro mundial. Fugiu a essas perguntas com um breve comentário: **«Fisher desde o começo que tem sido persistente em querer jogar onde pudesse ganhar mais dinheiro. Mas, na minha opinião, embora esteja ansioso por fazer dinheiro com o xadrez, isso não é a única coisa que lhe interessa. A sua conversa sobre o dinheiro poderá ser apenas um esforço para assegurar a sua individualidade num país como os Estados Unidos, onde há rios de dinheiro»**.

Spassky, que joga o xadrez desde os nove anos, é formado em jornalismo pela Universidade de Leninegrado, mas tem sido jogador profissinal de xadrez quase durante toda a sua vida. Vive num apartamento, em Moscovo, com a segunda mulher (Larissa) e um filho, que completará os cinco anos no dia do início dos jogos mundiais. Tem também uma filha, Tatiana, de 12 anos, do seu primeiro casamento.

Os Spassky não têm uma «dacha» (casa de campo): mas, devido à fama ganha no xadrez pelo chefe da família, têm acesso aos melhores centros de recreio do país. Spassky possui um carro de marca sueca e (enfim) vive bem.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escritório e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

Paraguaio no Restelo:

FRANCISCO GONZALEZ CRAQUE OU "BARRETE"?

Ele deve ser o primeiro futebolista de origem paraguaia a vestir a camisola azul. Argentinos, já o Belenenses teve um monte deles: Benitez, Di Pace, Perez, Pellegero, Chavez, Saporiti e, segundo rezam as crónicas dos bons tempos, os «pioneiros» Tarrio, Tellechea e Scopelli (o festejado regressado). Brasileiros então, nem vale a pena contar. Mas do Paraguai e pelo menos tanto quanto a minha memória regista, nunca veio nenhum para chutar de cruz ao peito. Até agora claro. Até aterrar aqui, via Madrid, o «Paco» Gonzalez, que os jornalistas da capital paraguaia apelidaram (carinhosamente) de «Gonzalito»:

«O empresário disse-me que eu aqui na Europa podia ganhar mais dinheiro e resolvi deixar o Paraguai. Então, ele comprou o meu «passe» ao Guarany e trouxe-me para Espanha. Não fiquei no Real Madrid porque não tenho nenhum parente espanhol. Estou convencido que vou triunfar no Belenenses».

E assim, aos repelões, em frases isoladas, que o avançado sul-americano denuncia a sua dificuldade de comunicação. No seu rosto lê-se fàcilmente a tragédia dum menino que nasceu pobre. Dum homenzinho que só tem uma ambição: regressar ao torrão natal, (nos subúrbios de Assunção) com os bolsos cheios do metal que compra a miséria. Começou muito cedo a brincar com a bola. Alinhou primeiro no Olimpia, um clube popular da mesma periferia onde nasceu. Aos 18 anos, passou a representar o Guarany. Vestiu (por duas vezes) a camisa nacional do seu país. Depois, o sonho do Velho Continente:

«No Paraguai, há apenas dois anos que se organizou o futebol profissional. As escolas de jogadores só agora começaram a funcionar em condições. Os principais clubes contrataram treinadores brasileiros, uruguaios e argentinos. O nosso atraso anulou-se nesse período de dois anos. O futebol paraguaio está hoje ao nível do que se joga no Chile, no Uruguai, mesmo na Argentina. Só o brasileiro é superior».

E depois, num arremedo de sorriso:

Está a ver a boa campanha que estamos realizando na Minicopa?»

Não se sabe ao certo, quanto custou Francisco Gonzalez ao Belenenses. Pouco a julgar pelo que está à vista. No entanto, bom ele tem que ser. Clube que dispensa Pedro, Pena, Estevão e Laurindo, só compra chutadores de primeiríssima. Vimo-lo treinar com os jovens que diàriamente Scopelli inspecciona, mas o paraguaio jogava para manter o ritmo e refugiou-se no «meio-campo». Aliás, de momento, o seu principal problema deve ser o da adaptação a um meio que não é fácil. Mas Gonzalez não saiu do Paraguai para passear. Ele já fala a linguagem da conveniência:

«Estou muito satisfeito com o camaradagem que vim encontrar entre os jogadores do Belenenses. Todos são meus amigos».

«Amigo»: termo que se emprega por da cá aquela bola. Corre, salta, chuta, marca «Gonzalito» vais ver que não te faltam amigos. Depois provado que tens valor, que Scopelli acertou em cheio, que o teu pontapear é mesmo bom, põe-te a pau com as mãos nas costas. Ou te arranjam parente em terras da estranja ou quando menos esperares, já assinaste a papelada em duplicado. A propósito: no Paraguai há disso? Também por lá se governam os «escaravelhos do futebol»?

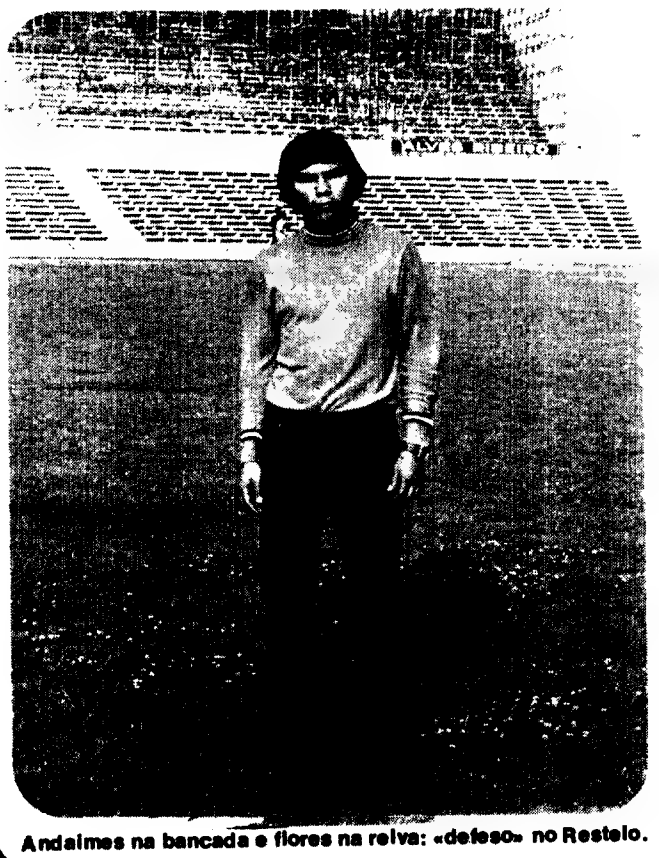
Francisco Gonzalez, nascido nos arredores de Assunção em 16 de Junho de 1951 é, para já, um moço ansioso por demonstrar a sua capacidade futebolística. E pergunta:

Quando é a deslocação do Belenenses a África?

Essa não. Então eu é que sei? Olha «Paco». boa viagem. Vou «torcer» por ti.

ALEXANDRE PAIS

Com a bola, numa «pelada» para manter o ritmo.



Andaimes na bancada e flores na relva: «defeso» no Restelo.

Gente nossa conhecida no futebol canadiano

TORONTO (Por Mário Nobre — Via Canadiana Pacific) — A artéria onde pulsa e se agita a vida lusitana nesta capital é a Avenida Augusta, localizada num bairro modesto mas simpático, pejado de residências bem tratadas, algumas com jardins nas suas frentes... cultivados com couves para caldo verde. Mas, é um bairro pitoresco. Os nomes de 80 por cento dos seus estabelecimentos são portugueses: Padaria Ibérica, Restaurante Octávio, o Nosso Barbeiro, Alfaiataria Brasil-Portugal, Peixaria Sagres, etc. Foi ali que passamos a maior parte do nosso tempo. Diàriamente tivemos convites: todos os nossos compatriotas se desdobraram em amabilidades para que nos sentíssemos (nós e todos os integrantes da delegação dos Veteranos do Futebol Português) como em nossoa lares. Entrando numa casa, saindo de outra, passeando na rua, em reuniões sociais, fizémos novas amizades, soubémos de notícias «fresquinhas», reencontrámos caras que nos tinhamos habituado a ver nos estádios da bola.

LUIS VILLA — que treinou este ano o Boavista e está agora à frente dos destinos do «First Portuguese, falou conosco e disse-nos:

«Não supunha que o futebol estivesse tão evoluído no Canadá. O First possui uma boa equipa, jovem e aguerrida. Veja o resultado que alcançou frente à Cuf (1-1) a quem estivemos vencendo por largo tempo por 1-0. Estou com muitas saudades de Portugal, onde gostaria de voltar um dia. Foi pena o que aconteceu com o Boavista, onde deixei bons amigos, sobretudo entre os jogadores». Uma pergunta: **«Quanto ganha aqui»?** A resposta não veio. Mas, segundo um ex-director do «clube dos portugueses de Toronto», soubemos que Villa percebe mensalmente 22 contos, estadia e prémio final.

METROS DE TORONTO — E um novo clube formado por Jhon Fisher, mais conhecido por «Mister Canadá» em virtude de ter organizado a Exposição de 1967 e os Festivais do Centenário da Confederação, que lhe trouxeram imenso prestígio. Tem como director de relações públicas um jovem português (Raul Costa) que já foi dirigente do «First». Disse-nos Raul: **«O Metros» é um clube por acções. Profissional. Tem nas suas fileiras jogadores de todas as nacionalidades: ingleses, escoceses. italianos, portugueses e brasileiros, entre os quais os nossos conhecidos José Moraos e Medeiros (Cuf). Este ano iremos perder dinheiro, mas isso representa um investimento de que em 1974 iremos tirar proveito. O treinador é escocês e o português Artur Rodrigues é seu assistente. Além dos jogadores referidos, temos também Perrichon, que está adquirindo, agora, a sua «forma». Disputamos a Liga Norte Americana de Futebol (que tem também a participação de clubes dos Estados Unidos) à qual concorrem apenas agremiações profissionais. E vamos bem classificados (3.º posto) mas o clube mais credenciado à vitória final é o norte-americano «St. Louis». Este torneio finda em Setembro. Depois vêm os campeonatos de hóquei sobre o gelo e o râguebi modalidades que usufruem a preferência dos desportistas locais».**

CP Air
Canadian Pacific

ADLER

QUALIDADE E TRADIÇÃO

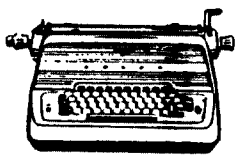
A FAMOSA GAMA DE MÁQUINAS DE ESCREVER

TIPPA

GABRIELE

SPECIAL

UNIVERSAL

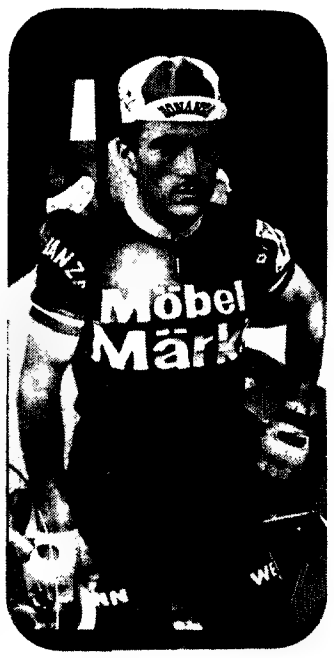

ELECTRIC

Representantes: Soc. de Rep. SIDA SUÉCA, LDA Rua de S. Nicolau 17 Lisboa

NORTE Estabelecimentos SIDANORTE, LDA Rua Formosa 445 447, 1.º Porto

DL/DESPORTOS

Agostinho e Leonel dizem adeus à Suíça


Leonel Miranda: rodagem proveitosa

Termina hoje, com um contra-relógio em Olten (na distância de 25 quilómetros) a «Volta à Suíça» — prova a que o campeão português Joaquim Agostinho concorreu mais como preparação para o «Tour de France» do que com verdadeiras intenções de vitória. No entanto, o nosso excelente corredor tem dado boa conta de si. Na etapa de ontem cortou a meta em 33.º lugar, mas com o mesmo tempo do 2.º classificado (o suíço Eric Spalm). Desta forma, é o sexto da classificação à partida da etapa em linha que vai de Pfaffikon até Olten, na distância de 117 quilómetros. E Joaquim Agostinho tem ainda a possibilidade de melhorar a sua posição — todos o pensam — pois é considerado o grande favorito do contra-relógio final. Quanto a Leonel Miranda, classificou-se ontem na quinta posição, fazendo prova do seu valor, muito embora o resultado global não fosse muito positivo, já que é o 37.º na «geral»: De qualquer modo, uma proveitosa rodagem.

Joaquim Agostinho: sempre uma figura

MATOS MOURA: DISTINÇÃO DE ESPANHA

O nosso prezado colaborador Matos Moura, indiscutivelmente uma das maiores autoridades europeias em andebol (treinador do Sporting e seleccionador nacional, ainda esta época vencedor do campeonato nacional e da «Taça de Portugal») acaba de receber um honroso convite endereçado directamente ao prestigioso técnico pelo dr. Alberto San Roman, presidente da Federação Espanhola de Balommano para participar num curso internacional de especialização que vai decorrer em Madrid, de 26 do corrente a 6 de Julho próximo.

Reservado apenas a professores de Educação Física altamente credenciados, o Curso abre uma excepção para acolher Matos Moura: prova irrefutável do seu mérito e do renome em terras estrangeiras do competente homem do andebol português.

FUTEBOL É NOTÍCIA

Ponto final: ou talvez não. Jorge Gonçalves assinou com o Vitória de Guimarães compromisso para mais um ano de trabalho. Ao mesmo tempo, Rodrigues e Manuel Pinto igualmente continuam sob as ordens de Mário Wilson.

Montijo terá no domingo festa rija. Novilho assado no espeto e selecção de Setúbal no retângulo: alegria porque o clube da terra chegou à grande meta chamada primeira divisão.

A entrada de Bento no Benfica implica a cedência de Fonseca: e o «eterno suplente» deve tomar o rumo de Guimarães, onde ficará uma temporada, embora «preso» aos «encarnados».

Melo («carta» na posse do Salgueiros embora preste serviços à Académica de Coimbra) é desejado pelo União de Tomar.

Mendes (Vitória de Guimarães) e Filipe (Famalicão) recebem publicas homenagens no próximo domingo.

BOM APETITE

RESTAURANTE VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIÁRIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA
ABERTO AO DOMINGO

RESTAURANTE SNACK-BAR Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
BACALHAU
SÁBADO
DOBRADA À COLINA

Estalagem «A GRUTA DO RIO»

RIO DE MOURO
Telef. 2 98 05 35
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

ADEGA MESQUITA
ceie

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

RESTAURANTE POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
EXPERIMENTE O FAMOSO CHISPE À CHEN KÓ-LÓ
PAÇO D'ARCOS
(Junto ao jardim)
Telef. 243 38 78

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO · LISBOA · 1864

Banco Nacional Ultramarino
S. A. R. L.
Sede — Lisboa

AUMENTO DO CAPITAL, DE 500.000.000$00 PARA 1.000.000.000$00

EMISSÃO RESERVADA AOS ACCIONISTAS

1) — **Pagamento da 2.ª prestação de 30% (Esc. 480$00 por acção)**

Avisam-se os srs. accionistas, participantes do último aumento de capital, de que a 2.ª prestação das acções subscritas estará a pagamento, de 26 a 30 de Junho de 1972, na Sede e filiais do Banco.

2) — **Entrega de cautelas definitivas**

Avisam-se, igualmente, os srs. accionistas, de que, também a partir de 26 de Junho de 1972, de conformidade com o n.º 6 das condições do último aumento de capital proceder-se-á à entrega de cautelas definitivas, representativas de acções nominativas e ou ao portador, conforme os casos, efectivamente atribuídas, por troca pelas cautelas emitidas quando da emissão.

As cautelas em poder dos srs. accionistas devem ser apresentadas na Sede e filiais do Banco, assinadas pelos respectivos subscritores ou seus representantes legais, com as assinaturas reconhecidas por notário ou abonadas por um Banco.

Lisboa, 23 de Junho de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	–	430$	–
Cons. 3 %	–	460$	–
Cons. 3 1/2	–	552$	–
Centenários	1.297$	1.297$	1.300$
Tes. 5 % 57	1.000$	1.000$	–
Tes. 5 % 59	–	1.000$	–
Exter. 1.ª s.	–	630$	680$
Extern. 1.ª c.	–	630$	650$
Extern. 3.ª s.	–	–	820$
Extern. 3.ª c.	–	800$	–
Caut. 3.ª s.	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx. 6 %	–	930$	950$
C. M. L 5 3/	–	985$	–
C. P. 5,5 % 67	–	–	–
C. P. 5,5 % — 68	–	910$	–
C. P. 5,5 % 69	–	–	–
Corr. 5 3/4 %	–	900$	920$
Metr. 5 3/4 %	960$	950$	970$
Tur. 5 3/4	1.000$	1.000$	–
C. P. 63/4	1.030$	1.025$	1.035$

ELECTRICAS

	–	830$	–
G. 5 % — 58	830$	825$	835$
G. 5 % — 59	–	900$	–
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	–
G. 6 % — 67	–	900$	–
G. 6 % — 69	1.020$	1.018$	1.022$
G. 7 % — 71	–	795$	–
H. E. C. 5 %	–	–	775$
H. E. C. 6 %	–	910$	–
H. E. D. 5 %	–	–	775$
H. E. D. 6 %	–	910$	–
H. E. N. P. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 5 %	–	940$	–
H. E. S. E. 6 %	900$	–	905$
H. E. Z. 5 % — 57	–	–	840$
H. E. Zêz. 6 %	–	–	930$
N. Elc. 5 %	–	–	750$
N. Elec. 6 %	920$	910$	930$
Termoel. 5 %	–	–	775$
U. E. P. 5 % — 60	–	–	–
U. E. P. 5 % — 63	–	–	–
U. E. P. 6 %	–	–	–

DIVERSAS

A. P. T. 5 % — 56	–	–	–
A. P. T. 5 % — 58	–	880$	–
Lisnave 6 %	–	–	–
Nitratos — 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª %	880$	880$	–
Sacor 7 %	1.014$	1.012$	1.015$
Sacor 5 % — 54	–	930$	–
Sacor 5 % — 60	–	–	880$
Sid 5 % — 2.ª	–	–	790$
Sid 5 % — 3.ª	–	780$	–
Sid 5 % 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	915$	–
U. Fabril 67	–	940$	–
U. Fabril 68	–	945$	–

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	–	–
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59/60	–	–	–
Moçamb. 5 %	–	400$	500$
Sonefe 5 %	810$	–	815$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3.550$	3.540$	3.560$
Alentejo	1.400$	1.400$	1.410$
Angola	3.680$	3.680$	3.700$
Cred. Predial	6.310$	6.300$	6.310$
Esp. Santo	9.330$	9.320$	9.350$
Fomento	4.670$	4.670$	4.690$
F. & Burnay	–	35.000$	38.000$
N. Ultr. m.	–		5.900$
N. Ultr. c.	6.350$	6.320$	6.350$
Portugal n.	–	4.300$	4.600$
Portugal p.	–	–	6.000$
P. Atlântico	10.250$	10.200$	10.300$
Totta & Açores	6.040$	6.040$	6.050$
Algarve	2.270$	2.270$	2.280$
Borges & Irmão	8.500$	8.400$	8.550$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice da cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	16-6-72	22-6-72	23-6-72
GERAL	187,0	185,4	185,0
METROPOL	189,5	187,7	187,2
ULTRAM	168,8	168,8	168,7

De Seguros

Alentejo	–	143$	145$
Bonança	–	15.000$	–
Império		16.000$	19.000$
Mundial	1.325$	1.325$	1.330$
Soberana	–	–	1.850$
Tranquilidade		90.000$	–

Eléctricas

C. P. E. p.	1.101$	1.100$	1.101$
C. P. E. n.	1.090$	1.090$	1.100$
E. Beiras	1.800$	1.800$	1.840$
G. Elec. c.	338$5	338$5	339$
H. E. A.A.	169$	169$	170$
H. E. N. P.		235$	240$
H. E. S. E.	1.980$	1.960$	1.990$
U. E. P.	–	196$	198$

Ultramarinas

Ag. Cassequel	1.080$	1.080$	1.085$
Ag. Incomáti	–	2.100$	–
Ag. S. T. e P.	–	175$	190$
Aç. Angola	850$	850$	870$
Alg. Angola	–	210$	220$
Ang. Agric.	–	–	–
Boror	120$	120$	130$
Boror Com	–	–	70$
Buzi	–	82$	84$
Cabinda	–	135$	–
Com. Lobito	760$	760$	770$
D. A. — T. 100	–	–	1.980$
H. E. Revué	–	–	560$
I. do Princ.	–	–	500$
Moçambique	–	157$	160$
Sonefe n.	–	–	–
Sonefe p.	385$	385$	390$
Zambézia	64$	64$	65$

Diversas

Ag. Lx. ant.	–	410$	–
Ag. Lx. — 34	430$	425$	435$
Ag. Lx. — 36	–	405$	410$
Cel. Guadiana	–	5.200$	5.500$
C. Leiria p.	–	6.100$	6.200$
C. Tejo p.	–	14.200$	14.400$
F. Ramada	1.270$	1.270$	1.290$
Fornos Eléct.	136$5	136$5	137$
P. Celulose	3.830$	3.800$	3.850$
Siderurgia p.	–	4.450$	4.520$
Siderurgia n.	2.920$	2.910$	2.930$
Socel	–	3.470$	–
Cidla	6.850$	6.800$	6.900$
C. U. F.	3.050$	3.040$	3.050$
Intar	537$	535$	540$
Nitratos	–	1.020$	1.050$
Petroquímica	1.030$	1.020$	1.040$
Sacor	3.060$	3.050$	3.070$
Tab. Portugal	2.000$	1.970$	2.000$
Tabaqueira	–	7.300$	–
U. F. Azoto	770$	770$	775$
Empor	–	210$	240$
Ind. Aliança	–	510$	
I. P. Colón.	930$	920$	940$
Nac. Naveg.	–	–	3.500$
Naveg. (Col.)	–	2.050$	2.100$
P. Pesca	975$	970$	1.000$
Matur	–	950$	1.000$
R. Marconi	2.050$	2.050$	2.070$
TAP	1.300$	1.300$	1.350$
Compal	–	550$	620$
Salvor	1.350$	1.340$	1.350$
Penina		1.050$	1.250$
Grão-Pará			

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

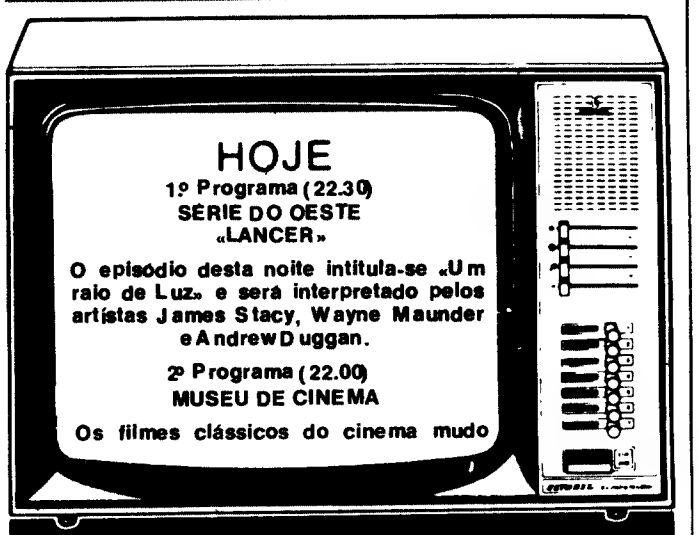
Atlântico	–	–	–
F. I. D. E. S.	–	–	–

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul — Rands	31$50	34$00
Alemanha — Marco	8$35	8$65
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$00
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina — Peso Novo	-$-	-$-
Austria — Schiling	1$17	1$22
Bélgica — Franco	$60	$63
Brasil — Cruzeiro	3$50	4$50
Canadá — Dólar	27$10	27$80
Dinamarca — Coroa	3$75	4$05
Espanha — Peseta	$41	$43
França — Franco	5$40	5$70
Holanda — Florim	8$25	8$55
Inglaterra — Libra	69$70	71$70
Itália — Lira	$04,5	$04,8
Marrocos — Dhran	5$00	5$50
Noruega — Coroa	3$95	4$25
Suécia — Coroa	5$50	5$80
Suíça — Franco	6$98	7$23
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	415$00	445$00
Inglaterra — 1/2 Libra	330$00	350$00
Ouro fino Barra	50$00	55$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1º Período

12.45 Abertura e desenhos animados.
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Nanny e o Professor».
13.45 Telejornal 1ª edição.
14.00 Conheça o Portugal desconhecido.
14.15 Logo à noite.

2º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 O Circo Kiri
19.30 Telejornal 2ª Edição
19.45 Auditório musical
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 Frente a frente
22.30 Série do Oeste — Lancer
23.30 Telejornal últimas notícias
23.40 Meditação e fecho.

2º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados.
20.40 Vária.
21.00 Filme de série «Nanny e o Professor».
21.30 Telejornal 3ª edição.
22.00 Museu de Cinema
23.40 Fecho.

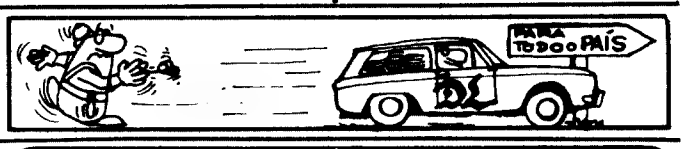
AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal 1ª edição
14.00 Dó Lá Si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Universidade na TV
15.35 TV Educativa
16.00 Skippy
16.55 Barreira de Sombra
17.30 Natação II Torneio da Cidade do Porto
18.45 :::E a vida continua
19.00 Presença no Brasil
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Em foco
20.15 Dimensão
21.05 Se bem me lembro
21.30 Telejornal 3ª edição
22.05 Os caminhos de Noelle
22.35 Estudio C
23.30 Telejornal
23.40 Meditação e fecho

2º Programa

20.30 Desenhos animados
20.40 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 Século XXI
22.30 Dr. Marcus Welby
23.30 Fecho.



urgência

Emergencia	115	Judiciaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo excepto na faixa costeira para Norte da Serra de Sintra onde estava muito nublado e havia nevoeiros; o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H.

PORTO	13º
P. DOURADAS	19º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	17º
FARO	23º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

F. DE CASTELO RODRIGO
Máxima 34º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 10º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,4º
Atmosfera	18,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.40	3,2 m	7.21	1,3 m
14.05	3,4 m	19.48	1,3 m

Dia 24

2.28	3,3 m	8.02	1,2 m
14.49	3,5 m	20.28	1,2 m

Dia 25

3.12	3,3 m	8.40	1,2 m
15.30	3,6 m	21.07	1. [illegible]

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo excepto na faixa costeira para Norte da Serra de Sintra onde durante a madrugada e principio da manhã se deve apresentar muito nublado ou com nevoeiro; vento fraco ou moderado de Noroeste.

AMANHÃ

Nascer às 6.13
Ocaso às 21.06

Dia 26 — Dia 4 — Dia 10 — Dia 16

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiario
16.05 Melodias de cinema
18.05 Ao encontro da melodia, com a orquestra Robert Farnon
18.30 Forças armadas — Programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 O guitarrista Laurindo Almeida
20.30 7.º episódio do folhetim «O fantasma da casa Lamprecht»
20.50 Solos de orgão
21.00 Momento 72
21.30 Língua portuguesa, pelo Dr Ribeiro dos Santos
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 Musica da Europa
23.05 De um dia para outro, por Fernando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

2.º Programa

16.00 Ciclo do barroco italiano
16.45 Música de vanguarda
17.02 Música de tecla
17.30 O compositor do mês: Schubert
19.00 Música e musicos portugueses, por Nuno Barreiros
20.00 Diário sonoro
20.20 O violinista David Oistrakh
20.30 O côro pro-música antiqua dirigido por Safford Cape
21.00 Concerto sinfónico
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

Emissão estereofónica — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
22.57 Arias de Mozart para soprano
23.25 Concerto op.36, para violino e orquestra, de Schonberg
23.55 Dois concertos brandeburgueses, de Bach
00.25 Música sinfónica
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

16.04 Programa C.D.C.
18.00 Programa Movimento
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.18 Tempo de fado
23.30 PBX
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gó-gó
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Agrupamentos vocais
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página I
21.00 Meditando
21.03 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Só música
23.00 A 23ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
Das 06.00 às 10.00 e 14.30 às 17.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 10.00 às 12.00 e 19.30 às 22.00

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

Das 12.00 às 14.30

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 17.00 às 19.30 e 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — **Lopes Ribeiro**, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (Tel. 637777).

ALFAMA — **Arnali**, R. das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940).

ALVALADE — **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682); **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070); **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (Tel. 710131); **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465); **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803).

AREEIRO — **Vera Cruz**, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (Tel. 724941); **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848).

ARROIOS — **Oriental de Lisboa**, R. de Arroios, 215 (Tel. 45079).

AVENIDAS NOVAS — **Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158).

BAIRRO ACTORES — **Nobel**, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel 842152).

BAIRRO ALTO — **Labor**, R Diario de Noticias, 81 (Tel 323428).

BAIRRO AMÉRICA — **Martins**, R. Fernão de Magalhães, 33 (Tel 849448).

BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial**, R. Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172).

BAIXA — **Morão**, Rua da Assunção, 17 (Tel. 321289); **Estácio**, Rossio, 63 (Tel. 327067 - 324224).

BENFICA — **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (Tel. 702532); **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027).

CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304).

CAMPO DE OURIQUE — **Portirio**, Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349); **Ivone**, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760).

CAMPO GRANDE — (Ver Alvalade e Lumiar).

CAMPO PEQUENO — **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776).

CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181).

CONDE REDONDO — **Dávi**, R. Conde de Redondo, 68 (Tel. 54342).

ESTRELA — **Martins**, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823), **Paivas e Parente**, Rua de Santo António, 98 (Tel. 665196).

GRAÇA — **Morão**, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700).

INTENDENTE — **Gois, Lda.**, Rua dos Anjos, 12 12-D (Tel. 840101).

LUMIAR — **S. Tomé**, Estrada do Desvio, 12-C (Tel. 790704); **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942).

MARVILA — **Marvila**, R. Direita de Marvila, 25 (Tel. 38'612).

PICHELEIRA — **Marluz**, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703 - 728395).

RATO — **Soares**, Av. Alvaro Cabral, 1 (Tel. 684282).

REGO — **Prates e Mota**, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728).

RESTELO — **Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (Tel. 610256); **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (na encosta do Restelo) (Tel. 611814).

SALDANHA — (Ver Avenidas Novas).

SANTO AMARO — **Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020).

SANTOS-O-VELHO — **Fontoura de Carvalho**, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075).

S. PAULO — **Central**, Rua de S Paulo, 108 (Tel. 320389)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Sagres**, Av. Luis Bivar, 69 (Tel 47213); **Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (Tel 47385).

XABREGAS — **Romana**, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel 383800)

PENHA DE FRANÇA **Nova Luz**, R Domingos Jordão, 28-A (à Av D Afonso III) (Tel 843439).

OLIVAIS
S. Paulo Rua Jose Campos lote 823 (a Estrada de Moscavide) Olivais Sul (Tel 310711) **Higiene** Rua Cida de Vila Cabral lote 43 (Olivais Sul) (tel 310026)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P.D.João I-Lote 146-B.ºJaneiro (Telef. 932756); **Central** Av.Cardoso Lopes,25 (Telef. 932210); **Igreja** P.da Igreja,22-A (Telef. 937740); **Jardim** Av.Conde de Oeiras,loja X-1-Reboleira (Telef. 938424)

DAMAIA
D.João V Av.Gurgel do Amaral,2-A (Telef. 970461)

VENDA NOVA
Nova R.Elias Garcia,10 (Telef. 972530)

QUELUZ
André Av.Elias Garcia,151 (Telef. 950043); **Queluz** Av.Miguel Bombarda,123-A (Telef. 951841)

CACEM
Central R.Elias Garcia,55 (Telef. 2940034)

MEM MARTINS
Química Est.de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA
Marrazes L.Afonso Albuquerque (Telef. 980058)

COLARES

COLARES
Abreja (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes Av.Comb.G.Guerra,166 (Telef. 213953)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro,1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av Patrão Lopes,4 (Telef 2432039)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro Parque Residencial dr.Augusto de Castro Lote 10 (Telef 2430691)

PAREDE
Grincho Av.da Republica,87 (Telef. 2471204)

S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro (Telef. 263052)

ESTORIL
Parque Arcadas do Parque,3 (Telef 260191)

CASCAIS
Cordeiro Av.Comb.G Guerra,40 (Telef 280170); **Nova** Est.de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L.António dos Santos Jorge,15 (Telef 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão R.Cândido dos Reis 320 (Telef 224020)

ALMADA
Magalhães R.Capitão Leitão,8-A (Telef 270242)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est Nacional,174 (Telef 224302)

BARREIRO
Higiénica R.D.Manuel I, 178 (Telef. 2273017)

COVA DA PIEDADE
Império R Cabo da Boa Esperança,31-A (Telef 274356)

MOITA
Silva Rocha P.da República,16 (Telef 239029)

MONTIJO
Higiene R.José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)

SESIMBRA
Leão Av.Salazar (Telef 229471)

SETUBAL
Soromenho P Machado Santos (Telef. 22691); **Alice** P do Quebedo (Telef 23743)

SEIXAL
Soromenho R.Paiva Coelho,38 (Telef. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327; **Pereiró (de)** Rua da Preciosa, 35; **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636; **Saúde**, Av. Comb. G. Guerra, 689; **Vaz Teixeira, Sucra.** Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima**, Av. da Boavista, 855; **Marques de Mendonça**, Rua do Ameal, 251; **Monte Cativo**, Rua do Monte Cativo, 444; **São Jerónimo**, Rua Santos Pousada, 622

COIMBRA

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (tel. 23033); **Figueiredo**, Rua da Sofia, 107 - 109 (tel. 22837), **Correia**, Rua Visconde da Luz, 46 (tel. 22834).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15
(Grupo B-10 anos)
«LE MANS»
21.30
«ÁLAMO»
com John Wayne e Richard Widmark

SATÉLITE (Tel 562632)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
9.ª Semana
«A REGRA DO JOGO»
Uma obra-prima de Jean Renoir

ODEON (Tel 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
19.ª Semana de êxito «NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

MUNDIAL (Tel 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D (18 anos)
«A SOLUÇÃO FINAL»
História de uma vítima acertadamente escolhida com Tomas Milian e Kata Christina

LONDRES (Tel 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«MELODY»
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
CINEMA - SNACK BAR PUB THE FLAG
(Faça 3 coisas num sítio só)

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 18 anos)
«AS CRUÉIS» com Capucine e Judy Matheson e «O SAMBA DA MORTE»

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA» com Gene Hackman e Roy Scheider e «UM PERIGO CHAMADO CAPRICHO»

POLITEAMA (Tel. 316305)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D-18 anos
«DIREITO DE VINGANÇA». Nem paixões das mulheres nem ódio dos homens o desviaram do seu fim com Klaus Kinski e Alan Collins. Às 0.30 (Grupo D - 18 anos) «A VELHA CASA SOMBRIA»

AVIZ (Tel 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo B- 10 anos)
22.ª Semana «TRINITÁ» (Cow-boy insolente) com Buel Spencer e Terence Hill

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30
(Grupo A - 6 anos)
«LE MANS» com Steve McQueen a 300 km.

ESTÚDIO (Tel 555104/5
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
O filme de Jean Luc Godard MADE IN U.S.A. com Anna Karina e Jean Pierre Leaud

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos
6.ª Semana. «O AMANTE» com Bibi Anderssen e Elliot Gould num filme de Ingmar Bergman.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
IX Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa «BELÍSSIMA» de Visconti e «GERTRUDE» com Ana Magnani

IMPÉRIO (Tel 555134/5)
15.15 - 21.30
(Grupo B 10 anos)
«OS AZARES DE UM HOMEM DE SARTE» conheça a receita francesa para ganhar concursos de televisão um filme de Pierre Richard.
18.30
(Grupo B - 10 anos)
«POR QUEM OS SINOS DOBRAM»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00-21.00
(Grupo D 18 anos)
«MORRER DE AMAR» com Annie Girardot e Bruno Pradal e «7 HOMENS E UMA MULHER»

ESTÚDIO 444 (Tel. 655134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«O PREÇO DA FOME» uma sátira humana.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos
Charles Bronson, Anthony Perkins e Jill Ireland «DÍVIDA DE ÓDIO»-90 minutos de constante angústia.

CONDES (Tel. 322523)
(Grupo D - 18 anos)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
«A CONDESSA DRACULA»
Uma realização de Peter Sasdy com Ingrid Pitt, Niger Green e Sander Eles

CASINO ESTORIL
17.00 1 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O GATO»

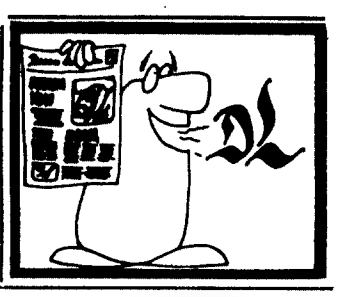
EDEN (Tel. 320768)
15.00-21.30
IX Festival da Casa da Imprensa
(Grupo D-18 anos)
«GERTRUDE» de Carl Dreyer e «BELÍSSIMA» com Ana Magnani

S. JORGE (Tel. 54153/4
15 e 21.30
3.ª Semana
(Grupo C-14 anos)
«DA TERRA NASCEM OS HOMENS» com Gregory Peck e Charlton Heston
18.30
Grupo D 18 anos
«A MULHER E O AMOR»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D 18 anos) 2.ª Semana «Reg Verney, Dario Hare e Stephen Lewis «CURVAS NA ZONA um filme permanente gargalhada uma comédia colorida onde a malandrice anda à solta

APOLO 70 (Tel 763319)
14.30 16.45 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«PEDRO SÓ» um filme de Alfredo Tropa premiado no Festival de Valladolid 1972
24 h. Grupo D-18 anos
«CHICAGO CHICAGO»

ROMA (Tel. 727778)
15.15 e 21.15
(Grupo B-10 anos)
«HELLO DOLLY» com Barbara Streisando e Walter Matthau»



outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Deseja-se mulher»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a desp r.

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«A outra morte de Inês».

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Um inimigo do povo»

TRINDADE
21.15 - 14 anos
«Vingança de Cigano»

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Agência de Vigarices»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Shaft»

CINEARTE
«Encruzilhada de sentimentos»

MAYER
21.00 (17 anos)
«Os Estrangeiros»

OLYMPIA
21.00 (18 anos)
«O grande mestre do crime» e «Navajo Joe»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Shaft»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.30 (18 anos)
«O Gato»

ESTORIL
Esplanada
21.30 (14 anos)
«O Exercito na sombra»

ESTORIL
Palácio
21.30 (17 anos)
«Assassino de encomenda»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Doc» Vento do Oeste»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Detective»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«A marca do vingador»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Hércules contra os mongóis»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Destinos opostos»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

GIL VICENTE
21.30 ç918 anos)
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

AVENIDA
21.30 (14 anos)
«Guerra de Malucos»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Judith»

ESCRITÓRIOS ALUGAM-SE

Qualquer ramo — consultórios e tudo que se relacione com comércio, com 2 e 3 casas assoalhadas com 40 e 70 metros quadrados — zonas de serviços, etc. Somos os próprios — mostra o porteiro.

RUA RODRIGO DA FONSECA, 9 — LISBOA

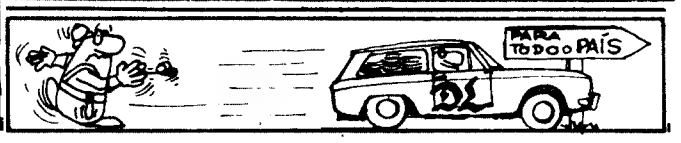
ÚLCERAS

DO ESTÔMAGO E DO DUODENO

DE-NOL

Sem dieta — Sem alcalinos — Sem repouso obrigatório
Sem abandono da vida profissional

PEDIDO DE LITERATURA:
PESTANA & FERNANDES, LDA.
R. da Prata, 153-2.º, Lisboa—R. do Almada, 82-2.º F., Porto



BARS BOITES

restaurantes típicos

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

FRAGATA REAL — Elenco: Deolinda Rodrigues e Arminda da Conceição em Fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra. Acompanhamentos à guitarra e viola por António Parreira e Francisco Gonçalves. **Trav. de S. Miguel, N.º 22, Alfama. Telef. 868552**

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luís Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 320307.**

FORCADO
Elenco. Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins, Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira Ar condicionado Rua da Rosa 221 - Telefone: 368579

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes Os Arautos. Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.as feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio Encerra às 3.as feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TAMILA Marão e s/conjunto .Matinées- todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 46364.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio. Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2,º E-4.º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

VEJA OS NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR E FRIGORÍFICOS

CASTOR

QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA

5 NOVOS MODELOS DE MAQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORIFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
RAFAEL BURGUETE, LDA
Lisboa - Porto

as suas férias 72

CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47-A-Tel. 560171

VIAGENS ACOMPANHADAS

AUTOCARRO: (Lisboa a Lisboa) tudo incluído		
Lourdes, Andorra, Madrid..	9 dias	3.950$
Lourdes, Andorra, Barcelona, Valência, Madrid	12 »	4.950$
França, Bélgica, Holanda, Vale do Reno, Suíça, Andorra	20 »	9.950$
Suíça, Austria, Itália	24 »	12.500$
AVIÃO:		
Charters a Londres	8 dias	[illegible].350$
Escócia	8 »	5.590$
(*) Terceira e S. Miguel (P. completa)	7 »	6.600$
Europa Oriental	15 »	8.735$
(Avião + hotel + Refeições + Visitas)		
Capitais Europeias	11 »	10.250$
Escandinávia ..	14 »	17.660$
Pérsia, Egipto, Grécia	13 »	20.950$

(*) Descontos a familiares

BARCO:

Vários Cruzeiros — Europa e Américas

Também temos viagens individuais

CONSULTE-NOS

as viagens da EUROPEIA

LONDRES
UMA SEMANA
3.350$00

PARTIDAS SEMANAIS EM JULHO/AGOSTO E SETEMBRO

«VIAGENS APOLO»

Europeia

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por D.Laura da Costa Massano, R.Artur F. da Silva, 9-A__MOSCAVIDE-Lisboa, 6

A VIAGEM DO ANO!

«CRUZEIRO DA AMIZADE» AO BRASIL

UMA VIAGEM COM RECEPÇÕES E FESTIVIDADES OFICIAIS EM HONRA DOS PARTICIPANTES

DE 21 DE AGOSTO A 18 DE SETEMBRO
A bordo do n/t «INFANTE D. HENRIQUE» da C. C. N.
ESPECIALMENTE FRETADO PELA CATUR

29 DIAS

FUNCHAL ★ RECIFE ★ SALVADOR (Baía) ★ RIO DE JANEIRO (8 dias — o navio funciona como hotel) ★ S. VICENTE ★ LAS PALMAS

e ainda

SÃO PAULO — SANTOS — BRASÍLIA
BELO HORIZONTE — BUENOS AIRES

(ESGOTADAS VÁRIAS CATEGORIAS)

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

Agência de Viagens
CATUR
LARGO DA BIBLIOTECA PÚBLICA 17
telef 36 79 74 (6 linhas) ★ LISBOA

★ LONGAS PERMANÊNCIAS NOS PORTOS
★ SEM FORMALIDADES CONSULARES

DURANTE A VIAGEM, TRANSMISSÃO DIRECTA DOS JOGOS OLÍMPICOS PELA TV.

DL /ULTIMAS

NOVOS CORPOS GERENTES DO GRÉMIO NACIONAL DOS BANCOS E CASAS BANCÁRIAS

Tomou posse do cargo de Presidente do Concelho Geral do Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias, para o triénio de 1972-1974, o Sr. Dr. António Júlio de Castro Fernandes, em representação do Banco Nacional Ultramarino.

Seguidamente o Sr. Dr. António Júlio de Castro Fernandes, na sua qualidade de Presidente do Conselho Geral e da Assembleia Geral, empossou os restantes membros dos Corpos Directivos do Grémio, para o triénio de 1972-1974.

Assim tomaram posse o Vice-Presidente do mesmo Conselho, Sr. Conde de Paço d'Arcos, em representação do Banco de Angola, os vogais do Conselho Geral, srs. dr. Manuel Artur Cotta Agostinho Dias, em representação do Banco de Fomento Nacional, dr. Joaquim Manuel Manso de Mendonça, em representação do Crédito Predial Português, António Lopes Chaves Júnior, em representação do Banco Fernandes Magalhães, dr. Abel Pinto Repolho Correia, em representação do Banco Fonsecas e Burnay, prof. Doutor João Ruiz de Almeida Garrett, em representação do Banco Intercontinental Português, dr. Tito Francisco Sanches, em representação do Banco Pinto de Magalhães e Francisco Abecassis da Costa Lobo, em representação de Pancada, Morais e C.ª e os vogais da Direcção, srs. Manuel da Cruz Filipe, em representação do Banco da Agricultura, dr. Miguel Gentil Quina, em representação do Banco Borges e Irmão, dr. Manuel Ribeiro Espírito Santod Silva, em representação do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, eng.º João Carlos Sobral Meirelles, em representação do Banco Português do Atlântico e dr. João António Simões de Almeida, em representação do Banco Totta e Açores.

Logo após esta posse e sob a presidência do sr. dr. António Júlio de Castro Fernandes, reuniram os vogais da direcção, para deliberar sobre a distribuição dos respectivos cargos.

Tendo sido escolhido para Presidente o Banco Português do Atlântico, para secretário, com funções de Vice-Presidente o Banco Totta e Açores e para Tesoureiro o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

VICE-PRESIDENTE DE CÂMARA VAI A TRIBUNAL

Uma portaria do Ministério do Interior autoriza que seja demandado criminalmente Ápio Poseiro, vice-presidente da Câmara Municipal do Bombarral, no processo que contra ele pende no Tribunal Judicial da comarca das Caldas da Rainha.

Outra portaria do mesmo departamento exonera do seu cargo o vice-presidente da Câmara Municipal de Olhão, José Mateus Mendes.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo Domingo nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º — Sector — **Concelho de Lisboa:** Trav.ª das Almas, de 4 a 32, Trav.ª do Possolo, de 2 a 32 e 21 a 29. (Das 8 ás 12 horas).

4.º Sector — **Estrada da Buraca. (das 8 ás 12 horas).**

4.º e 7.º — Sector — Rua Rodrigo da Fonseca de 31 a 83-D e 22 a 76, Rua Braamcamp 82, Rua Venceslau de Morais 2 a 2-A (Das 8 às 12 horas). 5.º — Sector — Rua Anchieta de 1 a 31. (Das 8 às 12 horas).

5.º — Sector — Jardim 9 de Abril de 18 a 20 e 1 a 5, Av.ª 24 de Julho 96-B a 118, Rocha Conde de Obidos 6, Pátio do Gomes Pereira (todo). (Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Av.ª da Liberdade de 223 a 239. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Av.ª Mouzinho de Albuquerque (toda). (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Estrada da Torre de 19 a 89 e 94 a 128, Rua Particular (toda), Az.ª da Cidade (toda). (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Est.ª de Manique e Quinta da Vinha Galega à Charneca do Lumiar. (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Campo das Amoreira à Charneca, Quinta do Louro (parte) e alimentação para a C. M. de Loures. (Das 8 às 12 horas).

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras: OEIRAS:** Rua da Figueirinha, Bairro Residencial Dr. Augusto de Castro. (Das 8 às 12 horas).

2.ª — Zona — **BURACA:** (toda). (Das 8 às 12 horas).

3.ª — Zona — **CAXIAS-LAVEIRAS:** Av.ª António Florêncio dos Santos, Av.ª Conselheiro Ferreira Lobo, Rua de S. Bruno, Rua de Damão, Cartuxa e imediações. (Das 8 às 14 horas).

4.ª — Zona — **PAÇO DE ARCOS:** Av.ª Patrão Joaquim Lopes, Bairro da Quinta do Meirelles e imediações. (Das 8 às 14 horas).

5.ª — Zona — **Concelho de Sintra: LOPAS-CACÉM:** Lopas, Grajal, Quinta dos Borges, Rua Domingos de Paiva, Rua Luís Sambo, Rua General Norton de Matos e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª — Zona — **ALGUEIRÃO VELHO:** (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — **ALGUEIRÃO:** Rua de Santo António, Rua do Moinho, Est.ª do Algueirão, Rua da Serra de Baixo, Rua Eng.º Gomes da Silva, Rua das Mercês, Rua da Tapada, Rua dos Morés e imediações. (Das 8 às 14 horas).

8.ª — Zona — **MEM MARTINS:** Rua de Cima de Fanares. Rua da Estação, Rua das Hortas de Fanares, Praceta de Diu Praceta de Damão, Praceta de Goa, Rua de Fanares, Rua da Azenha, Trav.ª de Fanares, Est.ª de Mem Martins, L.º da Estação, Av.ª Chaby Pinheiro, Rua da Madre Silva e imediações. (Das 8 às 14 horas).

9.ª — Zona — **Concelho de Mafra: MAFRA:** Rua Dr. Mário Madeira, Rua de Olivença e imediações. (Das 6 às 15 horas).

10.ª — Zona — **FONTE BOA DOS NABOS:** S.tº Isidoro e Ribamar. (Das 7 às 15).

11.ª — Zona — Sobral da Abelheira, Picanceira de Baixo Encarnação, Rodo, Barril. (Das 6 às 15 horas).

12.ª — Zona — **Concelho de Cascais:** Trajouce e Casal do Clérigo. (Das 8 às 14 horas).

13.ª — Zona — **ABUXARDA:** Estrada da Cruz da Pôpa à Abuxarda e imediações, (Das 8 às 14 horas).

14.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca: VILA FRANCA:** Estrada da Arruda, Bairro Santa Sofia. (Das 8 às 14 horas).

15.ª — Zona — **POVOA DE SANTA IRIA:** Rua dos Marinheiros, Rua Afonso de Albuquerque, Largo da Estação. (Das 8 às 14 horas).

16.ª — Zona — Toda a rede de B. T. de Vialonga. (Das 8 às 14 horas).

17.ª — Zona — **ALHANDRA:** Rua Major José Joaquim Paiva, Rua 5 de Outubro, Rua Duque da Terceira, Rua Maria Gomes, Rua 1.º de Dezembro, Largo 14 de Outubro e imediações. (Das 8 às 14 horas).

18.ª — Zona — **VILA FRANCA:** Rua João de Deus, Rua Manuel Afonso Carvalho e imediações. (Das 8 às 14 horas).

Fusão de Companhias de Navegação

Os accionistas da Empresa Insulana de Navegação e da Companhia de Navegação Carregadores Açoreanos reunem em conjunto no próximo dia 28 de Julho, pelas 10 e 30, para deliberarem em conjunto sobre a fusão das duas empresa, por incorporação dos Carregadores na Insulana.

Problemas do inquilinato discutidos no Barreiro

Um colóquio sobre os problemas do inquilinato decorrerá amanhã às 21 e 30 no Barreiro, por iniciativa da secção barreirense da Associação dos Inquilinos Lisbonenses. O colóqio será orientado por Emídio Santana e efectuar-se-á na sede da Cooperativa Operária Barreirense «Os Corticeiros», situada na rua dr. Eusébio Leão, n.º 11, 1.º.

Volta ao écran do
HOJE às 21,30 MONUMENTAL

um dos mais espectaculares e grandiosos filmes de sempre!

ALAMO

JOHN WAYNE RICHARD WIDMARK LAURENCE HARVEY
RICHARD BOONE FRANKIE AVALON
PATRICK WAYNE · LINDA CRISTAL · JOAN O'BRIEN · CHILL WILLS
TECHNICOLOR® UNITED ARTISTS

30 ANOS

GRUPO B • 10 ANOS

mesa redonda

O NOSSO PAÍS E A PLANIFICAÇÃO DA SEGURANÇA SOCIAL

A planificação da segurança social, englobada no quadro da planificação social e económica, pode ser citada como exemplo de um assunto que constitui objecto de trabalhos de investigação, reuniões especiais e publicações.

A procura sobre a contribuição que a sociologia poderia trazer ao estudo da segurança social levou a AISS (Associação Internacional de Segurança Social) a favorecer a colaboração entre sociólogos e os administradores da segurança social. Dentro desta ideia a AIS organizou duas reuniões sobre a sociologia da segurança social, uma em Evian em 1966 e outras em Varna (Bulgária), em 1970, por ocasião do VI e VIICongreso Mundial da Sociologia. Foi na reuião de 1970 que se abordou um assunto que preocupa todas as administrações da segurança social: a planificação da segurança social na sociedade moderna.

A AISS prossegue activamente o estudo deste assunto e, para o efeito, convocou em Genebra, no dia 1 de Março de 1972, uma reunião do comité preparatório do grupo de peritos sobre a planificação da segurança social. O Comité propôs que o grupo de peritos se reunisse em Bruxelas nos dias 19 e 20 de Outubro de 1972. Foram convidados a participar na reunião peritos de 13 países do Oeste e Este da Europa (1), bem como os Estados Unidos ainda representantes do BIT, Nações Unidas e da Comunidade Económica Europeia.

Os cinco países constituintes do Comité preparatório (República Federal da Alemanha, Bélgica, França, Itália e União Soviética), bem como Portugal, foram convidados para preparar monografias nacionais segundo um esquema tipo versando os diversos aspectos de planificação da segurança social, em ligação com a planificação nacional nos domínios económicos e social.

Em contrapartida, os outros países que estarão representados na reunião, poderão pronunciar-se sobre os probemas da planificação nos seus respectivos países.

As comunicações apresentadas na reunião bem como um resumo dos debates efectuados, serão publicados pela AISS na série «**Estudos e Investigações**».

Se bem que esta reunião se dirija sobretudo aos países europeus, a AISS, não perdeu todavia de vista o interesse que têm os países em via de desenvolvimento quanto à planificação da segurança social, pois que também está pergunta figura na ordem do dia da IV Conferência Regional Africana da AISS, que se realizou em Libreville (Gabon) de 2 a 12 de Fevereiro de 1972

(1) - República federal da Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, França, Hungria, Itália, Holanda, Portugal, Reino Unido, Suécia e U.R.S.S..

REVISÃO DAS RENDAS EM LISBOA E PORTO

O problema da revisão das rendas de casa nos concelhos de Lisboa e Porto está posto desde que, em fins de Abril deste ano, dois deputados — Alberto Meireles e Linhares Furtado — conseguiram ver aceite pela Comissão Política e Administrativa Geral e Local da Assembleia Nacional um projecto de lei nesse sentido. O referido projecto de lei, pelas consequências que pode representar e incidencias de toda a ordem, constitui matéria destinada a larga discussão e debate.

O projecto de diploma baixou à Câmara Corporativa para o indispensável parecer, mas só será apreciado pela Assembleia na próxima sessão legislativa, que começa a 15 de Novembro. Dado, porém, o interesse do assunto, procuraremos debaté-lo, na medida do possível, nestas colunas.

«Mesa Redonda»/ insere/hoje um artigo do maior interesse da autoria do dr. Roque Laia, escrito logo que se anunciou a existência de tal projecto de lei, mas que só hoje nos é possível publicar.

Como escrevi neste jornal, em recente artigo, «os senhorios sentem-se cada vez mais sólida e seguramente seguros na situação ultraprivilegiada que o seu grupo alcançou entre a classe possidente, na qual disfrutam posições políticas, económicas, sociais e de decisão que lhes permitem uma defesa segura e contínua dessa sua privilegiada situação.»

E também como aí escrevi os senhorios tudo fazem para que se não fixem as bases do Direito à Habitação - e inventam e fabricam pretextos de «inquilinato», a fim de manter os arrendatários pressionados, atidos ao imediato, envolvidos num permanente conflito, forçados a defenderem, dia a dia, o seu lar, evitando, assim que exijam o que lhes compete, reclamem aquilo a que têm direito».

A referida notícia da Imprensa matutina plenamente justifica essas minhas afirmações; mostram a sua pertinência e a sua oportunidade.

Desde logo de lamentar é que esta nova ameaça contra as famílias arrendatárias parta dum dos que se dizem «mandatários do povo». Se essa é a sua convicção de lamentar é que pense em «aumentos» nesta hora grave em que os orçamentos familiares de baixas e escassas receitas se encontram submetidos a uma avassaladora alta de preços, à acção especuladora e parasitária duma legião de intermediários.

LEGALIZAR A ESPECULAÇÃO

Declara-se o Governo empenhado em contrariar e combater essa alta de preços e toda a especulação. Então legítimo é que o «povo» pergunte aos que se arrogam a qualidade de seus representantes: - é combater a especulação, é combater o injustificado e ilegítimo aumento de preços, o preconizar o aumento do preço das rendas das habitações?

Porque (não tenhamos ilusões, nem nos quedemos cúmplices perante eufemismos e disfarces), ao pretender-se a «revisão» das rendas nas cidades de Lisboa e Porto, o que se pretende é dar foros de legalidade à especulação que - livre e desaforadamente campeia no mercado do arrendamento, procurando (pela eliminação das rendas de preço mais baixo) diminuir a gritante diferença existente entre elas e os novos preços que a imoralidade e a especulação estão fixando para as novas rendas.

Artigo de M. ROQUE LAIA

Revisão implicaria, também o abaixamento do preço das rendas altas. Mas que ela é sinónimo de **aumento** logo se colhe da referida notícia da Imprensa, quando nesta se lê também: — «Segundo julgamos saber, esse projecto servirá para que as re-

Continua na pág. trez

DA IDADE DA PEDRA À IDADE DO TIJOLO

Para os antropólogos, a população dani do Irião ocidental — parte indidonésia da Nova Guiné — desde há muito tempo que oferece o exemplo perfeito de uma «sociedade fechada» — diz um dos últimos boletins «Bit-information», da O.I.T..

E no Grande Vale cavado pelo rio Baliem, no coração das montanhas impenetráveis do centro da ilha, que vivem, quase totalmente cortados do mundo exterior, os 80 000 danis. Formam uma sociedade da idade da pedra fortemente estruturada, com o seu próprio sistema político, as suas leis e o seu comércio à base da troca. Agricultores ou criadores de porcos, os danis bastam-se a si próprios na maioria das necessidades da vida: alimentos, ferramentas, armas, vestuário e habitação.

A existência do Grande Vale foi assinalada pela primeira vez em 1938 pelo explorador americano Richard Archbold, após ter sobrevoado as altas terras, de avião. Só em 1954 pessoas vindas do exterior — misionários — se iriam fixar no Vale que continua a ser acessível sòmente por via aérea.

Lenta mas inexoràvelmente, o progresso instala-se no Vale. Conselheiros enviados pelas autoridades, missionários, peritos do Fundo das Nações Unidas para o desenvolvimento do Irão ocidental (FUNDWI) trabalham juntos para elevar o nível de vida dos Danis, sem desrespeitarem as suas estruturas sociais.

Foi criada uma cooperativa para melhorar e diversificar as culturas e o comércio; metade das receits provenientes das vendas é afectada a uma acção social. Em 1969, a cooperativa iniciou em Pikhe a primeira pequena empresa industrial de Vale: uma fábrica de tijolos. Um perito dinamarquês da OIT, Jorgen Peterson, que ajuda o FUNWI a pôr de pé pequenas indústrias racionalmente organizadas, pode tirar partido dos seus conhecimentos em cerâmica para aconselhar a tijoleira. Sob a sua direcção, os trabalhadores aprenderam a construir e a fazer funcionar um forno e a servir-se de uma pasta de tijolo da sua concepção.

Outro perito da OIT, o americano Elmer Cardon, encarregado de organizar a formação profissional no quadro de um projecto do FUNDWI, faz viagens regulares pelo Vale, controlando o bom andamento de um curso de formação sobre a construção de casas de tijolo.

JOGADORES DE FUTEBOL

Quem são? Donde vêm? Que habilitações possuem?

LER NAS PÁGINAS CENTRAIS

O jogador de futebol tem medo de quem se aproxima do seu mundo e não lhe fala em golos...

assim vai o mundo

MÉDIO ORIENTE — Esta imagem da «Guerra dos Seis Dias», em que se vê um soldado de Israel conduzindo um prisioneiro árabe, recorda uma situação explosiva e aparentemente insolúvel. No Mepdio Oriente, árabes e israelitas continuam, efectivamente, a viver um período de tensão e de paz instável. Aquela zona do Mundo continua a atraír as atenções (e preocupações) gerais

PETRÓLEO

O xá do Irão, numa entrevista ao «Daily Express», dissocia-se completamente da política petrolífera do Iraque. «Acredito numa autêntica cooperação com as sociedades petrolíferas estrangeiras», declarou o xá, considerando que a importância estratégica do seu país para o ocidente se tem acentuado nos últimos anos, perante a penetração soviética nos países árabes e devido à retirada dos ingleses do Golfo Pérsico.

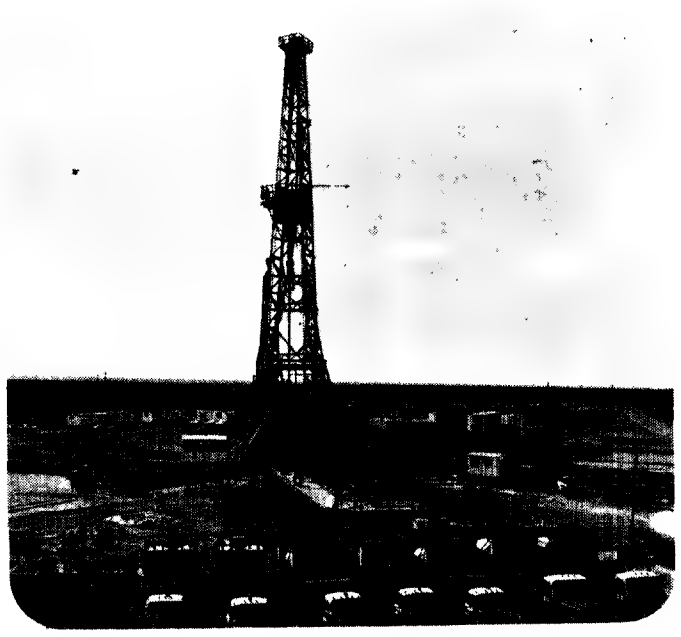
«A penetração militar soviética nos países árabes representa uma ameaça potencial para os abastecimentos de petróleo do ocidente — diz o xá. Podereis sofrer, econòmicamente, uma derrota, sem que seja disparado um único tiro, se as torneiras do petróleo ficarem fechadas.» «É uma coisa que o Irão nunca fez e que nunca ninguém poderá levar-nos a fazer», afirma o soberano persa, acrescentando que o seu país lutará, «se for preciso, para manter a livre circulação marítima no Golfo e repelir qualquer agressão ou subversão, venha donde vier.»

PESTICIDAS

Os Estados Unidos proibiram quase totalmente a utilização do DDT, considerando que os benefícios tirados pela agricultura dos pesticidas activos durante muito tempo são inferiores ao mal potencial causado ao meio ambiente.

William Ruckelshous, administrador da Agência de Protecção ao Meio Ambiente (E.P.A.), anunciou que tomara esta decisão. No entanto, a proibição só entra em vigor no dia 31 de Dezembro, a fim de, que os lavradores tenham tempo de aprender métodos seguros para a aplicação de outros pesticidas que não são tóxicos durante tanto tempo como o DDT.

Samuel Rotrosen, presidente da única companhia que fabrica DDT nos Estados Unidos, anunciou que tinha sido apresentado um recurso contra esta decisão, no tribunal de Nova Orleães. Por seu lado, o Fundo de Defesa do Meio Ambiente apresentou também um apelo ao Tribunal Federal de Weshington, para tornar a interdição imediata e total.



MISSIONÁRIOS

Três missionários suíços que no dia 12 de Abril participaram numa manifestação operária em Port Victoria (ilhas Seicelles), foram acusados de ingerência política no país. Os três missionários tinham pretendido exprimir a sua solidariedade com os trabalhadores.

O bispo de Port Victoria, durante uma missa solene na catedral, solidarizou-se com os missionários e recordou a doutrina da Igreja sobre a justiça social.

As Seicelles são uma colónia britânica, composta por cerca de 90 ilhas e ilhotas, com uma superfície global de 376 km2 e 51.000 habitantes, dos quais 47.000 católicos, a maior parte crioulos franceses, com minoria de negros, indianos e melanesianos. A capital, Port Victoria, está situada na ilha de Manhé. A diocese está confiada aos Capuchinhos da província monástica suíça.

DISCRIMINAÇÃO

Um grupo de empregadas da revista americana «Reader's Digest», apresentou uma queixa à comissão que fiscaliza a igualdade nas oportunidades de emprego, acusando a revista de fazer discriminação contra as mulheres. A queixa, apresentada em nome de dezoito funcionárias pela redactora Patrícia Tarnawsky, diz que muitas mulheres trabalham em condições medievais.

Patrícia declarou aos jornalistas que, embora 70 por cento dos 3500 empregados da revista, nos escritório de Nova Iorque, sejam mulheres, apenas quatro desempenham funções de responsabilidade e, dessas, três foram nomeadas este ano. A jovem redactora acrescentou que ela própria ganhava menos de metade do salário pago a um homem para fazer o mesmo trabalho.

Nas secções de arquivo e recolha de elementos o trabalho é todo feito por mulheres e a companhia geralmente contrata raparigas sem experiência a quem paga salários baixos. Nas secções reservadas a homens, tais como a da Imprensa contratam redactores experientes, a quem pagam bem. As mulheres mesmo quando conseguem ser transferidas para secções «Integradas», nunca conseguem atingir o mesmo nível de salários, por causa do seu ponto de partida inferior.

As piores condições, porém, verificam-se na secção onde é aberto o correio com os cheques. Ali, as mulheres estão fechadas à chave, em compartimentos vigiados por câmaras de televisão, e têm de pedir autorização para falar ou para ir aos lavabos.

TRÁFEGO AÉREO

Embora o número de passageiros e a quantidade de cargas transportadas durante 1971 pelas linhas aéreas mundiais tivessem atingido cifras superiores às verificadas em anos anteriores, o ritmo de expansão anual desta actividade foi o mais baixo verificado até agora, segundo revela um exame preliminar efectuado pela Organização da Aviação Internacional, com base nas estimativas do tráfego aéreo correspondente às linhas regulares dos 122 países membros que a integram.

O exame estima que em 1971 as linhas aéreas transportaram mais 400 milhões de passageiros nos seus voos regulares, volume que supera sòmente em 5 por cento o tráfego de passageiros correspondente a 1970. Quanto ao tráfego de cargas aumentou apenas 4 por cento, em comparação com percentagens que durante os anos da década de sessenta oscilaram entre 12 e 28 por cento. No que concerne ao correio aéreo transportado, verificou-se uma diminuição de 8 por cento em relação ao ano anterior.

Esclareça-se que esta estimativa preliminar, apresentada pela Organização da Aviação Internacional, não engloba os dados relativos à República Popular da China e limita-se a incluir as estatísticas do tráfego regular da URSS, que representam sòmente uma pequena parcela dos totais atingidos por norma naquele país.

assim vamos nós

ROMANCE-DOCUMENTO

Pode um romance constituir um documento da realidade portuguesa? Eis o que Faure da Rosa nos disse do seu livro «Massacre», recentemente editado:

— A realidade frenética dos anos 60. Sugerida, a inquietude, o desespero dos anos 40. A posição das pessoas. Das pessoas, não só dos personagens principais. A pequena e a alta burguesia. As mordaças. A análise e conforto de uma e outra geração, da posição que tomam, do que as aproxima e as distancia, afinidades e oposições, comportamentos e éticas contraditórias, o amor, o sexo, o quotidiano, o compromisso. A velha cidade onde tudo parece adormecido, cheia de aparências calmas e falaciosas. Dum lado, o heroísmo e a pertinácia duma luta prolongada, talvez comedida; do outro ambos frustres? — a impiedade da violência extrema, sem limites, que se opõe a violências extremas e sem limites. No fundo, as pessoas interrogam-se e não obtem resposta. Perdem-se ou devastam-se mutuamente, flutuam ou integram-se na velha cidade que já não lhes pertence. E a esperança dos desesperados, a esperança nisto ou naquilo, num não-saber-em-quê que um dia lhes dará a posse da cidade — a posse da vida.

Foi esta realidade que, ambiciosamente, pretendi transpor para o livro. Com o prazer que dói e que sempre acompanha o acto de criar, assim fui concebendo e construindo esta história que a vida me contou.

HABITAÇÃO

Dotar cada família residente numa barraca do concelho com casa própria, é tarefa a que o Município de Almada deitou ombros. As instenções periòdicamente tornadas públicas pelos responsáveis, a campanha contra as barracas lançada pelo Boletim Informativo da Câmara, alguns propósitos correctos enunciados pelo presidente e realizações palpáveis já concretizadas, merecem reflexão. Lê-se no último Boletim que até ao fim deste ano devem ficar concluídas mais de 100 fogos, acabando-se de vez com as barracas do «morro de Cacilhas», do «Armeiro Mor» e dos «Caranguejais». E, «se Deus e a vontade dos homens consentir» o ano de 1973 «assistirá à demolição da última barraca do concelho de Almada».

LARANJEIRO

Lêem-se no Boletim Municipal de Almada referências ao que está feito no bairro do Laranjeiro, onde se concentra a maioria das novas habitações construídas para os desalojados das barracas. Vivem já ali alguns milhares de pessoas que foi necessário contemplar com estruturas funcionais para o seu viver do dia-a-dia. «É evidente que a obra ficaria sempre incompleta se não se tivesse o cuidado de prever as necessidades de toda uma população que se iria concentrar em determinado local, necessidades que haveria de satisfazer para que as novas condições de vida acabassem de vez com os problemas que, centrados na insuficiência e incapacidade de habitação, tinham também a sua expressão na total falta dos apoios necessários à vida de cada um de nós».

REALIZAÇÕES

Diz-se também no editorial do Boletim:

«Assim, além das lojas que foram construídas e ocupadas pelo comércio dos mais diversos ramos, ajardinaram-se parques e locais para recreio das crianças, facultou-se a instalação de uma filial da Cooperativa Piedense, conseguiu-se a abertura de uma Delegação do Instituto Materno-Infantil, projectou-se a criação de um Centro de Convívio que consinta aos residentes na zona não só um local de lazer mas ainda, e principalmente, a conquista de um ponto de reunião onde se possam discutir, sensata e ordeiramente, os problemas da comunidade».

EDUCAÇÃO

«Correspondendo ainda à admirável atitude de um grupo de estudantes que resolveram oferecer os seus conhecimentos em aulas dadas a crianças e adultos» — lê-se no Boletim — «vão ser postas à sua disposição as salas necessárias para tão nobre fim. Assim, ao mesmo tempo que se procurou dotar cada um com a casa digna de um viver digno, não se descurou o aspecto de melhorar as condições de sobrevivência, física e moral, dessas populações».

CONTRAPARTIDAS

Entretanto, noticiaram os jornais: a dr.ª Maria Teresa Lobo, subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, visitou com o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e altos funcionários da mesma Instituição, o bairro da Quinta da Curraleira, enorme aglomerado de barracas, bem dentro de Lisboa, onde vivem em condições infra-humanas para cima de duas mil passoas. Pedidos de remedeio para situações de facto: um barracão para educação física no Inverno, instalações que permitam um serviço médico-social um pouco mais eficiente. A Curraleira continua.

Como continuam as barracas de Algés, bem junto do moderníssimo e luxuoso bairro de Miraflores. Há quantos anos foi criada a Fundação Santa Isabel, no âmbito dos acordos de urbanização, destinada a resolver o problema! Que nos conste, a Fundação referida pouco mais fez do que pedir um serviço de vigilância policial permanente. Que aquela gente é perigosa...

O PROBLEMA DA REVISÃO DAS RENDAS DAS HABITAÇÕES DE LISBOA E PORTO

Continuação da primeira pagina

feridas rendas possam ser **aumentadas** em alguns casos».

Claro é que o jornalista como - em consequência - eu próprio podemos estar enganados e, se assim for, a ideia do autor do projecto será precisamente, a contrária: fazer diminuir o preço das rendas.

A ser assim, gostosamente, e em escrito público, eu apresentaria as minhas desculpas e me retrataria da ofensa de ter suposto possível que um senhor deputado - e do Porto - defendesse a ideia de se aumentarem as rendas das habitações nas cidades de Lisboa e Porto...

E bem pode dar-se até o caso de a intenção ser a de alargar o seu projecto visando não só a diminuição do preço das rendas das casas nessas cidades, mas também fazer cessar os endémicos e anti-sociais aumentos quinquenais nas demais localidades do Continente e Ilhas...

Mas, deixemos-nos de jogos de raciocínio!

O problema é demasiadamente grave e trágico para comportar hipóteses que todos nós sabemos serem meras especulações dedutivas;

O problema tem de ser posto clara, francamente, sem tibiezas.

NÃO HÁ RENDAS DESACTUALIZADAS

Esses «alguns casos» em que se pretenderá aumentar o preço das rendas, visam, precisamente, os casos das rendas chamadas «antigas».

E essas são, precisamente, as rendas menos desactualizadas por corresponderem - precisamente - a casas em que a renda (qualquer que seja o seu preço) é completamente excessiva por respeitarem a casas sem as mínimas condições de habitabilidade.

São casas piores que alguns «estábulos»; são casas que de há muito deviam ter sido substituídas por outras nas devidas condições

Se alguém, vez alguma, se tivesse oposto á demolição de belos prédios em amplas avenidas, deixando-se de pé os tugúrios dos becos e travessas...

Porque - já o escrevi mais de uma vez e vejo ser necessário repeti-lo, uma vez mais - o que com o decurso do tempo se desactualizou não foi o preço da renda! O que se desactualizou foi a casa que não recebeu as necessárias e indispensáveis obras interiores de «conservação» e «actualização» habitacional. O que se desactualizou foi a casa, anos e anos sem essas obras de conservação, com telhados que não vedam a água das chuvas, com as janelas e portas que, a caírem de podres, não vedam os ventos.

O que se desactualizou foi a casa em que os tectos e as paredes passaram a estar cobertos de atemorizantes fendas, em que os soalhos esburacados dão passagem a ratos, batalhões de baratas e de outros parasitas: em que os esgotos, apodrecidos, exalam cheiros nauseantes e extravasam o conteúdo.

AS CASAS VELHAS É QUE ESTÃO DESACTUALIZADAS

O que está desactualizado, em relação à época e ás actuais concepções de habitabilidade que deve possuir o lar do cidadão, da família, são as condições da casa que, já não sendo as mesmas que levaram á fixação da renda inicial, contínua sendo paga por esse mesmo preço inicial.

Além disso, poderá dizer-se que está «actualizada» a habitação que não possui casa de banho (tem a pia na cozinha), com pavimento e tectos de madeira, quase sempre apodrecida, ninho de toda a espécie de parasitas?

Estará actualizada a casa cujo acesso tem de ser feito através de íngremes degraus, carcomidos, cedendo ao peso dos que a utilizam?

Estará actualizada a casa que não possui água encanada energia eléctrica (há ainda grande número mesmo em Lisboa e Porto)?

Actualização, em relação á casa antiga de rendas ditas «antigas» seria diminuição do preço-renda, pois se a qualidade do produto piorou, o preço dele tem de baixar.

Mas, nem objectivamente, se verifica a «desactualização» do preço das rendas no seu tão apregoado aspecto sentimental; assim o demonstra o resultado da análise que nos faculta a Associação Lisbonense de Proprietários, através dos quadros que publicou no número de Janeiro de 1969 da sua revista «A Propriedade Urbana», quadros esses transcritos de um celebérrimo parecer de triste história.

Esses números (mais do que estatísticas oficiais) nos mostram quanto em Lisboa têm subido o preço das rendas das casas de habitação e quanto essa subida tem de especulativa.

Repare-se:

Períodos de celebração dos contratos	N.º de contratos celebrados	Rendas até 500$00 mensais		Rendas mensais de 1.000$00 e superiores	
		N.º de contratos celebrados	Percentagem	N.º de contratos celebrados	Percentagem
1943 a 1948	11.570	8.529	73,7 %	3.041	26,2 %
1949 a 1953	17.247	6.052	35,09 %	11.195	64,8 %
1954 a 1958	25.519	6.114	23,9 %	19.405	76 %
1959 a 1962	20.418	4.283	20,9 %	16.135	79 %
1963 a 1965	28.263	4.956	17,5 %	23.307	82,4 %

Não há rendes desactualizadas...

Vê-se, assim, que num período de 22 anos, o número de rendas de 500$00 e inferiores passam de 73,7 por cento dos contratos celebrados para 17,5 por cento; que as rendas de 1 000$00 e superiores «sobem» de 26,2 por cento no total dos contratos celebrados para 82,4 por cento!!!

Ainda outra curiosa «conclusão» se tira desses quadros a tão «chorada», «falada» e «reclamada» percentagem de rendas baixas em Lisboa é mais teórica que real e é infundadamente que ela serve de base ao aspecto sentimental do pretendido aumento do preço das rendas e como justificação deste.

Na verdade, ainda, segundo esses quadros, num total de 154 050 arrendamentos com data conhecida, incluindo os de há mais de 20 anos (os números foram primitivamente publicados em 1967) celebrados em Lisboa, até 1942, e posteriormente a este ano até 1965, sómente 9372 deles, ou seja, uns escassos 6 por cento são de rendas até 100$00 mensais.

E, desses 9372 arrendamentos, 7541 são arrendamentos celebrados até 1942, isto é referem-se e incidem sobre propriedades envelhecidas e desactualizadas.

Pode, pois, afirmar-se que o que há «desactualizadas» são as casas e não as rendas. O que necessita de «revisão» é a «estranha faculdade concedida aos senhorios de fixarem, livremente o preço das rendas das habitações que voluntáriamente colocam no mercado do arrendamento.

Há que pôr os problemas de frente: - ninguém obriga um proprietário a arrendar a sua propriedade.

Quem arrenda os vários fogos em que a dividiu, fá-lo para ocorrer a um mercado de procura, para satisfazer a pública necessidade de habitação.

Mas, se a habitação é uma necessidade pública como o são os transportes, a alimentação e outros semelhantes, por que razão só o comerciante-senhorio que tem de ser mantida e alargada a todas as restantes localidades e não revogada - justifica-se plenamente.

CONTRA OS AUMENTOS QUINQUENAIS

A proibição do aumento do preço das rendas das habitações em Lisboa e Porto - proibição

Segundo informação de publicação do Fundo do Desenvolvimento de Mão de Obra no períodos de 1968-1970, os índices de preços no consumidor na habitação, evoluiram em relação a 1969 (base 100) deste modo:

Cidades	ANOS		
	1968	1969	1970
	1.º trimestre	1.º trimestre	1.º trimestre
Lisboa	177,1	194,4	227,0
Porto	209,4	222,7	263,0

Há que repetir - ainda - e uma vez mais: Os arrendatários na sua qualidade de utentes dum serviço destinado a satisfazer uma necessidade pública (serviço a que só ocorre quem quer, pois ninguém obriga os proprietários a afectar a sua propriedade ao mercado do arrendamento **e só abastece esse mercado da oferta os que pretendem auferir as inúmeras vantagens que ele proporciona)** em nada têm de se preocupar com os lucros e os rendimentos do respectivo comerciante.

Porém o Estado, no seu papel de tutor e gestor dos interesses gerais, colectivos, tem de se ocupar do público consumidor, e defendê-lo da exploração e da especulação. O preço das rendas das casas, tal como o do pão, dos transportes colectivos, têm de ter em conta a capacidade económica do público utente, ou seja, neste caso, a dos arrendatários.

Por isso não é possível admitir, sequer um aumento do preço dessas rendas. Belo contrário: — o Estado tem de fazer baixar o preço das rendas exorbitantes; tem de acabar com a especulação representada - entre outros factores - pelas avaliações fiscais para aumento do preço das rendas das casas.

E OS SALÁRIOS?

Fácil é demonstrar que os arrendatários não podem suportar mais aumento nesse já elevado preço; que não é possível estender a Lisboa e Porto o regime das avaliações quinquenais, regime que, - nunca é demais repeti-lo - urge fazer acabar em todo o território nacional.

Há, nestas duas cidades, quatro grandes categorias de profissionais, constituindo a grande maioria dos arrendatários:

funcionários públicos, empregados de escritório, empregados de comércio, trabalhadores manuais. Nada há publicado por onde se possa fazer cálculos sobre os vencimentos dos funcionários administrativos e corporativos, razão pela qual não me refiro a eles. No entanto, a situação deles não é, certamente, melhor que a dos funcionários públicos, antes as suas justas queixas demonstram que os seus vencimentos se mantêm no baixo nível dos daqueles.

Nestes profissionais temos, para as várias categorias, nos empregados de escritório, ordenados entre um máximo de 4000$00 e 1550$00 em Lisboa, e 3950$00 e 1500$00 no Porto. Para empregados no comércio em Lisboa e Porto, um máximo de 2800$00 e um mínimo de 1050$00.

Para os trabalhadores manuais, os salários das várias categorias profissionais, segundo os dados do boletim do Instituto Nacional de Estatística referente a 1969 - os últimos públicados - repartem-se entre um máximo de 101$00 diários e um mínimo de 61$00 para Lisboa e de 90$00 e 51$00 para o Porto.

Para se fazer uma ideia geral do que são, actualmente as receitas dos orçamentos familiares da quase totalidade das famílias arrendatárias, afigura-se-me útil citar, uma vez mais, a «Vida Mundial», que no seu número atrás citado, a páginas 13, transcreve números e conclusões dum estudo que a dr.ª Maria Manuela Silva teria publicado na revista «Brotéria» (Julho de 1971).

O carácter de ambas as revistas impede, em absoluto, que possam ser acusados de parcialidades os números e conclusões publicados. Por isso, eles se revestem duma autoridade indesmentível.

«O inquérito incidiu sobre uma amostra de 10500 famílias observadas durante uma semana, por forma que ao longo do ano, em todas as semanas, se registaram idênticas observações. A amostra foi colhida com base no concelho, de maneira a permitir uma probabilidade proporcional ao número de famílias do conjunto de concelhos constituintes de quatro estratos geográfico-sociais, assim definidos: Interior Norte; Sul; Litoral, excepto o Algarve.

«As observações que se seguem referem-se evidentemente a dados relativos a 67-69, deixando à imaginação do leitor a aproximação de 1971, urgente de fazer».

Classes de receita das famílias	Número de famílias	Percentagem
Menos de 18 contos	3.035	28,8
De 18 contos a menos de 30	3.268	31,0
De 30 a menos de 60	3.974	28,2
De 60 a menos de 90	725	6,9
De 90 e mais	515	4,9
Total	10.517	100

E depois em outro quadro através do qual se verifica que 89,8 por cento das famílias auferem receitas mensais de entre um mínimo de 375$00 (25,3 por cento) e um máximo de 1250$00 a 1875$00 (9,5 por cento) dizia a mencionada revista: «Temos de concluir, como aliás o fez Manuela Silva, na «Brotéria», «**que 90 por cento das**

Continua na página seguinte

As casas velhas é que estão desactualizadas

Mais uma bomba Dardo no seu 25.º aniversário

PLANO DE TROCAS VALE TUDO

traga o que tiver e troque pelo que quiser!

Qualquer traste velho, antiquado ou inútil, vale como parte do pagamento! Avaliadores estarão nas lojas DARDO durante o dia inteiro, à sua disposição!

Traga qualquer velharia e leve um aparelho novo em folha!

Traga o fogão velho dos avós!
Máquinas de costura que não costuram!
Frigoríficos que não refrigeram!
Rádios mudos!
Ferros eléctricos aposentados!
Vassouras velhas! Tapetes rotos! Cadeiras mancas!

importante!

Se não tiver nada para trocar — ainda assim é vantagem aproveitar as ofertas especiais da DARDO

O PLANO DE TROCAS VALE TUDO!

É válido apenas até ao fim do mês

Dardo

MAIORES FACILIDADES MENORES PREÇOS

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.º de Maio, 146-A
Rua Gonçalves Crespo, 26-A

Organização educacional

TUDO ISTO É TRISTE...

POR CALVET DE MAGALHÃES

Muitas das técnicas de organização educacional têm, necessàriamente, de ser sistematizadas devido ás doses industriais que envolvem, actualmente, as operações educativas de muitos estabelecimentos de ensino com 1000, 2000, 3000, 4000 e mais, de alunos e em certos casos até distribuídos por uma, duas ou três secções, além da sede. Isto não quer dizer que o ensino não deva ser artesanal, pessoal Simplesmente são factos, contra os quais não há argumentos, pelo que se torna necessário adoptar e adaptar processos para que, devido ao enfartamento da frequência escolar, a acção educativa não desça de nível ou se desmorone.

Neste sentido estão postas em prática muitas técnicas escolares que resolvem, com certa clareza, situações que se apresentam como consequência do afluxo ás escolas, mas em muitos casos causa admiração que não sejam realizadas por muitos estabelecimentos de ensino cujo desconhecimento profundo, pragmáticos da organização escolar, levanta todos os anos clamores dos encarregados de educação. Causa espanto que o que constitui problema para uma escola para outra não o seja, o que se pode atribuir, sem dúvida, ao fraco interesse profissional dos respectivos dirigentes pelas experiências e realizações de outros.

Não há duas escolas ou secções iguais. O que pode ser útil para um liceu ou escola pode não o ser para outra. Há no entanto, que aglutinar circunstâncias, conhecer todas as hipóteses possíveis de solução, experiências de outras escolas, tipos de pessoal, de alunos e encarregados de educação, meios, etc., para se poder determinar uma linha de orientação escolar, personalizar uma tarefa, encaminhar a montagem de um serviço. Mas raramente se verifica esta atitude perante os problemas de organização escolar e a ignorância de ciências administrativas, entre os novos dirigentes escolares, pode-se considerar verdadeiramente em vias de desenvolvimento. É triste, mas existe.

Na verdade, não é no primeiro dia de Outubro, através das lições de pessoal docente recém-chegado, que os alunos saberão as leis em que vivem, apesar de imediatamente a seguir ás primeiras aulas entrarem em acção numa sociedade escolar. De facto, é a partir das matrículas que deve começar a integração dos alunos.

Numa observação mais profunda deve salientar-se a incapacidade natural das organizações escolares de tipo burocrático ou weberiano para se adaptarem ás exigências das realidades da administração escolar que o tempo exige, a não ser por meio de crises (Maio de 1968) que provocam a rotura dos chamados equilíbrios institucionalizados das organizações (carência da acção de dirigir — guiada e não pilotada — de gerir, de administrar e da escolha dos objectivos). Sòmente as forças organizadoras podem considerar a Administração como o agente responsável (lúcido) pela ordem das actividades e das organizações, o que leva a considerar a Administração do Estado como uma forma de pedagogia. Isto levar-nos-ia mais longe, apesar de desprezadas entre nós as interpretações pré-weberianas de Hegel e Karl Marx, às disposições burocráticas de Parkison, Merton, Michel Crozier (a falsa representação do espaço e do tempo, as tendências para a uniformidade, a estratificação, a conformidade, o formalismo e a utilização, etc.), à patologia, burocratização, de J. Minot, etc., e que envolvem necessàriamente a elaboração de cautelosas preparações e lentas maturações para ordenar e coordenar as actividades no espaço e no tempo.

ACTUALIZAÇÃO DAS RENDAS

Continuação da página anterior

famílias ficam aquém deste valor ou que, em termos de classes, e patente uma maioria pobre e uma minoria possidente de recursos excedentários e ainda uma pequeníssima minoria possidente de recursos espantosamente excedentários».

Mas não é tudo.

CUSTO DE VIDA

Frente à debilidade das receitas, segundo os índices dos preços no consumidor publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, verifica-se que, se um servente, ou outro trabalhador, quiser comprar um quilo de carne terá de dar quase um dia de trabalho; para um quilo de bacalhau terá de dar mais de meio dia de trabalho. Claro, quando pelo número de bocas a sustentar, um quilo chegue!

E como nem a carne nem o bacalhau, dispensam, ainda, outros géneros de consumo, hortaliças, azeite, batatas — verifica-se, fàcilmente, a tragédia das famílias consumidoras, quando um quilo de pão lhes custa 10 por cento do seu salário diário!

Um servente, um trabalhador não especializado, ganhando, ganhando por dia 61$00, recebe numa semana de trabalho 366$00, ou seja, entre 1464«00 e 1830$00 por mês; um funcionário das seis últimas categorias de vencimento, as mais numerosas, recebe uma média de 2000$00 a 2600$00 mensais. Um caixeiro no 3.º ano de actividade, tem 1550$00 de ordenado mensal, um aspirante no último ano de categoria 1350$00, e um 3.º escriturário 2450$00. Esses ordenados são ilíquidos, pois, sofrem os vários descontos para desemprego, previdência, etc.

Atribua-se-lhe um a dois filhos, além da mulher, a vestir, calçar e sustentar; apliquem-se os preços dos géneros em vigor e creio que teremos a resposta a dar aos que, para aumentar o lucro duns tantos, para lhe proporcionar «mais» rendimento, falem em «actualização», em «aumento», em «revisão» do preço das rendas...

Como poderão eles pagar, ainda, maior renda? Repare-se: com ordenados que se situam (no melhor dos caos) entre os 2000$00 e os 1500$00 mensais, face ao custo de vida atrás referido, como falar em aumento do preço das rendas, isto é, aumentar os «rendimentos» dos comerciantes-senhorios se os arrendatarios não auferem o suficiente para as suas despesas normais?

Há que ter em conta, ainda, a grande massa de reformados, pensionistas, etc. os quais têm umas pensões tão mínimas que mal lhes dão para subsistirem.

Como poderão, eles, suportar mais «aumentos», em especial um aumento do preço da renda da habitação, verba esta que, deixa a família logo no início do mês, pràticamente sem recursos. Na verdade, ela é a mais elevada dos orçamentos familiares, a única que se não pode pagar em prestações, que não admite fiados, que não tem correspondência alguma com a situação económica, pois tem de ser paga, inexoràvelmente, em época pré-fixada, esteja ou não empregado o chefe da família, de saúde ou doente.

AS REGALIAS DOS SENHORIOS

Mas o problema tem, ainda, outro aspecto que o Governo não pode descurar.

E já grande o número de benefícios, de privilégios concedidos aos senhorios. E o único que não paga imposto algum pelo rendimento mensal que aufere, sem trabalho próprio. E o único credor que tem ao seu dispor o mais cruel o mais rápido, o mais desumano, o mais anti-social meio de receber o seu lucro: — a acção de despejo! E o único comerciante a quem o Estado não fixa a margem de lucro, nem proíbe a especulação; ele é, também dos poucos comerciantes, principalmente dos prestadores de serviço público, que não tem preços fixados administrativamente.

O pão, o azeite, o bacalhau, os transportes públicos têm preços estabelecidos e que não podem ser excedidos. Só não estão fixados os preços das rendas das habitações! Só estes podem ser, legalmente, objecto da mais desenfreada especulação!

Haverá, pois, quem ainda entenda que mais devem ter os senhorios quando, afinal, tudo quanto eles recebem das rendas, muito ou pouco, é já lucro?

Já repararam os senhorios que o Estado além de os isentar do imposto do rendimento que auferem, ainda deixa que retenham em seu poder as verbas da «caução» das rendas que, por lei, deviam estar depositada na Caixa Geral de Depósitos?

Já repararam que arrecadam, e fazem sua, a verba que anualmente o Estado lhes abate na contribuição predial contribuição que incide sòmente sobre o valor da propriedade e não colecta o rendimento que ela produz, para efeito de «conservação» e que eles, regra geral, não aplicam em obras nos prédios?

Não creio que alguem ouse pedir normas legislativas que permitam o impossível aumento do preço das rendas.

Qual a sua opinião sobre as alterações ao Código Penal e ao Código do Processo Penal?

Reformada a Constituição no Verão passado, ampliadas as garantias do art.º 8.º (a declaração de Direitos dos portugueses), urgia introduzir alterações ao Código Penal e ao código do Processo Penal. O Governo fê-lo, através de dois diplomas publicados em 31 de Maio. Àcerca da nova legislação — cuja importância deve ser sublinhada, na medida em que respeita directamente à vida e à liverdade dos cidadãos — publicamos na «Mesa Redonda» anterior as opiniões dos drs. Salgado Zenha, M.J. da Palma Carlos e Carlos Meira. Hoje, para termo deste inquérito oportuno, inserimos a opinião do deputado pelo Porto dr. Francisco de Sá Carneiro.

Resposta de Francisco Sá Carneiro ao Inquérito: **«Qual a sua opinião sobre as alterações ao código penal e ao código do processo penal?»**

Pelo que respeita ao Código Penal, pertence hoje em exclusivo à Assembleia Nacional a competência para a definição das penas e das medidas de segurança.

Encontra-se na Câmara Corporativa um importante projecto de proposta de lei sobre essa matéria, no qual se não prevêem medidas de segurança privativas de liberdade senão para fins terapêuticos — Base XIII.

As alterações agora introduzidas no Código Penal tinham portanto de ser limitadas.

Duas há que em meu entender merecem especial destaque e aplauso: a que manda contar por inteiro o tempo da prisão preventiva — art. 117.º n.º 1.º — e a que impede a aplicação provisória de medidas de segurança privativas de liberdade art. 115.º, parágrafo único.

Até aqui a prisão preventiva só era contada por metade.

E as entidades policiais tinham o poder de aplicar uma medida de segurança provisórias que podia ser prisão por seis meses, a acrescer à prisão preventiva que era susceptível de atingir igual prazo.

Creio que se devia ter ido mais longe noutros pontos; a possibilidade de prorrogação da prisão, por exemplo, limitada embora no tempo pelo actual art. 67.º, afigura-se-me inaceitável.

No processo penal é que as alterações são decepcionantes, como de resto era de prever depois da discussão e publicação da lei que cria os juízos de instrução criminal, que afinal nada instruem antes da acusação.

Uma das garantias dos cidadãos portugueses é haver instrução contraditória, antes e depois da formação da culpa, o que implica que tem de ter esse carácter a chamada instrução preparatória.

Mas a garantia constitucional não foi cumprida; e continua a não ser observada nas alterações agora introduzidas no Código de Processo Penal, o que é inadmissível.

O Juiz Desembargador dr. Francisco Veloso tem chamado a atenção para este ponto, frisando designadamente que «o diploma constitucional, renovando ou readmitindo, como se quiser, o n.º 10 do art. 8.º citado, revogou todos os preceitos que impunham e regulavam especialmente a chamada instrução preparatória ou corpo de delito de carácter inquisitório,e enquanto tais» — «Defesa dos Arguídos e Processo Penal Instrutório», 14.

Por outro lado a Constituição confia em exclusivo aos tribunais a prática dos actos jurisdicionais — art. 116.º.

E os actos de instrução criminal têm essa natureza.

Para que, no duplo aspecto citado, se cumprisse a Constituição e para que a liberdade das pessoas não ficasse dependente da Administração, a única reforma autêntica seria a que confiasse a tribunais toda a instrução criminal que, antes e depois da formação da culpa, tem de ter carácter contraditório1 À Polícia deve caber apenas a investigação, essa sim de carácter secreto e inquisitório, que permita levar à formação de um juízo de suspeita.

Mas desde 1945 que a chamada instrução preparatória, de carácter secreto, incumbe ao Ministério Público ou às Polícias, só depois da acusação havendo verdadeira instrução, de carácter contraditório.

O Dec.-Lei agora publicado mantém este regime, introduzindo-lhe alguns retoques.

Não contém por isso verdadeira reforma; limita-se a melhorar nalguns pontos um regime absolutamente inaceitável.

Por mim continuo a pensar que, como referi na Assembleia Nacional, «nestas condições, o direito que a Constituição confere não passa de palavra vã. No actual sistema, antes da acusação não há defesa possível para o suspeito. Não há, sequer, possibilidade de actuação digna para o seu advogado» — Diário de Sessões, n.º 162, 3248.

Neste contexto, que na essência se mantém como se vê do actual art. 70.º, perdem muito do seu alcance alterações agora introduzidas que em si são de aplaudir; entre elas noto: a presença do advogado no interrogatório do arguído, que a lei anterior já impunha mas que agora aparece mais incisivamente regulado; a apresentação do arguído preso ao juiz para interrogatório, que até agora as Polícias não tinham que efectuar a validação da captura pelo juiz; a nova regulamentação da prisão preventiva e o encurtamento dos seus prazos.

O processo penal deve conter as reais garantias da liberdade das pessoas.

Essas garantias só serão eficazes se forem por sua vez garantidas; nesse aspecto o «habeas corpus» desempenha um importante papel.

Mas o regime legal agora levado ao Código de Processo Penal anula pràticamente a sua eficácia; não devia, portanto, ter sido por esse modo consolidado. Urgia, sim, reformá-lo, e estendê-lo a todas as jurisdições — o «habeas corpus» não existe na jurisdição militar — apresentando à Assembleia Nacional a respeviva proposta de lei.

Tal como se encontra regulamentado o «habeas corpus» é ineficaz e inoperante.

O Dec.-Lei n.º 185/72 continua até a designá-lo por providência extraordinária, designação que, na última revisão, desapareceu da Constituição.

Em suma, as alterações actuais não são uma reforma, mas uma mera tentativa de regeneração de um sistema instrutório incostitucional, que é indispensável substituir.

Que pensa dos castigos corporais nas Escolas?

A prática de castigos corporais nas escolas não pertence só ao passado. No número anterior da «Mesa Redonda» fizemo-nos eco de dois casos que entraram no domínio da opinião pública. Qual a mentalidade das pessoas acerca desta questão, que não é só pedagógica...?

Foi difícil encontrar uma professora de instrução primária que quisesse responder, identificando-se. «Que em princípio não se deve bater, mas só quem tem 50 ou mesmo 60 miúdos e em condições materiais desumanas é que sabe» — responderam mais ou menos em tipo de cliché três professores dos subúrbios. Encontrámos, depois, Odete Santos, ex-professora primária e actual funcionária pública:

«Às vezes tem que ser. Parecem formigas. São muitos e dois ou três põem uma classe em estado de sítio. À segunda-feira, dizia-lhes logo: «Chove mais cá dentro do que lá fora.» Assim intimidava-os e impunha-lhes respeito. Não pense que sou uma fera. Gosto muito de crianças, mas numa classe muito grande eles são filhos de muitas mães e alguns não se deixam conduzir com palavras.»

Quanto às mães, umas queriam que se lhes batesse, outras não. Os filhos daquelas que pediam que lhes batêssemos, já estavam tão «malhados» que até iam a bem. Aquelas que não queriam, era o contrário: só iam à pancada.

Irene Santos, de 67 anos, doméstica:

— Nos nossos tempos é que as professoras puxavam as orelhas. Agora os miúdos já não deixam. A missão dos professores é ensinar e mais nada. Mas a juventude agora anda toda transtornada, o que se lhes devia fazer era cortar-lhe os cabelos!

António Manuel Silva, 14 anos, estudante:

— As professoras, quando os alunos chegam atrasados às aulas, ou quando não sabem as lições, geralmente batem. Isso não está certo. Bater só serve para pôr o aluno nervoso, que nem consegue fazer mais nada nesse dia, nem, às vezes, no outro. Quando o aluno não faz as coisas é porque ou tem falta de capacidade, ou tem outros problemas.

José da Silva Gonçalves, 36 anos, vendedor de jornais:

— Se há alguém que possa bater, é o pai e a mãe. Os professores podem meter outros medos, mas bater não. Dizer, por exemplo, «olha que se não fazes isto, eu digo ao teu pai.» Eu penso que mesmo os pais, quando podem atenuar, devem atenuar, só quando eles começam a desconversar é que já não pode ser.

Lucinda da Conceição, 44 anos, apanhadora de malhas:

— Acho que não se deve bater nas crianças. Deve-se-lhes ensinar com calma e paciência, porque quando lhe levantam a voz, as crianças enervam-se e já não sabem responder a nada. Deve-se dar-lhes pequenos castigos, quando não se portam bem, mas a tareia não vale de nada. Chega a pontos que uma pessoa fica tão «malhadiça» que já nem liga, enquanto que fechá-los sòzinhos, num quarto, ou pô-los contra uma parede, leva-os a pensar.

Roque Félix, 22 anos, estudante de psicologia:

— Só a má preparação dos professores conduz a situações deste tipo. Eu pergunto quem é mais preguiçoso, se o professor que bate e assim encontra soluções rápidas, ou se o aluno que é castigado e que até acaba por sentir-se «culpado», se após uma falta não se segue a tareia?

«Continuando um pouco, julgo que se se oferecessem melhores ensinamentos sobre Métodos Pedagógicos, isto não sucederia, porque castigos corporais só podem entrar na categoria de erros. Bate-se porque os miúdos não estudam, mas nunca se pergunta por que é que não estudam.

António da Silva, 12 anos:

— Não se deve bater. Vá lá, uma pancada no rabo está bem! Mas uma vez, um professor virou-se a um aluno lá da minha escola e ele ficou a deitar sangue do nariz. A gente às vezes engana-se e eles batem logo. Mas se não batem, a gente também não estuda...

Maria José Ferrão, 19 anos, educadora infantil:

— Os castigos só servem para criar na criança uma atitude de desconfiança perante as suas capacidades de criação e perante as suas experiências. O bater numa criança não é, no entanto, o mais importante. O que acontece é que todo o ensino institucionalizado, de que o bater é um pormenor, trava a criatividade da criança. A sua necessidade de intervir e conhecer a Natureza é progressivamente proíbida e violentada. Os castigos corporais são só um aspecto do falhanço de toda uma pedagogia.

inquérito

A FALSA VIDA DO PROFISSIONAL

A situação do jogador profissional de futebol em Portugal está ainda por estudar em bases sérias e documentadas, prestando-se por isso mesmo a todo o género de especulações — a menor das quais não será, com certeza, a imagem doirada criada à volta desses profissionais do pontapé na bola, fazendo crer que a sua vida é fácil e rendosa.

Assim, para sabermos, entre muitas outras coisas, quem são e donde vêm, que habilitações possuem, que profissão tinham antes de se tornarem profissionais do futebol, quanto ganham em média, quais são os seus passatempos, que pensam fazer depois de acabarem as suas carreiras. Ao longo da última época fomos distribuindo inquéritos com 23 perguntas à quase totalidade dos futebolistas da 1.ª Divisão.

Dos 280 questionários distribuidos recebemos, não sem dificuldade de toda a ordem, 138 — e mesmo assim alguns incompletos ou manifestamente falsos nalguns promenores. Antes de entrarmos na análise das respostas e respectivas conclusões, um facto se tornou evidente: o jogador de futebol tem medo de quem se aproxima do seu mundo e não lhe fala em golos, em forma física ou em adversários do próximo domingo, sente-se inseguro, não diz quanto ganha, e receia cair no desagrado do patrão (directores) falando em sindicatos e outras coisas.

Mas a este aspecto já lá vamos. Por agora basta dizer o número de respostas obtidas por clubes: V. Setúbal, 16; Boavista, 15; Leixões, 15; Porto, 14; Sporting, 13; Guimarães, 13; Benfica, 12; Barreirense, 12; Cuf, 11; Tirsense, 9; Varzim, 8. Não responderam Académica, Belenenses e Farense.

Vitor Baptista, mesmo na tropa pode-se dar ao luxo de um carro «sport» — e essa é a imagem doirada que o grande público retém. Só que ninguém se lembra que jogador do Benfica é excepção...

ORIGEM SOCIAL DO FUTEBOLISTAS

A origem social do jogador de futebol é modesta — o que é natural, pois só em casos excepcionais se pode admitir que um individuo bem instalado na vida esteja disposto a abraçar uma profissão que não admite vida privada (**«o futebolista alimenta paixões, rivalidades, negócios, imprensa especializada, compensa frustrações individuais e colectivas, é mártir e herói, cobarde ou traidor, cidadão exemplar ou ladrão, conforme as circunstâncias em que se desenrola a sua actividade pública, tão contingente como efémera»** — **«Diário de Lisboa»**, 27/8/71, suplemento **«Mesa Redonda»**), nem sequer tem direitos de qualquer espécie, sujeitando-se ainda, no final dos contractos, ao vexame do direito de opção por parte dos seus patrões.

Pois bem — para comprovar a origem social do futebolista nada melhor do que conhecer as habilitações e profissões dos pais dos jogadores de futebol e ainda o número de irmãos que estes possuem. Das 138 respostas recebidas, que, tanto quanto julgamos, neste caso são sinceras, obtivemos os seguintes resultados:

1. — **Profissões**

a) Mães — 92 são domésticas, 11 sem informação, 7 já falecidas, 6 aposentadas e 16 com profissões várias: 4 comerciantes, 4 trabalhadores rurais, 2 peixeiras, 1 operária fabril, 1 tecedeira, 1 empregada de escritório, 1 costureira, 1 enfermeira e 1 proprietária.

b) Pais — Seria fastidioso enumerar completamente as suas profissões, tão diversificadas elas são. Contudo, de um modo geral são modestas, como se pode comprovar pelas mais significativas: 8 marítimos, 7 pescadores, 4 empregados de escritório, 3 tipógrafos, 4 carpinteiros, 3 mecânicos, 3 pintores, 3 guardas republicanos, 3 sem profissão, 3 estivadores, 2 fiéis de armazém. Há igualmente vendedores de automóveis, cozinheiros, pedreiros e motoristas, além de 7 industriais, outros tantos comerciantes e 4 proprietários.

2. — **Habilitações**

a) Mães — 11 analfabetas, 75 sem informação, 1 com a 1.ª classe, outra com a 2.ª, 43 com a instrução primária e 7 com habilitações diferentes mas que nunca ultrapassam o 5.º ano.

b) Pais — 7 analfabetos, 18 falecidos, 49 sem informação, 48 com a instrução primária e 17 com habilitação superior ao 2.º grau mas sem ultrapassar a frequência do 7.º ano (e mesmo assim só em dois casos).

De realçar o alto número de respostas em branco e o facto de entre os pais dos futebolistas não aparecer nenhum com frequência universitária.

Um outro aspecto importante para se situar correctamente o ambiente socio-económico donde surgem os futebolistas, é o número de irmãos que possuem. Eis o resultado: 9 filhos únicos; 39 com um único irmão; 28 com 2; 16 com 3; 9 com 4; 15 com 5; 4 com 6; 4 com 7; 4 com 8; 8 com 9; e 2 com 10. Significativo.

HABILITAÇÕES DOS FUTEBOLISTAS

Retomando o capítulo das habilitações, vejamos o que se passa com os próprios futebolistas.

Como se sabe, ninguém pode exercer a profissão sem possuir a 4.ª classe — pelo que, logo à partida, está posta de parte à «existência» de analfabetos (embora um caso de analfabetismo, pelo menos, seja conhecido).

Assim, as respostas deram os seguintes números: 72 têm o 2.º grau; 7 frequentaram o 1.º ano do liceu ou escola técnica; 22 possuem o 2.º ano; 8 chegaram ao 3.º ano; 5 ao 4.º; 13 ao 5.º; 3 ao 7.º ano dos liceus e 6 têm frequência universitária.

Por equipas, a mais «culta» seria a do Boavista com três elementos (Alberto, Alexandre e Celso) a fazerem jus ao título de universitários, seguindo-se o Benfica com dois (Toni e Artur Jorge). De referir ainda que no Boavista encontramos um jogador com o 2.º ano do Seminário e um outro a frequentar a escola do Magistério Primário.

Ora, como não é difícil calcular, estas habilitações são, de um modo geral, as que os futebolistas já possuiam na altura em que se tornaram profissionais da bola. Na verdade, salvo raras excepções, estes homens, uma vez decididos a abraçar o profissionalismo futebolístico, puseram de parte as actividades que até então exerciam — desde os estudos a toda a sorte de profissões — com os inconvenientes daí resultantes.

PROFISSÕES ABANDONADAS

Atentemos nas respostas à pergunta **«Que profissão ou actividade exercia antes de se tornar profissional?»**, citando apenas os casos mais significativos: 34 destes homens estudavam; 15 eram empregados de escritório; 11 serralheiros; 9 mecânicos; 5 empregados comerciais; 4 operários fabris; 4 electricistas; 4 chapeiros; 3 desenhadores; 3 soldadores; 3 carpinteiros; 2 padeiros; 2 polidores de mobilias e 2 operários de constrção civil. Para além deste número encontramos ainda um pescador, um funcionário público, um profissional de seguros, um publicitário, um montador de máquinas, um estufador de móveis, um motorista, um vidreiro, um conserveiro, um relojoeiro, um cobrador, um canalizador, um sapateiro, um estucador e vários outros casos que seria fastidioso enumerar. Tudo isto sem esquecer três sem profissão e cinco sem informação.

Um parêntesis breve: quando chegam ao fim das suas carreiras raríssimos apenas pretendem retomar as suas antigas profissões. Mesmo sem saberem o que irão fazer...

OS MOTIVOS DE UMA ESCOLHA

Porque motivo terão escolhido estes homens um tal modo de vida? O nome nos jornais? A fama? O dinheiro? Indo mais longe: estarão satisfeitos com a escolha? Ou prefeririam ter outra profissão? Também aqui a resposta é a dos interessados: 110 são futebolistas por gosto; 21 vieram para esta profissão por motivos diversos e 7 não disseram nada a este respeito. Entretanto, 17 destes futebolistas afirmam preferir outra profissão.

Porém, alguns dos inquiridos foram mais além nas suas respostas, justificando-as: Castro, da CUF, respondeu (talvez a brincar) que tinha escolhido esta profissão porque não podia trabalhar muito... Fernando, também da CUF, porque considerava o futebol como um trampolim; vários, porque ganham mais dinheiro do que na sua antiga profissão; um jogador do Guimarães, **«porque tinha de ser»**; Damas, **«porque não sabia fazer outra coisa»**; um atleta do Benfica, **«por influência da família»**; um axadrezado, para se livrar fàcilmente da tropa. Porém, o drama de tudo isto é que, tanto quanto estamos convencidos, a grande maioria dos jogadores que se tornaram profissionais por gosto e para ganhar mais dinheiro, nem sonhava sequer com as desilusões e dificuldades que iriam encontrar.

Comecemos pelos honorários.

OS FUTEBOLISTAS MILIONÁRIOS

«Vou mas é mandar o meu filho estudar na Universidade da Bola. Essa é que dá dinheiro».

A piada já está gasta, mas é significativa — corresponde exactamente à imagem criada de que, ser futebolista é uma coisa rendosa. E, na verdade, é-o mesmo. Só que isso acontece apenas em relação a meia dúzia de homens pertencentes a clubes de **élite** — os mesmos homens que são «manchette» nos jornais, enquadrados em fabulosas histórias de fabulosas transferências, com carros, mulheres e vivendas à mistura. E essa imagem, convenhamos, é que fica. A que engana. A que se torna grotesca comparada com o quadro **A** passam — os impostos, os descontos (para quem? para quê?), os atrasos nos vencimentos dos salários, as multas, eu sei lá que mais. E como se tudo isto não fosse o bastante, têm ainda uma grande quantidade de horas de trabalho e um restrito tempo de férias.

O aeroporto é local conhecido de futebolistas de élite, sempre em viagem de país para país mas sem tempo para o conhecer. Na foto, o dr. Borges Coutinho, marquês, mecenas e patrão, «posa para a posteridade» ao lado dos seus subordinados na hora de mais uma viagem.

TEMPO DE TRABALHO E TEMPO DE FÉRIAS

De um modo geral os futebolistas têm um dia livre na semana — é a segunda-feira, dia «sagrado» em que se podem deitar depois da meia-noite. Nos outros dias... bem, de terça a domingo o tempo ocupado é muito, sem esquecer os estágios obrigatórios a partir de 5.ª ou 6.ª feira, em que a separação da familia é inevitável. Como é evidente, porém, o tempo de trabalho-esforço físico não é muito — duas a três horas diárias no campo e não mais. Mas há os banhos, as massagens, as deslocações e os já referidos estágios — e assim, atendendo a todos os factos e ainda às respostas obtidas, pode considerar-se que o futebolista tem, genèricamente, um tempo de trabalho que anda à volta das 60 horas semanais. Contudo, se a tudo isso acrescentarmos a necessidade imperiosa de descanso e a considerarmos (como não pode deixar de ser) como tempo de trabalho, as horas ocupadas do futebolista sobem substancialmente. E repare-se que este descanso forçado não tem muito de agradável — há horas para deitar (o que não acontece ao comum dos mortais), há que escolher cuidadosamente os locais de diversão (os «mirones» são muitos e em caso de derrota já se sabe como é.. não se pode comer nem beber fora da medida, etc.

Quanto a férias... Neste caso, como afinal no tempo de trabalho, tudo depende do clube em que o profissional se encontra. Na verdade, o trabalho e as férias estão em re-

JOGADORES CASADOS E NA TROPA

Sob o ponto de vista do rendimento das equipas de futebol seria interessante saber o número de jogadores casados e a quantidade de elementos ainda a cumprir o serviço militar ou já livres desse problema. Claro que esta questão também interessa por outros motivos...

Assim, de acordo com os elementos de que dispomos, nas 138 respostas encontramos 79 futebolistas casados e 59 solteiros, enquanto 92 já tinham ido à tropa, 27 estavam à espera e 19 ainda lá andavam.

Se agruparmos estes números por clubes chegaremos a conclusões interessantes: o Boavista e o Setúbal eram as equipas com mais jogadores a cumprir o serviço militar (4), ao mesmo tempo que axadrezados e leixonenses tinham nas suas fileiras 7 jovens à espera de marcar passo...

Quanto ao estado civil dos seus atletas, Sporting e Boavista encontravam-se em polos opostos: os leões apresentavam 12 casados e um solteiro, enquanto nos do Bessa só havia 2 casados para 13 solteiros! O grau de juventude e as preocupações de uma equipa podem ser mais fàcilmente visíveis com estes elementos.

QUANTO GANHA EM MÉDIA (LUVAS; ORDENADOS E PRÉMIOS)?

É evidente que muitas das respostas estão viciadas. Como já prevíamos, de resto, pois os jogadores não gostam de tornar público aquilo que ganham — e no caso de alguns profissionais do Sporting, por exemplo, é notória a fuga à resposta. Porquê? A tal insegurança, o tal medo, a tal desconfiança. O jogador de futebol é altamente desconfiado, reflectindo o ambiente hostil em que se movimenta e no qual muitas coisas lhe escapam e o ultra-

Matateu, um dos muitos ne no futebol português, foi um Viveu bem, vestiu melhor, te que é

OIRADA L DA BOLA

inquérito

Por RIBEIRO CARDOSO

lação directa com a projecção do clube e respectivos contratos para jogar no estrangeiro, por exemplo. Os jogadores do Benfica, interrogados sobre o tempo de trabalho e sobre férias, não se esqueceram de afirmar que, por vezes, estão 15 dias ou mais em estágios e concentrações permanentes, queixando-se ainda das deslocações ao estrangeiro durante o defeso. De qualquer modo, nas respostas recolhidas a média das férias oscila entre os 15 e os 25 dias, surgindo, contudo, respostas curiosíssimas: **Ricardo Nogueira**, do Tirsense, respondeu que tem as férias que o clube lhe dá; **Candeias**, do Barreirense, afirma que **«às vezes tenho 20 dias»**; **Castro**, da CUF, exagerou (ou talvez não) e disse não ter férias, o mesmo acontecendo a vários jogadores do Boavista; **Américo Martins**, da CUF, esclareceu ter apenas uma semana completamente livre durante o ano.

LAZER E AUTOMÓVEIS

Uma outra imagem feita: o futebolista a conduzir belos carros de «Sport», frequentando **boites**, indo ao cinema, gastando tempo em bares. De acordo com as declarações dos próprios, a imagem é capaz de ser um pouco diferente na realidade.

gros que apareceram e aparecem caso espantoso de popularidade. ve honras de grande senhor. Hoje, feito dele?

Por exemplo — dos 138 futebolistas de que estamos a falar, 78 têm automóvel, enquanto 60 utilizam o transporte público ou o carro dos amigos... E já agora, a pretexto de carros «Sport», aí vai uma pequena dose de publicidade «motorizada» — os profissionais de futebol preferem carros não desportivos, pois nas respostas conseguidas as marcas mais representadas são a Fiat (13), Austin (13), Renault (10), Simca (10), Ford (8), Vauxall (5), Morris (5), Volkswagen (4) e 10 de marcas várias.

No entanto, com carro ou sem ele, em que ocupam os futebolistas o seu tempo livre? Bom, a questão é complexa. As actividades declaradas são várias, a sinceridade nem sempre evidente, mas, mesmo assim, foi possível chegar a conclusões: o passatempo preferido entre os futebolistas é, de longe, o cinema — 81 dos inquiridos vão lá assiduamente. Que espécie de cinema? É simples: filmes de acção, policiais, históricos, cómicos e, nalguns casos, românticos. Logo a seguir ao cinema vêm os discos: 52 homens do futebol adoram ouvir música em «pikc-up» (embora haja outra referência à música clássica — aos mais refinados isso parece indespensável, pois é de bom tom — a quase totalidade compra discos de música «pop»). Depois aparece a televisão — 46 profissionais da bola declararam passar muito tempo em frente dos pequenos écrans. Muito próximo em número — 45 — surge um outro passatempo: a leitura. Como não é de admirar os temas dos livros são semelhantes aos dos filmes (policiais, dramáticos, «cowboys» e históricos), aparecendo contudo, com grande saída, a leitura de revistas e jornais desportivos, bem como a referência a livros «construtivos». Registe-se Jorge Amado e Camilo Castelo Branco têm leitores entre os jogadores profissionais.

De resto, passear, ficar junto da família, ir ao teatro (9 casos), estudar (10), ver futebol e dormir são também actividades apontadas como passatempos utilizados — mas o mais interessante são os casos isolados: no Tirsense aparece um elemento que diz passar o tempo a jogar damas; no Varzim, dois futebolistas entretêm-se a escrever cartas; no Benfica e no Boavista há dois atletas que confessam ir muito a boites; no Guimarães surge um jogador para quem «os fins de semana no Porto» são melhor a caça e a columbofilia têm também um adepto cada.

INSTABILIDADE

Desde que inicia a sua carreira o futebolista profissional, regra geral, vai mudando de clube para clube com o andar dos anos com todos os inconvebientes e prejuízos daí resultantes: mudança de localidade, de clima, de hábitos, de colegas, etc. E no caso de ser casado e ter filhos as complicações são maiores, evidentemente. Referindo dados objectivos — nos 138 jogadores da 1.ª divisão 27 ainda só tiveram um clube; 43 conheceram 2; 33 já vão no terceiro; 17 mudaram 4 vezes de camisola; 15 já actuaram em 5 clubes diferentes e 3 trabalharam em 6 equipas.

Contudo, despidos de um enquadramento, estes números pouco significam. Repare-se que, na sua maioria, os jogadores que só conhecem um ou dois clubes estão ainda longe do fim da sua carreira, pois a tendência é para mudar de «patrão» conforme a idade vai avançando. Além disto há ainda a considerar o facto de todos os inquiridos estarem a trabalhar na 1.ª divisão, sabendo-se de antemão que muitos deles irão «defender as cores» de clubes de divisões secundárias — alguns dos «craques» actuais incluidos, como o pode indicar o que aconteceu a Matateu, Coluna, Germano, Yaúca, Santana, Morais, Mendes e muitos mais. Porém, a instabilidade e a insegurança destes homens vai mais longe — deixando de estudar e de trabalhar noutras profissões para se dedicarem ao pontapé na bola, chegam ao fim da sua carreira quando ainda estão na plenitude das suas qualidades humanas e, só então, reparam que não sabem o que fazer.

A INCERTEZA NO FUTURO

Com 30 e poucos anos os futebolistas interrogam-se com angústia sobre o seu futuro — mas mesmo quando ainda estão no meio da sua carreira a incerteza já é patente, como poderemos ver pelas respostas obtidas. Assim, 15 jogadores dizem não saberem ainda o que virão a fazer depois de abandonarem o futebol; 13 querem seguir a carreira de treinador; 11 pensam estabelecer-se com o dinheiro ganho; 45 dizem muito vagamente que pensam trabalhar (há expressões engraçadas: **«trabalhar num cargo qualquer que apareça»**; **«arranjar um emprego compatível»**; **«trabalhar não interessa em quê»**; **«trabalhar no que for possível para ganhar o pão de cada dia»**).

Para além deste tipo de respostas encontramos 6 jogadores que querem voltar à sua antiga profissão e um sem número de respostas variadas: um que quer ser relojoeiro, outro mecânico de TV, um pracista, um negociante de gado, um jornalista desportivo e eu sei lá que mais.

Contudo, uma resposta, parece-nos, merece realce: um atleta da CUF disse pretender trabalhar, depois de terminada a sua carreira, numa profissão com sindicato. Se repararmos que este inquérito é anterior à constituição do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol, talvez se torne claro o significado desta resposta.

SINDICATO: VELHA ASPIRAÇÃO

Uma das questões incluídas no inquérito distribuido tratava do Sindicato. Que pensaria o jogador àcerca da necessidade ou não de um Sindicato dos Profissionais de Futebol?

Curiosamente, e ao contrário do que aconteceu com outras perguntas, apenas seis jogadores não responderam a esta questão. De resto, bom, de resto todos se pronunciaram a favor da criação do mesmo, demonstrando uma ânsia enorme no seu aparecimento.

De um modo geral as respostas foram sucintas, limitando-se a um **«sim»** ou a um **«devíamos ter um sindicato que nos defendesse»**. No entanto há respostas que merecem destaque. Vejamos: Humberto Coelho — **«Como qualquer outra profissão acho que devíamos estar sindicalizados»**; Pedro Gomes — **«É tão necessário ao futebolista como uma bola o é. Só não compreendo porque é que o Ministério das Corporações não dá seguimento às 500 assinaturas em seu poder»** (já deu); Vaqueiro — **«Acho que era a melhor coisa que podiam dar ao jogador de futebol»**; Peixoto (Leixões) — **«O profissional de futebol na altura do afastamento devia ter algo mais do que um simples adeus»**; Peres (Guimarães) — **«Se o futebol é uma profissão porque razão não tem o seu Sindicato? Porque razão o futebolista desconta imposto profissional, para o Fundo de Desemprego e Caixa e não tem qualquer regalia?»**; Zèzinho (na altura ao serviço do Guimarães) — **«Eu acho que nós, jogadores, devíamos formar um sindicato, mas um sindicato que olhasse pelos nossos interesses e não pelos do clube»**; Rodrigues — **«Só os burocratas não o desejam. Nós, jogadores, ansiamos por ele.»**

No entanto, resposta diferente e a sugerir uma certa meditação é a de Fernando, da CUF: **«O Sindicato não tem razão de existir só porque discordo em absoluto do profissionalismo em Portugal. A não ser que o Sindicato determinasse ordenados mínimos de 5 mil escudos»**.

Com efeito, esta declaração do experimentado jogador que fez do futebol um trampolim — Fernando é dos poucos que se encontram bem na vida à custa do futebol — vem tocar um ponto que os futebolistas e muita gente esquece por completo: o profissionalismo futebolístico está de tal modo desorganizado entre nós (ou organizado no sentido negativo) que o sindicato, embora imprescindível nesta fase de arranque, encontra-se muito limitado na defesa dos direitos dos seus associados.

Mas se é injusto minimizar a importância da criação do Sindicato dos Profissionais de Futebol, mais injusto e prejudicial será dar-lhe importância demasiada e esperar que tudo se resolva. O primeiro passo está dado — a sua criação. Mas agora é necessário que os jogadores não se alheiem da vida sindical, que não parem, que não fiquem extasiados olhando para o cartão de sócios. Há todo um trabalho a fazer, ajudando os futebolistas que neste momento estão à frente desse Sindicato. E essa ajuda, esse trabalho, tem que ser feito por profissionais do sector e não só. Os jornalistas desportivos e os directores de clubes, e o público dos «futebóis» também. Pela nossa parte esperamos ter contribuido de algum modo tornando pública uma imagem do futebolista que, tanto quanto parece, se aproxima do real e ajuda a desmitificar a imagem doirada criada à volta dos profissionais de futebol.

NOTA: Este inquérito foi elaborado conjuntamente por mim e pelo meu camarada Eugénio Alves. Por razões profissionais coube-me o trabalho de sistematizar e analisar as respostas.
R.C.

A

QUANTO GANHA EM MÉDIA (LUVAS ORDENADOS E PRÉMIOS)?

	menos de 5 contos	5	6	7	8	9	10	cerca de 150 contos anuais	mais de 150 contos	sem informação
PORTO							1	7		6
TIRSENSE	1			3	1	1	3			
VARZIM	1									7
BARREIRENSE	2		1	2				2	1	4
CUF							2	1		8
BENFICA						1	1	1	9	
LEIXÕES	7	1	1	3	1	1				
GUIMARÃES	1	2		5	2	1	1			1
SPORTING			4	3	1		2	1		2
BOAVISTA	3	6	3		1	1	1			
SETÚBAL	4	1	1	1	4			4	1	
TOTAL	19	10	10	17	10	5	11	16	11	29

Damas, «estrela» de primeira grandeza do Sporting e do futebol nacional, já foi castigado pelo seu clube por ter concedido uma entrevista sem autorização...

1

EXCURSÕES EM AUTOCARRO

COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal altamente qualificado

Lourdes-Andorra-Madrid	9 dias	3.950$00
Lourdes-Andorra-Barcelona-Valência-Madrid	12 dias	4.950$00
Lourdes-Paris-Andorra-Madrid	15 dias	5.950$00
Paris-Londres-Madrid	16 dias	8.500$00
Bélgica-Holanda-Luxemburgo Vale do Reno-Suiça-Andorra	20 dias	9.950$00
Suiça-Áustria-Itália	24 dias	12.500$00
Galiza e Costa Cantábrica	9 dias	3.850$00

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

Os exames nocturnos para adultos

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

Em todas as sociedades desenvolvidas se levantam hoje os problemas do ensino permanente, das sessões de aperfeiçoamento, do ensino em tempo parcial nas empresas e nas fábricas. Procura-se conciliar o didactismo com a experiência, que é fruto de oportunidades. Os seminários são praticados com certo êxito, criam-se mesmo autênticas comunidades de adultos e os meios audio-visuais desempenham importante papel pedagógico nestas diligências.

Entre nós, como é sabido, alguma coisa se vai fazendo, quer através da iniciativa privada (que visa à maior rentabilidade), quer através da acção estadual. Uma medida foi recentemente tomada que merece ser atentamente considerada e discutida. Trata-se dos exames nocturnos para adultos.

É de presumir que tal iniciativa corresponda ao justo critério de apresentar a «pessoas crescidas» (com outra formação e cultura geral e, sobretudo, com outra atitude perante a vida) provas diferentes daquelas a que são submetidas crianças e adolescentes. No caso particular do Ciclo Preparatório, é ainda òbviamente mais positiva esta compartimentação. Respeito pelo indivíduo?, compreensão?, vontade de conseguir chegar àquela meta em que os homens possam viver» a sua vida em vez de apenas a ganharem?

Alto! Há neste caso concreto um aspecto francamente negativo. E não podemos nem devemos ignorá-lo. Quem é que à noite não se sente cansado, diminuído para um teste de avaliação de conhecimentos (em que a memória desempenha papel predominante) após o dia habitual: as canseiras profissionais?! Quer dizer, se não forem tomadas disposições firmes e urgentes no sentido de os estudantes adultos serem dispensados — rigorosamente dispensados — das suas tarefas normais no dia do exame nocturno, este, em vez de contribuir para lhes facilitar os estudos, tornar-se-á em mais um erro muito grave do sistema, no domínio da educação.

DIRECTOR DE FABRICAÇÃO

(CARGO DE STAFF)

Para importante Empresa de Fundição e Metalomecânica situada a 140 km de Lisboa.

EXIGE-SE:

- Licenciatura em Engenharia
- Larga experiência em Direcção de Serviços de Linha ou no Staff da Produção

OFERECE-SE:

—Cargo de Direcção de Serviços de:

- Planeamento
- Métodos
- Conservação

— Vencimento de acordo com a experiência possuída
— Um mês de férias anualmente e outras regalias sociais.

Resposta a GASEL-rf.ª 101/50 — Apartado 2512 — Lisboa

FATOS BANHO-BIKINIS

PARA SENHORA Nacionais e estrangeiros — APENAS POR **150$00 e 120$00**

ROUPÕES TURCOS a **75$00** | TOALHÕES DE PRAIA a **50$00 e 65$00**

...E O GRANDE SUCESSO

VESTIDOS PARA SENHORA

ALGODÃO	SEDA S/M.	SEDA M/M.
90$00	100$00	115$00

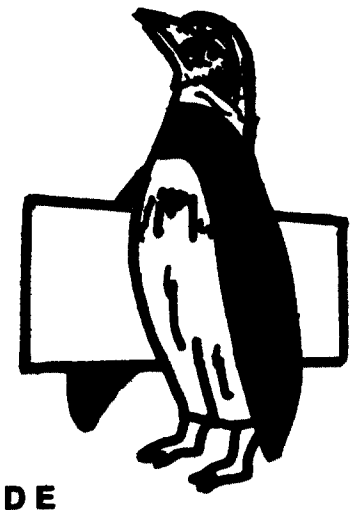
TODOS ESTES ARTIGOS ESTÃO A SER VENDIDOS

NOS Tecidos Almirante, Lda.
AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

CHAPAS ACRÍLICAS

VIDRO PLÁSTICO

PRODUTO DA INDÚSTRIA PORTUGUESA

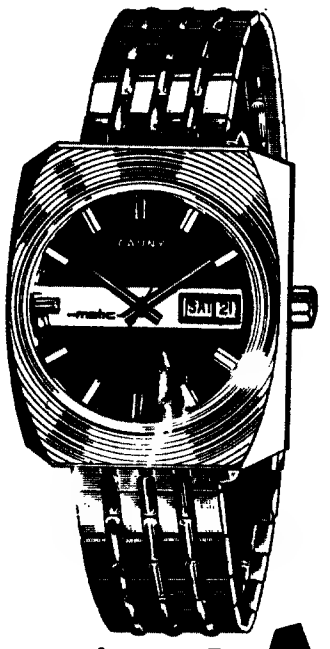


Sadoplas

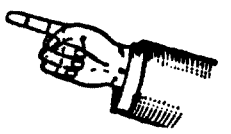
FABRICO DE
plásticos do SADO, LDA.

LISBOA
AVENIDA 28 DE MAIO, 51/A
TELEF. 76 17 83

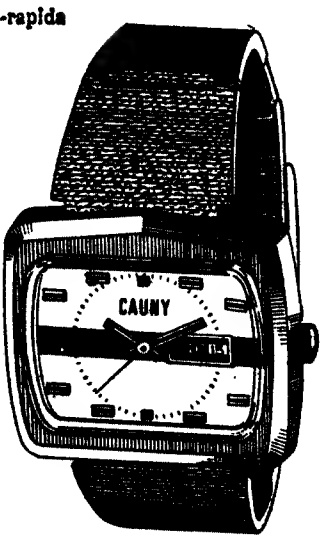
PORTO
RUA FARIA GUIMARÃES, 260
TELEF. 49 04 78



DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL
AUTOMÁTICO
CALENDARIO
INCABLOC
ANTICHOC
Mudança de data ultra-rapida



EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA



CAUNY

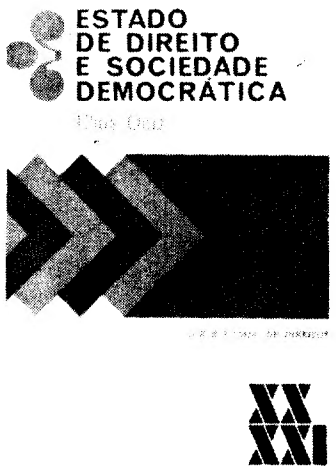
A mais alta precisão suiça

notas de leitura

ESTADO DE DIREITO E SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

As «Iniciativas Editoriais» publicam num livro oportuno mas perigoso: «Estado de Direito e Sociedade Democrática», de Elias Diaz, personalidade social-democrática espanhola. Perfaciado pelo deputado português dr. Francisco Sá-Carneiro. Oportuno: a temática do Estado de Direito corre mundo. A Ocidente, os autoritarismos, que nasceram «antidemocráticos, anti liberais e anti parlamentares» legalizam. A Leste, nas chamadas «democracias populares», a «legalidade socialista» é a principal reivindicação da burguesia liberal, que se propõe liderar a luta popular contra o social-imperialismo russo. Mas trata-se também dum livro perigoso na medida em que centra o problema actual da Ciência Política em saber se e em que medida o Estado está ou não submetido ao Direito. Ora o problema nuclear da Ciência Política não é esse, mas um outro: qual a classe que, numa formação social, detém o Poder? como o organiza? quais os seus aliados? O estudo da Constituição, do Direito Administrativo e do Direito Processual Penal dum determinado Estado não basta para responder a estas questões. Um Estado de Direito (que é, na definição de Diaz, um «Estado submetido ao Direito») é necessàriamente uma ditadura de classe. A própria submissão do Estado ao Direito é uma aparência: Direito e Estado são armas na mão de uma classe; não há um Direito nem um Estado acima das classes sociais; os orgãos de Estado «submetem-se» ao Direito quando tal faz parte da organização do Poder político do grupo social dominante. Isto dito, é preciso ter presente que uma República, um Estado de Direito, pode ser a pior das monarquias. O lobo veste pele de cordeiro. Terá havido na História totalitarismo mais completo do que a República norte-americana?

Elias Diaz analisa no capítulo I o Estado liberal de Direito, o primeiro Estado de Direito da História. «**A Revolução Francesa**», escreve «**assinala o fim do antigo regime absolutista e o começo da instauração dos regimes liberais; sociològicamente significa a passagem de uma sociedade de condições para uma sociedade de classes. Do ponto de vista institucional jurídico é com ela que generaliza a fórmula daquilo que, depois, se chamaria Estado de Direito**».



cerne do pensamento de pode ser sintetizado pela guinte transcrição: «**Apesar de todas as insuficiências do liberalismo, pode-se dizer que, como símbolo do espírito moderno perante toda a espécie de absolutismos, constitui uma conquista histórica irreversível**». A História é tida, na boa tradição positivista, por uma ascensão progressiva para a perfeição. Esta tradição é hoje assumida por toda a vanguarda burguesa quer seja de expressão liberal, católica, social-democrática ou revisionista. Os «progressistas» praticam uma teologia política que recorda curiosamente Theilhard de Chardin e o seu ponto Omega. Remetemos o leitor para os clássicos do materialismo histórico — aí se verá até que ponto esta teologia é anticientífica. A História é um processo dialético, uma luta de contrários, e não o progresso linear, a constante ascensão, o despertar de uma consciência.

Não admira pois que Diaz não possa teòricamente abordar a questão do fascismo. Se a História é compreendida como uma subida irreversível para os amanhãs que cantam como definir o(s) fascismo(s). A via mais cómoda (e mais demagógica) tem sido apresentá-los como «aberrações». Diaz, incapaz de analisar o fenómeno social total, refugia-se no jurídico e põe o acento tónico no que o fascismo não é; «**O Estado nacional-socialista alemão, à semelhança do Estado fascista italiano e de outras manifestações totalitárias, surge, portanto, como a antítese do Estado de Direito.**»

A mesma incapacidade teórica não permite a Diaz definir as relações do triângulo neo-capitalismo, neo-fascismo e Estado Social de Direito, «**tipo de Estado que, desde Weiner (1919), passando pela crise económica de 1929 e pelo New Deal, consegue, após a Segunda Guerra Mundial, vigorar em grande parte dos países ocidentais desenvolvidos: Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, França, Itália, etc.**» Quais modificações internas da classe dominante (da burguesia), quais as alianças que ela é obrigada a celebrar com outras classes, quais as novas formas de propriedade burguesa — e em que medida elas justificam alterações no aparelho de Estado (de abstencionista a intervencionista, de parlamentarista a presidencialista, de **liberal** a **social**) eis lebres que Elias Diaz não levanta.

O último capítulo (o IV) é dedicado ao que Diaz designa por Estado Democrático de Direito (a sua proposta política), em que o **binómio democracia-socialismo se institucionalize num Estado de Direito**». Trata-se da reprodução dos programas dos partidos sociais-democráticos europeus, com os seus chavões: socialismo e liberdade, democracia **autêntica**, humanismo real... Uma vez mais, os sujeitos da História, as classes sociais, estão ausentes da História de Diaz. Como da de Mitterand, como da de Willy Brandt, como da de Neni. Daí decorrem consequências práticas várias que transcendem o âmbito de uma «nota de leitura» mas de que a empresa social-democrática (de 1914 à actualidade) ilustra perfeitamente.

AMADEU LOPES SABINO

O CASO ÂNGELA DAVIS E A JUSTIÇA AMERICANA

WASHINGTON — Angela Davis, a militante negra acusada pelo Estado da Califórnia de cumplicidade no assassínio de um juiz, foi absolvida pelo júri de San José (Califórnia). De acordo com as leis vigentes no Estado, o júri pronunciou-se por unanimidade. Tal significa que nem um único jurado se deixou convencer pelos argumentos e testemunhas apresentados pela acusação. Do júri não faziam parte membros negros; compunha-se de sete mulheres e cinco homens (dos quais um «chicano», quer dizer, um mexicano americano).

No decurso do processo — que se prolongou por quarenta e seis dias — o advogado geral Albert Harris tentou demonstrar que teria sido por amor que Angela Davis teria participado na preparação da operação de comando que iria redundar na morte de um juiz do tribunal de San Marin (Califórnia), no dia 7 de Agosto de 1970. Nesse dia, Jonathan Jackson irrompera pela sala do tribunal e distribuíra armas a dois prisioneiros negros que se preparavam para testemunhar. Tinha seguidamente tentado abandonar a sala, levando o juiz como refém, mas imediatamente se desencadeou um tiroteio que custou a vida ao jovem Jackson e ao juiz. Angela Davis nunca tinha sido acusada de ter participado nesta tentativa de revolta. Segundo a acusação, no entanto, teria sido a alma da conspiração.

O «DOSSIER» DA ACUSAÇÃO

Havia, na verdade uma estreita união entre a jovem universitária negra e Jonathan Jackson, que lhe servia de guarda-costas. Havia mais de um ano que os dois participavam na campanha a favor dos três «irmãos Soledad», três prisioneiros negros acusados de terem morto um guarda branco, na penitenciária de Soledad. Um dos irmãos, George Jackson, morto no decurso de uma tentativa de evasão cujas circunstâncias nunca chegaram a ser esclarecidas, era irmão de Jonathan Jackson.

Segundo certos depoimentos, Jonathan Jackson teria como fim libertar o juiz ùnicamente depois da concessão de liberdade aos três «irmãos Soledad». As suspeitas que pesavam sobre Angela Davis eram de três espécies: tinha participado muito activamente na campanha a favor dos «irmãos Soledad»; as armas utilizadas por Jonathan Jackson pertenciam-lhe. Poucas horas decorridas sobre as mortes de San Marin, fugira clandestinamente (Angela Davis escapou durante dois meses aos homens do F.

B. I., antes de ser presa em New York).

Ainda de acordo com as afirmações da acusação, Angela Davis teria participado na conspiração, não por qualquer convicção de ordem política, mas por amor a George Jackson. Depois da morte de Jackson, ir-se-ia de facto encontrar na cela de Jackson uma lónga carta de Angela Davis, em que a jovem militante expressava sentimentos mais do que afectuosos. O advogado Harris fez desta carta a prova definitiva da sua tese. Não conseguiu convencer qualquer dos membros do júri.

As testemunhas apresentadas, com que Harris tentou provar que Angela Davis tinha passado os dias anteriores à matança de San Marin a engendrar a conspiração com Jonathan Jackson, viram os seus depoimentos desfeitos pelas testemunhas de defesa, segundo as quais o jovem Jackson teria roubado as armas do crime, sem conhecimento da acusada.

UM DESFECHO INESPERADO

Os que seguiam o julgamento esperavam que se verificasse um reconhecimento por parte do tribunal de que não havia motivo suficiente para se proceder judicialmente, após divergências entre os jurados. Os doze jurados de San José tomaram, porém, uma decisão diferente. O seu veredicto não prova indubitàvelmente a perfeição do sistema jurídico americano e a sua posição ao abrigo de todas as influências políticas, mas confirma que a existência de um júri constitui uma boa protecção dos direitos do acusado, dentro da suposição de que estes tenham sido prejudicados pela parcialidade do juiz.

Os partidários do retorno à lei e à ordem, seja por que preço for, regozijam-se com plena consciência com uma recente decisão do Supremo Tribunal autorizando os Estados e não mais exigir dos jurados uma decisão de unanimidade... Em todo o caso, o processo de San José terminou num ambiente de euforia. Angela Davis saltou ao pescoço dos membros do júri e abraçou-os. À pergunta que lhe fizeram se ela mantinha as afirmações anteriores, segundo as quais nunca poderia ser julgada com justiça nos Estados Unidos, respondeu: «**Sim, porque a justiça do processo estaria na sua inexistência... Não considero os jurados como fazendo parte do sistema judiciário, mas vejo-os como representantes do povo**».

Angela Davis tinha, no entanto, tentado pela segunda vez efectuar a mudança do processo para outra circunscrição que não a de San José, afirmando que nunca poderia encontrar doze pessoas imparciais nesta cidade. É pois com este último paradoxo, que termina um longo caso que tanto apaixonou a América, quer a dos brancos, quer a dos negros...

MUTUALISMO: obra de há cem anos

Fruto da campanha (quase romântica) de emancipação do trabalhador no século passado, o mutualismo português foi perdendo terreno, a partir da República. Hoje é quase um cadáver. Restam algumas organizações que puderam e souberam adquirir certo desafogo económico e expressividade suficiente nos serviços mútuos prestados. As outras, mais localizadas por zonas ou sectores profissionais, foram morrendo de inanição, não resistiram à luta que lhes foi movida, pereceram na falta de apoio e compreensão.

A mais prestigiosa mutualista portuguesa, e talvez a única (salvo algumas de natureza estritamente financeira) que mantém um elevado grau de progresso, fez agora cem anos de existência: falamos da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa. Organização modelar, no que respeita a assistência médica e cirúrgica, mantém ainda uma caixa económica para associados, que foi, por norma, uma atribuição importante dos estatutos das nossas mutualistas do tempo áureo. A A.S.M.E.C.L. conta hoje com cerca de 30 mil membros e está organizada em termos empresariais, no bom sentido. Dispõe daquilo a que poderemos chamar uma das melhores casas de saúde portuguesas, apetrechada com um classificado e numeroso quadro clínico e material adequado do mais moderno que existe no País. Funciona sob o signo da eficiência, em todos os aspectos. Resiste ao alargamento da previdência social, porque é diferente. Porque permite, nas suas instalações, o ambiente familiar que os postos médico-sociais nunca conseguiram criar.

Quase simultâneamente, uma Associação similar do Rio de Janeiro completou, igualmente, mais de 90 anos de vida. É também uma mutualista poderosa, criada por dois portugueses sócios da A. S. M. E. C. L. que desta decalcaram os respectivos estatutos.

E, em Buenos Aires, a Sociedade Portuguesa de Beneficência e Socorros Mútuos, criada em 22 de Abril de 1878, completou igualmente 94 anos de vida, no momento em que iniciou a construção do Hsopital Português da capital argentina. Se juntarmos a esta série de factos a informação de que as Beneficências Portuguesas em cidades brasileiras continuam a ser dos melhores hospitais do país irmão, e que todas nasceram no século passado ou no início do actual, bem poderemos ter uma ideia do poder mobilizador da ideia de cooperação na classe trabalhadora portuguesa várias décadas atrás, da sua vontade de emancipação, da sua consciência cívica e criadora que ainda hoje tanta gente procura negar. Será também curioso notar que as mais poderosas subsistem em condições estranhas à realidade do País: umas no estrangeiro (e por isso mesmo), outras aqui, completando de forma superior a previdência e serviços oficiais. As razões poderão compreender-se: na América Latina, porque os portugueses emigrados terão interesse em manter as suas próprias estruturas, um ambiente português e familiar de grande importância na doença, razões que também colhem em Portugal, onde, sobretudo, conta um serviço mais personalizado e humano.

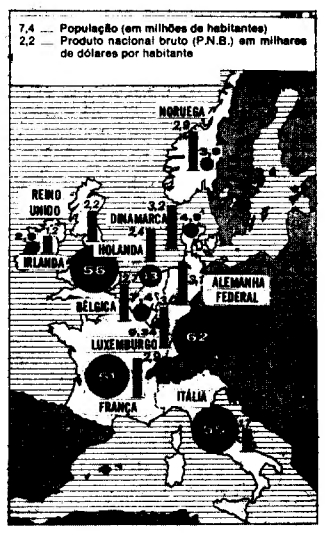
Centenárias, ou quase, estas sociedades mutualistas continuam a ser uma lição que deve ser ponderada: há caminhos possíveis que levam a metas onde a dignidade humana pode defender-se.

A.P.D.A.S.

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA
SHARVEN-FRANCE
Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5
Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE
DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

A COMUNIDADE DOS DEZ

UMA GRANDE POTÊNCIA VIRTUAL



Uma adição pura e simples dos índices de produção, de consumo, etc. de cada um dos Estados que constituem o Mercado Comum alargado, seria um processo indubitàvelmente artificial. Sob uma consideração pouco cautelosa, estes índices dão a falsa impressão de uma super-potência — falsa porque o conjunto formado pelos «Dez» não é coerente nem integrado. Torna-se, portanto, necessário considerar os dados que reunidos no quadro abaixo mencionado a um nível de simples ordem de grandeza. Sob vários aspectos, colocam a Europa dos Dez a meio caminho entre os Estados Unidos e o Japão.

1970	Comunidade Europeia dos «Dez»	Estados Unidos	U.R.S.S.	Japão
População (milhões)	257	205	244	104
Produto nacional bruto (milhares de milhões de dólares)	637,4	991,1	288	198,1
Importações (do total mundial)	41	13,7	4	6,5
Exportações (do total mundial)	41,2	15,5	4,6	6,9
Produção de energia eléctrica (GWh)	909 165	1 738 142	740 926	350 590
Produção de aço (milhares de toneladas)	138 943	122 120	116 000	93 322
Produção de automóveis (carros particulares e comerciais-milhares)	9 670	6 550	348	3 179
Frota mercante (milhares de toneladas brutas)	77 317	18 463	14 832	27 004
Consumo de energia por habitante	1 738	3 300	1 896	1 860
Fins industriais (kwh) Outros fins	1 387	4 000	698	1 228
(Em 31 de Dezembro de 1971)				
Reservas de moeda (milhares de milhões de dólares)	50,4	13,2		15,2
Ouro	15	11,08		0,74

A população da Europa dos «Dez» é um pouco inferior à da União Soviética, mas quase três vezes mais rica, sendo-o, no entanto, muito menos do que a dos Estados Unidos. O seu «poder» transparece no âmbito comercial, porque só a Europa efectua perto de metade das permutas mundiais. Tal deve-se, porém, ao facto de que nestes índices, se encontram incluídos o comércio que os «Dez» fazem entre si (para os «Seis», este comércio interno atinge uma percentagem de 50 por cento e para os «Quatro» cerca de 25 por cento). Como o Japão, a Europa dos «Dez» tem poucos recursos próprios de energia, inversamente às duas outras grandes Potências.

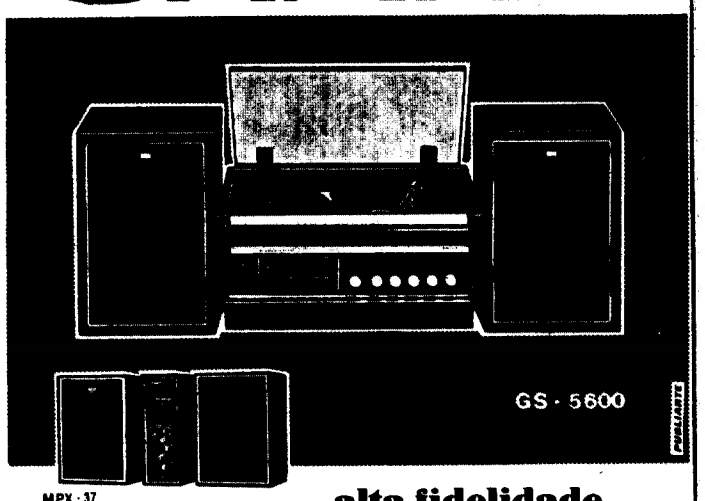
Relativamente aos caminhos-de-ferro e frota mercante, as cifras apresentadas pela Europa, são nítidamente superiores. Em contrapartida, no que se refere ao consumo de energia por habitante, encontra-se ao mesmo nível do que o Japão e a União Soviética quanto a fins industriais. Para os outros fins (em particular domésticos), torna-se notória a diferença entre as baixas cifras apresentadas pela União Soviética e a enorme superioridade dos Americanos.

Se se tomarem seguidamente em consideração os «aspectos exteriores» da sociedade de consumo (automóveis de turismo, telefone, televisão), verifica-se que a Europa está a meio caminho entre os Estados Unidos e o Japão, ao passo que a União Soviética não oferece índice competitivo neste campo.

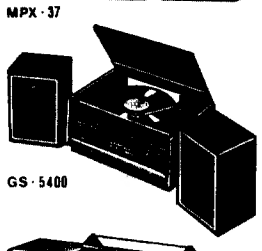
A Europa dos Dez, acumulou um enorme montante de reservas em moeda das quais 4/5 são detidos pelos Seis. No entanto, destes 50 milhares de dólares, apenas 15 milhares são em ouro. São sobretudo os Seis que «apreciam» o ouro, visto possuírem 14 desses 15 milhares de milhões.

1970	Comunidade Europeia dos «Dez»	Estados Unidos	U. R. S. S.	Japão
Automóveis de turismo em circulação				
Em milhares	56 009	89 861	1 700	8 779
Em cada mil habitantes	218	432	7	85
Postos receptores de televisão				
Em milhares	58 300	81 000	30 744	21 879
Em cada mil habitantes	231	399	127	214
Telefones				
Em milhares	51 297	115 222	12 000	19 899
Em cada mil habitantes	203	567	50	194

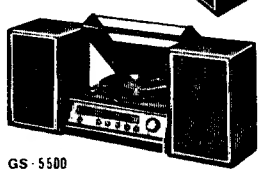
SHARP



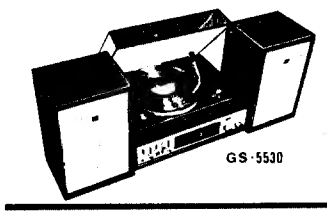
MPX · 37



GS · 5400



GS · 5500



GS · 5530

alta fidelidade
alta qualidade
numa só palavra...

SHARP

Compactos, concebidos para se integrarem em qualquer ambiente e para satisfazerem os ouvidos mais exigentes, os conjuntos estereofónicos SHARP conquistaram os E.U. e, estão agora, a conquistar a Europa.

Os cinco modelos que figuram nesta ilustração estão à frente duma vasta gama destinada a satisfazer os gostos mais requintados.

SHARP — Símbolo Mundial de Qualidade

À VENDA NOS AGENTES SHARP

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA · PORTO

«MIDA»

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

Serra circular
automática
Modelos 400-500-600

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

DIRECTOR

PARA IMPORTANTE EMPRESA DE MONTAGEM E COMERCIALIZAÇÃO DE CAMIÕES PESADOS

EXIGE-SE:

- Formação Universitária em Engenharia ou Ciências Económico-Financeiras
- Experiência no ramo

OFERECE-SE:

- Bom vencimento
- Oportunidade para afirmar o valor e a competência profissional na reorganização dos serviços
- Um mês de férias anualmente e outras regalias sociais

Cargo a desempenhar em Lisboa em contacto directo com a Administração.

Resposta a GASEL-Ref.ª 101/51 Apartado 2512 — Lisboa.

INDÚSTRIA PORTUGUESA

O Conselho Permanente da Indústria fixou a agenda dos trabalhos referentes à IV Conferência de Mesa Redonda sobre Problemas da Indústria no Espaço Português, que decorrerá no Porto, em Novembro próximo. A agenda é a seguinte:

1. — A Indústria e as integrações económicas: a) Estado actual da integração económica nacional, englobando a análise dos efeitos do Decreto-Lei N.º 478/71 na economia do País, harmonização fiscal no espaço português — dupla tributação.

B) A indústria face à evolução dos movimentos de integração internacional.

2. — Política industrial : A) A lei de Fomento Industrial, sua regulamentação e aplicação. B) A lei de fomento industrial e a política económica do espaço português.

3. — Política financeira: A) A actual conjuntura financeira.

B) O financiamento à indústria.

C) O investimento estrangeiro na indústria nacional. D) As incidências económico-industriais de fiscalidade.

4. — Planificação e programação industrial: A) A indústria e a preparação do IV Plano de Fomento. B) A programação industrial e a política social.

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

UMA COOPERATIVA REAL

DE LAFÕES VEM O EXEMPLO

Vamos hoje falar de uma experiência concreta, de um exemplo salutar na sequência do que dissemos a semana passada sobre associativismo agrícola: da Cooperativa Agrícola de Lafões com sede em Vouzela.

A Cooperativa de Lafões é uma sociedade cooperadora de facto: independente, bem gerida, que conseguiu vingar em campo difícil através de um indesmentível respeito às normas do cooperativismo. Sem subsídios de monta nem empréstimos oficiais. Sem apoio.

Em 1971, a Cooperativa (que tem seis anos de existência) movimentou cem mil contos de vendas. Dessa elevada importância, 2300 contos resultaram em lucros líquidos a retornar aos sócios, que já tinham podido beneficiar de preços estáveis e garantia de escoamento para a sua produção.

O MEIO

Citamos com elevado interesse o êxito desta sociedade de cooperação, até porque vem ao encontro daquilo que pensamos e aqui defendemos. A Cooperativa de Lafões nasceu do desejo de salvação do pequeno agricultor de uma das regiões mais pobres e divididas — no que diz respeito a propriedade rústica — do País. Terra do minifúndio, de solo pobre, de erosão física e humana. No início da década de sessenta, tudo aquilo rebentou pelas costuras. Medidas mais ou menos infelizes — como o avanço imoderado da influência dos serviços florestais — terminaram com uma economia familiar de auto-suficiência e não deixaram nada em troca. Depois veio a guerra e a emigração. O desespero de ver as terras abandonadas ao mato inútil. A desorientação de não saber o que fazer nem com quem contar. A inexistência de qualquer indústria e de condições para ela. A falta de trabalho remunerado, de caminhos e de transportes. De electricidade e telefone em tantos casos. A sujeição absoluta às condições climatéricas e ao esquecimento.

A REACÇÃO

Em determinada altura, foram descobertos os pequenos aviários familiares. A pequena indústria proliferou nos concelhos abrangidos pela Cooperativa (Oliveira de Frades, Vouzela, S. Pedro do Sul e, mais tarde, Tondela). Empresas capitalistas do sector, intermediários oportunistas, iam dando cabo de tudo. A Cooperativa Agrícola de Lafões nasceu para defender aquele esboço de economia de mercado que nascia num terreno virgem. A defesa dos aviários surgia como ponto de partida para uma elevação do índice económico, do teor alimentar, do próprio nível cultural dos filhos daquela pobre gente. Quase de certeza, como prenúncio de uma nova mentalidade para a exploração agrícola da empresa familiar, em termos rentáveis de mercado.

Singrando seguramente aberta a todos os pequenos produtores, iniciou um processo de mentalização salutar contra o individualismo. Os frutos estão à vista. Ninguém mais poderá dizer que o cooperativismo autêntico não tem possibilidades de êxito. Que o nosso povo não possui condições ou educação para o associativismo. Que não tem consciência dos problemas reais que o condicionam e limitam. O êxito da Cooperativa Agrícola de Lafões é mais uma pedrada no charco, uma resposta concreta a quem não pretende, no futuro que o povo, encare a solução dos seus problemas, esperando indefinidamente decisões motivadas por interesses que raramente são os seus e em oportunidades que quase nunca são as mais convenientes. Cooperativas como as fruteiras e vinícolas, ou sociedades meramente empresariais como algumas que têm nascido, podem ser importantes a determinado nível mas deixam de parte um sector importante da população possuidora de ignoradas aptidões humanas e sociais. E só hipotèticamente defendem os interesses do consumidor.

ENFRENTAR A CONJUNTURA

Do último relatório da Cooperativa de Lafões depreende-se uma nova forma de apoio à pequena agricultura: a criação de Cooperativas de produção a nível de freguesia, destinadas ao aproveitamento das terras deixadas incultas por falta de braços e rentabilidade. Trata-se de uma iniciativa de enorme importância económica, ao nível regional e nacional. A produção pecuária poderá aumentar de maneira evidente, porque será esse o primeiro objectivo. E a mecânica é simples: o pequeno agricultor arrenda as suas terras incultas à cooperativa, que, em grupo e por processos modernos, procurará a exploração forrageira com vista à manutenção de vacarias e pocilgas colectivas a criar.

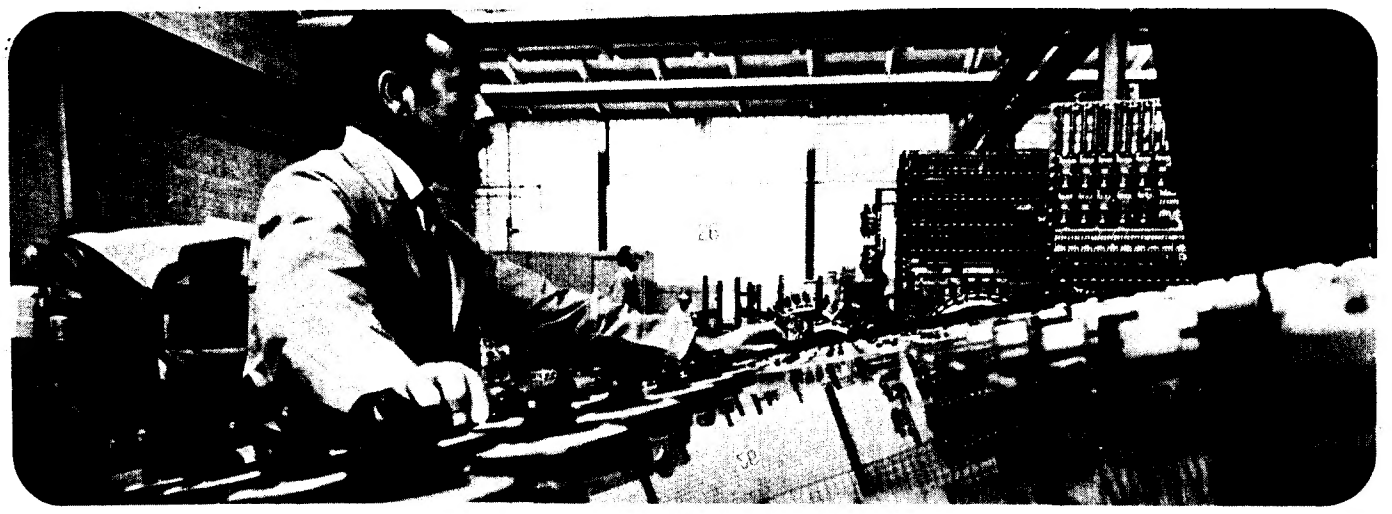
O apoio oficial, a todo este processo, é importante. Mas não se atente contra a independência salutar de iniciativas deste género, porque só assim terão a vitalidade necessária à vida útil e capacidade para intervir eficazmente no mercado e na vida económica e social da comunidade.

A. Pereira da Silva

PRODUTIVIDADE

Nos países desenvolvidos, em desenvolvimento ou sub-desenvolvidos, em todos portanto, fala-se muito em produtividade. Em muitos casos — íamos dizer em muitíssimos casos — confunde-se organização, racionalização e boa orientação do trabalho com aceleração repressiva e multiplicação desumana de tarefas no trabalho, para obter maior «rendimento» de cada trabalhador.

Esse grave equívoco está na base de casos como o sucedido em Amiens, nos fins de Maio. Um operário metalúrgico, de 61 anos, que se enforcou porque, como dizia na carta que foi encontrada junto de si, «não podia suportar a incapacidade de trabalhar tão depressa como os seus colegas mais novos».



A TÉCNICA AO SERVIÇO DA LIBERDADE

Numa comunicação intitulada «A Técnica ao serviço da liberdade — Papel da O. I. T.», destinada a marcar a abertura da Conferência Internacional do Trabalho, prevista para 7 do corrente, em Genebra, o director-geral da Organização Internacional do Trabalho, Wilfred Jenks, afirmou que *«nenhum país pode viver afastado da evolução técnica e que o apoio dos empregadores e dos trabalhadores é essencial na vastíssima empresa que o controlo e a exploração da técnica constituem»*.

Pediu aos delegados à Conferência (representantes dos Governos, dos patrões e dos trabalhadores, vindos de todo o mundo) para fornecerem as linhas directrizes quanto à política que à O. I. T. deve seguir a propósito dos seguintes problemas:

— a crise da ordem ecológica e a poluição, que atingiram graves proporções;

— o crescimento das cidades, das indústrias e das administrações, cada vez maiores, o que torna o seu controlo muito difícil;

— as ameaças para a liberdade do homem e dos valores humanos que os desenvolvimentos técnicos implicam;

— o desafio que responsabilidades sociais alargadas significam, tanto para os dirigentes de empresa como para os Sindicatos;

— a dificuldade que representa a aplicação das técnicas modernas nos países em vias de desenvolvimento, de modo a que delas aproveitem os que mais precisam.

HARMONIA AMEAÇADA

Nos comentários que fez a diversos aspectos do actual tipo de relações entre trabalhadores e empregadores, e entre trabalho e condições físicas e morais em que o mesmo é feito, o director-geral da O. I. T. afirmou: *«A técnica provocou uma prosperidade sem precedentes, mas ameaça agora a harmonia natural indispensável à sobrevivência do homem. É preciso melhorar e proteger o meio ambiente, mas esta tarefa é demasiado grande para ser assumida só pelos governos. Os dois polos da indústria, empregadores e trabalhadores, têm um papel especial, neste campo, porque a indústria está na origem de uma grande parte da poluição e porque eles podem contribuir para sensibilizar o conjunto da colectividade em relação ao problema de salvaguarda da natureza»*.

E mais adiante:

«Se a evolução política e social não seguir a evolução técnica, esta destruirá a sociedade. Um dos efeitos da técnica moderna é o crescimento das grandes cidades, de vastas organizações, de complexas administrações. Em toda a parte se levanta um triplo problema: como gerir sociedades onde tudo se torna imenso? Como submeter ao controlo público apropriado as grandes concentrações económicas? Como submeter ao controlo popular apropriado os vastíssimos aparelhos governamentais?»

Estes problemas contribuiram para estimular o pedido de uma participação popular alargada à tomada de decisões.

«Na participação — prosseguiu o sr. Jenks — *os interlocutores devem estar prontos a aceitar compromissos e a modificar a sua posição em função de dados objectivos sobre a situação económica e social»*.

TÉCNICA E LIBERDADE INDIVIDUAL

Sobre a erosão da liberdade individual, o sr. Wilfred Jenks disse que a fonte de toda a liberdade é a liberdade de espírito. A técnica moderna alterou profundamente os dados do problema da informação, condição básica da liberdade de espírito. O exercício do direito à informação tornou-se ao mesmo tempo mais importante no seu princípio e mais difícil na prática, embora mais fácil, em teoria. E acrescentou: *«Na idade da informática, é cada vez mais importante que os trabalhadores e seus representantes tenham a bagagem indispensável para compreenderem e apreciarem os dados necessários para melhor agirem no processo de negociações e participação. A utilização crescente do computador para o armazenamento e análise de dados oferece imensas possibilidades de aumentar a eficácia mas o progresso da informática comporta o risco de abusos e de introdução na vida privada»*.

Salientando o papel que a O. I. T. pode desempenhar, nomeadamente pelo acesso que o seu nível ministerial e governamental lhe garantem, o sr. Jenks falou do futuro: *«Assegurar a satisfação e humanizar o trabalho, poderá ser um dos problemas sociais mais prementes dos próximos anos»* — sugeriu.

Nos contactos com os clientes, nos almoços de negócios, EU tenho de tomar decisões de responsabilidade.

Bebo cerveja SEM ÁLCOOL.

«EX!» A MODERNA CERVEJA SUÍÇA SEM ÁLCOOL.

Nos supermercados e bons restaurantes.

Distribuição da diesa

CAMPANHA DE SEGURANÇA

«FÉRIAS-72»

475$00

O PREÇO DAS SUAS FÉRIAS COM TRANQUILIDADE

1 — Afinar travões
2 — Equilibrar rodas
3 — Alinhar direcção
4 — Verificar suspensão
5 — Focar faróis
6 — Controlar bateria
7 — Ver. velas e platinados
8 — Ver. sistema de refrigeração
9 — Medir compressão do motor
10 — Controle exterior dos pneus
11 — Lubrificar e ver níveis
12 — Controle no banco de ensaio

UTILIZE ESTA NOSSA CAMPANHA PARA SUA COMODIDADE E SEGURANÇA ATÉ 30 DE SETEMBRO

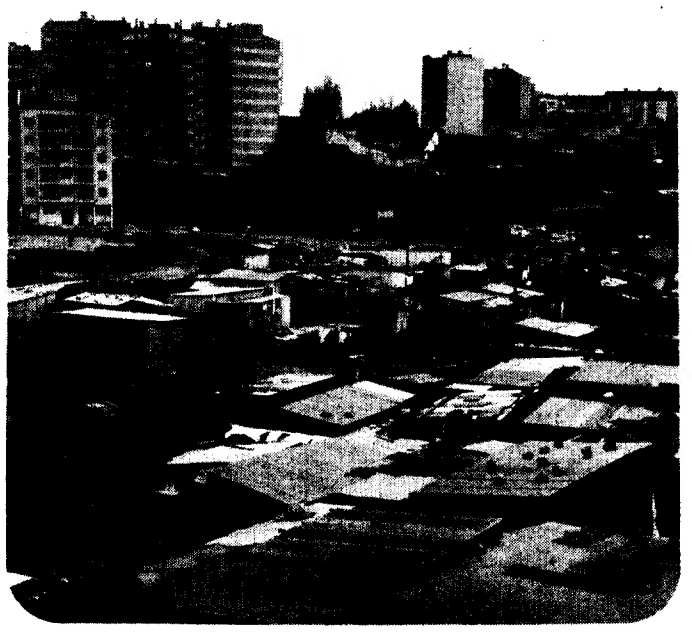
escape

R. CASTILHO, 72-A — TELS.: 561616 - 561919

CASAS PARA TODA A GENTE-1

LISBOA: CINTURA DE LATA

Lisboa está cercada por uma cintura de lata. São as vinte mil barracas que vão do Bairro da Liberdade, junto da Ponte Salazar, até ao Aeroporto e ao Marquês de Abrantes, em Marvila, perto da refinaria da Sacor. Uma população calculada em cem mil pessoas vive em tugúrios ignóbeis, sem ter culpa nenhuma (na maioria dos casos). E nos concelhos limítrofes, em Oeiras e Sintra, Loures e Vila Franca, a situação agrava-se, à medida que em Lisboa as rendas sobem e se intensifica uma política de «saneamento» que nos últimos dois anos, segundo referiu o engº Santos e Castro, levou à destruição de 3719 barracas. O problema, de tão falado, quase passa por um lugar-comum. Que mais se pode acrescentar? Onde está a novidade? Até parece que já todos sabem tudo, mas aquilo que toda a gente conhece é apenas uma banalidade: o problema não é fácil de resolver. E com isso vamos adiando soluções e inventando desculpas.



Por AVELINO RODRIGUES

DESCULPAS

Bairros de lata como os nossos — diz-se — também os há noutras cidades do mundo. Certo. Não é preciso recordar as favelas do Rio e os esgotos de Bogotá, os «bidonvilles de Paris e os bairros proletários de certas zonas fabris. Por toda a parte, as grandes cidades são asfixiadas por multidões que desertam dos campos em busca de trabalho regular melhor remunerado, em busca de instrução, de melhor ambiente, de segurança social, de diversões, ou apenas por um desejo vago de promoção, que não chega a exprimir-se.

Seria porém demasiado fácil apelar para casos semelhantes, no intuito de fazer calar responsabilidades que nos cabem. Por detrás desta atitude, revela-se afinal a tentativa de justificar a nossa «boa consciência», a pretexto de tratar-se «de um mal geral e portanto inevitável».

O mal evidentemente continua a ser mal; a diferença está no estatuto social desses estratos de população, que no caso das barracas de Lisboa são uma parcela integrante do todo português.

Por outro lado, se ainda recentemente pudemos ouvir um ministro francês após a visita a um bairro de emigrantes, apelar para as responsabilidades do seu governo, com maior razão se espera que a comunidade portuguesa olhe de frente esta chaga do nosso urbanismo e descubra uma política acertada.

POLÍTICA

É bem de ver que o problema se reveste de implicações técnicas e sociais que apenas os entendidos sabem equacionar. Mas as propostas de natureza técnica já foram suficientemente discutidas entre nós e ainda não houve a coragem de aplicar sequer os remendos pragmatistas. Além das medidas repressivas da construção clandestina em Lisboa, pouco mais se fez para debelar o mal. E como se impõe alertar a consciência colectiva, embora este propósito seja inibido pela ausência de soluções políticas, parece que vale a pena voltar ao assunto até para que se veja a seriedade ou o oportunismo do que por aí se faz e pensa também do que se faz sem pensar ou se pensa mas não é realizado.

O problema das barracas não pode resolver-se isoladamente fora do contexto da política de habitação. Por muito grave que seja, é apenas um capítulo da crise. Embora se tenham de encarar soluções de emergência para casos que não admitem delongas, o pior é que as soluções de emergência são em princípio transitórias (leia-se: incompletas e atabalhoadas). Por outro lado, como as soluções transitórias atenuam a urgência das necessidades e obrigam a despesas vultosas (quase nunca reembolsáveis), o resultado é que o transitório se eterniza e acaba por se tornar definitivo. De improvisação em improvisação, o problema vai apodrecendo em cada dia que passa. Ora a situação já é tão má que não podemos perder tempo.

Lisboa (zona) fixou na quarentena 1920 a 1960 cerca de 520 mil habitantes, mas apenas conseguiu alojar decentemente menos de dois terços. E statísticas de 1967 apontavam 160 mil famílias mal instaladas, (15 mil em barracas de lata. Nas casas velhas do «miolo» da cidade mais de 33 por cento das famílias viviam em regime de coabitação (perto de 110 mil em todo o distrito, ocupando 43 mil fogos, à média de 2,6 famílias por fogo).

A situação tem-se agravado progressivamente, sobretudo em Lisboa. Nesta data, Lisboa já reúne 18 por cento da população metropolitana prevendo-se que a densidade aumente vertiginosamente nos últimos decénios do século à medida que a população da Metrópole aumente de 8 milhões de habitantes em 1970 para 13 milhões previstos no ano 2000. Se não for por diante um plano corajoso de desenvolvimento regional, há razão para temer que o êxodo irreversível faça desabar sobre Lisboa uma avalanche de rurais destribalizados, que entretanto terão abandonado nos campos as casas hoje habitadas, para virem aumentar na cidade a crise habitacional. O défice de casas, que já hoje é de 500 mil fogos, atingirá uma saturação galopante de consequências imprevisíveis no plano social. Não se trata de uma antecipação pessimista mas da tomada de consciência de uma evolução patente, só controlável através de uma política realista de planeamento global. A menos que a emigração externa resolva o problema por si:

O problema coloca-se portanto em termos de «desafio da nossa capacidade de realização». E quanto mais tempo se dormir sobre o assunto, mais se agrava o panorama do país e nomeadamente a situação da cidade de Lisboa.

(A seguir: DINHEIRO NÃO FALTA)

Falemos de transportes

O automóvel é um símbolo da civilização que vivemos, tanto pela celeridade que imprime ao ritmo da vida de hoje, como pelas facilidades que representa para os transportes de pessoas e mercadorias; quer pelos riscos que faz correr, bem como pelas dificuldades que levanta nos grandes aglomerados e nas estradas principais.

O automóvel invade as cidades, cria problemas, mas o seu número não deixa de crescer. Em Lisboa, por exemplo, os engarrafamentos do tráfego; os problemas da falta de parques e lugares para estacionamento de veículos automóveis; o ruído e a poluição constituem já factores de grave preocupação. O Município, que sobre estes aspectos se manteve adormecido durante dezenas de anos, está a adoptar algumas soluções necessárias e de grande urgência, como a construção de alguns parques subterrâneos e cruzamentos desnivelados (viadutos e túneis), já para não falar da sinalização automática, que não resolve todos os problemas, mas dá uma certa ordem à corrente de tráfego, sempre em aumento.

Mas o número dos lisboetas (ou dos que em Lisboa trabalham) que não se deslocam de automóvel é uma esmagadora maioria. Os que andam a pé ou utilizam os transportes públicos são cerca de 90 por cento da população. Há que pensar nestes, dar prioridade a soluções que os sirvam. Isto pressupõe, não que se despreze o problema do automóvel, mas que se encare com maior sentido de eficácia e realismo o problema dos transportes públicos urbanos e suburbanos.

Sem demagogia, crêmos que é aqui que deve incidir o maior esforço oficial (camarário ou governamental), de molde que os projectos programados para o Metropolitano de Lisboa, o nó ferroviário de Lisboa, a modernização e intensificação das carreiras ora da Carris, etc., se concretizem ràpidamente e sem que isso signifique maiores sacrifícios monetários exigidos aos utentes.

Acresce ainda que, sem soluções radicais e adequadas que respeita a serviços de transportes colectivos (urbanos e suburbanos), não poderão encarar-se fórmulas mais eficazes para os diversos problemas, agravados pelo crescimento do parque automóvel na região de Lisboa.

MANUEL DE AZEVEDO

O caso de Loures

CARÊNCIAS ESCOLARES NA GRANDE LISBOA

Caso típico de «boom» habitacional, o concelho de Loures, integrado na zona geográfica e social da «Grande Lisboa», vê-se a braços com o grave problema escolar. Mais de centena e meia de milhares de habitantes não têm escolas, a vários níveis, suficientes para as necessidades crescentes. O atraso é grande e tende a acentuar-se.

De um relatório apresentado numa das últimas reuniões do Município tiramos algumas conclusões sobre equipamento escolar.

No que respeita ao ensino pré-primário, diz-se no documento que «há só a registar a iniciativa particular, servindo uma reduzidíssima população infantil em Loures, Pinheiro de Loures, Camarate, Odivelas, Moscavide, Sacavém e Pontinha». Contudo, assinala-se estarem reservados terrenos para este equipamento escolar, nas urbanizações, em curso ou a iniciar, da Pontinha, Odivelas, Caneças, Póvoa de Santo Adrião, Loures, Moscavide-Portela, Sacavém, Bobadela, S. João da Talha e Santa Iria da Azoia.

PRIMÁRIO: SITUAÇÃO GRAVE

O relatório refere situação grave, no que respeita a falta de salas de aula, em Moscavide, Sacavém e Camarate (ao nível de freguesias). No conjunto, evidencia-se uma ocorrência de 366 salas de aula, para um funcionamento a nível desejável. No conjunto do concelho, existem 178 salas consideradas em bom estado e 26 em mau estado.

ENSINO SECUNDÁRIO: TUDO A FAZER

No que se refere ao ensino secundário, diz-se no relatório que «só muito recentemente se iniciaram estudos ajustados ás conclusões do Gabinete de Planeamento das Construções Escolares, que passaram a constituir uma determinante de base no Planeamento Urbanístico do Concelho». Definem-se, provisòriamente, quatro sectores a carecer de atenção. No de Odivelas-Pontinha-Caneças-Póvoa de Santo Adrião-Olival Basto; para uma população actual de 70 mil habitantes existe uma secção em funcionamento do 1.º ciclo, a precisar de ampliação; há um terreno que ao tempo foi destinado à Escola Técnica — e é tudo o que existe quanto ao 2.º ciclo.

Sector Loures-Santo António dos Cavaleiros e zonas interiores do concelho: para uma população actual superior a 60 mil habitantes, não há qualquer instalação para o 1.º ciclo e encara-se a obtenção de terreno para edifícios destinados ao 2.º ciclo.

Sector Sacavém-Camarate-Prior Velho-Moscavide: a população deste sector ultrapassa já os 60 mil habitantes, prevendo-se a curto prazo que atinja os 80.000. Para esta gente existe uma secção do ciclo preparatório e, diz-se no relatório, «impõe-se a criação de instalações para o 2.º ciclo».

Sector Santa Iria da Azoia-S João da Talha-Bobadela: a população deste sector é da ordem dos 40 000 habitantes. Não existem instalações para ensino secundário. Há terrenos ou possibilidade de o adquirir para o efeito.

COMPENSAÇÕES

Finalmente, refere-se no documento que as carências no ensino secundário são actualmente compensadas com instalações particulares em Pontinha, Odivelas, Moscavide, Sacavém, Loures, Santa Iria da Azoia, existindo postos de Telescola em Pontinha, Odivelas, Camarate, Sacavém, Moscavide e Unhos.

E evidente que, também aqui, o ensino particular serve uma parte ínfima da população interessada. O desenvolvimento habitacional do concelho de Loures tem sido galopante, como em toda a região de Lisboa. Mas a essa rapidez não tem correspondido resposta eficaz em infraestruturas sociais adequadas. Mesmo no plano urbanístico, só agora se começam a prever (esperemos que a exigir com carácter de prioridade) a doação de terrenos e construção de edifícios escolares e serviços de apoio. Mas, ao ritmo habitual de decisões e construções, quando as carências actuais do concelho de Loures estiverem satisfeitas, como será grande o atraso na altura verificado.

Antigamente, construir edifícios era o mais fácil: agora, é tão difícil como fazer professores ou reformar a Escola.

mesa redonda